

fon fon

João Pereira

1935



RHEUMATISMO

ARTICULAÇÕES DOLORIDAS

Ponha termo a estes horribes sofrimentos

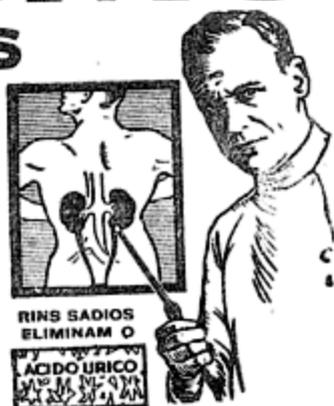
Soffredores que após terem estado acamados durante longos annos, recuperaram a força, livrando-se por completo, das agonias in descriptiveis provenientes do acido urico.



Assim os testemunhos de beneficios obtidos chegam em grande numero das cidades e aldeias, de todas as partes, do mundo, afirmando com que certeza e segurança as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga, cessam a tortura causada pelo rheumatismo.

Se V. S. soffre de contorções e ardor nos musculos, articulações inchadas e rigidas, as costas quasi partindo-se de dôres, males da bexiga, falta de vitalidade e energia; ajude aos seus rins a livrarem o sangue dos venenos accumulados, que produzem as terriveis dôres.

Comece já tomando as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Na primeira dose, em 24 horas, V. S. notará como são boas. V. S. sentirá e apparentará annos mais moço. Jamais sentirá dôres terriveis e fraqueza deprimente. Estará em condições para desfructar os prazeres da juventude.



PILULAS DE WITT PARA OS RINS E A BEXIGA

Recommendadas com absoluta segurança em todos os casos de Rheumatismo, Dôres nas Costas, Dôre Articulares, Sciatica, Males da Bexiga, Lumbago, Impureza do Sangue, Perda de Vigor, Insomnia, Perturbações dos Rins, Dôres nos Quadriz e todo depauperamento resultante do excesso de Acido Urico no organismo.

Casa de Saude
Dr. Francisco Guimarães

TELEPHONE
2-1266

SECÇÃO DE MATERNIDADE

Parto com internação
em enfermaria com
4 leitos, 300\$000.

Quarto particular:
450\$000

Prompto Soccorro
à domicilio.

Phone: 2-8050

DIARIAS DESDE 15\$000

Rua Aristides Lobo, 115

O CONTO BRASILEIRO

AQUELLA mulher, perdidamente clara e de olhos sensuaes, exercia esquisita attracção...

O ouro de seus cabellos e a voz tropical, levemente ironica, accendiam, em todos, um desejo veemente de amála e de fazerem, por ella, amados.

A malicia do olhar, a distincção no vestir, a elegancia dos gestos, — tudo nella tinha um *qué* de graça inconfundivel, que a tornava differente da vulgaridade. Dessa vulgaridade solapada, anonyma e chã, que possui os mesmos gostos, identicos habitos e costumes, e pensa e age de uma só maneira.

Os caprichos de criança grande, que não sabe bem o que quer, emprestavam-lhe, algumas vezes, o ar de garota travessa e voluntariosa.

Os olhos, de uma tonalidade verde-esmaecida, pareciam reflectir o estado de alma. Dir-se-iam revolver o mais profundo do seu sêr, retratando as qualidades de character, os arroubos do espirito ou os anseios de mulher...

Sua entrada alli, no club, onde a viam pela primeira vez, despertára, naturalmente, os olhares cubicosos dos homens e as criticas tendenciosas das outras mulheres. Sim, das outras, coitadas!, que não possuíam, como ella, o corpo plasmado na arte do bello, e o espirito independente, prompto a assimilar toda e qualquer iniciativa nova, desde que esta traduzisse uma fórma de progresso. Aceitava-a, satisfeita, por mais avançada que pudesse parecer ao criterio ridiculo. (por que não dizer como Graça Aranha?) desses retardatarios que reagem movidos pelas forças do Passado.

A' sociedade, voltava-lhe as costas, não dando, jamais, aos seus preconceitos tôlos, senão o valor mesquinho de que se fazem credores. E por isso, agindo mais por vingança, do que por convicção, esta sociedade, que definiu, galopantemente, devido ao seu pudor plégas e beato, se comprazia em aviltar, em calumniar, impunemente, aquella que trazia, consigo, a visão prophetica dos conquistadores.

Ella abandonou o *hall*, repleto de gente futil e cabotina, que se



Walkyria

— DE —

ALVARO MARINHO REGO

arvorava em criticos de ultima hora, invejosos e despeitados, com um meneio gracioso de corpo. Dirigiu-se, na sua calma imperturbavel, na sua *flegma britannica*, como diria um inglez, á sala de danças.

Desta se acotovelavam, indistinctamente, a matrona romana e a cortezã, o homem de sociedade e o calxeiro viajante, a viuva e a casada, o noivo e o solteiro...

Ao fundo, alinhavam-se mesinhas redondas, occupadas por mulheres finas e intelligentes. Dir-se-ia, ao vê-las, uma exposição de *bibelots* de luxo. Importados de França.

A recém-chegada sentou-se a uma das mesas e, puxando de um cigarro, pediu ao *garçon* que lhe trouxesse bebidas. "De alcool", frizou ainda. Enquanto esperava, o olhar se perdia nos grupos enlaçados...

O *cock-tail* excitára-lhe a mocidade sadia, amante do sol e amiga do mar. Estranha vibração percorreu-lhe o corpo. A valsa parecia, tambem, despertar toda a impetuosidade de sua carne moça e formosa. Era um convite, a que não poderia resistir... E ella sahio, rodopiando no salão, sedenta de prazeres...

Como dançava admiravelmente! A jovialidade de seus 18 annos não tinha limites. Era ardente. Desassombrada. Ampla.

Já agora se formava, ao seu redor, um ambiente de incontida curiosidade. Algumas pregadoras de falsa virtude a olhavam, mesmo, com *sympathia*.

Era a victoria da audacia e do desprezo sobre a agonia ingloria da intolerancia social!

O rapaz do violino sentia os dedos tremerem no instrumento, tal suggestão lhe causava a mulher loura...

Multiplicava-se de esforço, lançando aos ares as notas limpidas de sua musica.

Ella notou o entusiasmo do violinista. Dirigiu-lhe um olhar faiscante. E um sorriso imperceptivel aflorou-lhe aos labios. Era mais do que simples cortezia...

Quando o rapaz guardou o instrumento na caixa e se despediu, apressadamente, dos enervantes, companheiros, ella o esperava lá fóra. Sózinha. Parada em frente ao annuncio luminoso.

A scena foi rapida e singela. De accôrdo com a época.

— Seu nome?

— Walkyria.

Disse... e uma risadinha synchronizou-lhe o pensamento.

— E' original, não é? As amigas dizem que a minha vida é uma eterna valsa...

— Não menos original a dona...

— Você acha?...

Depois conversamos sobre uma porção de banalidades.

O feminismo ella o classificava de "idéa cretina, mettida na cabeça de mulheres ávidas de publicidade e exteriorização". E, para corroborar seu ponto de vista:

— Pois se nós, mulheres, não podemos passar sem vocês...

A palestra foi arrastando-se vagarosa. E quando Walkyria lhe perguntou porque se sujeitava á existencia monotona de músico, elle confessou ser por amor á arte. Não que precisasse desse meio de vida. Mas, tinha vocação pela musica. Questão de temperamento.

— Acresce, ainda, a circumstancia de ter tido, na familia, verdadeiros artistas, que teriam, de algum modo, influido na imaginação da criança, facilmente impressionavel.

Amára Walkyria desde o primeiro olhar. E, ainda aqui, primára sua sensibilidade artistica.

A moça se limitou a ouvir calada, talvez philosophando que muitos outros homens, que pas-

(Continúa na pag. seguinte)

O Segredo da Longevidade

Têm sido feitos muitos inqueritos para saber qual o segredo da longevidade de certos indivíduos que atingem ou ultrapassam um século de existência. As opiniões divergem em relação a varios fatores, mas são idênticas em relação ao descanço: *só se atinge a ancianidade, respeitando as horas de sono.* O descanço é sagrado. Quem não dorme oito horas por noite esfalfa-se, gasta-se, estraga-se, reduzindo o numero de anos de vida.

Ha muita gente "nervosa", "irritavel", "neurasthenica", só porque não dorme as horas necessarias e tolamente as sacrifica em *conversas fiadas* nas esquinas ou bares.

Para combater o desanimo, a irritação, a neurasthenia, nada mais facil: regularizar a vida, deitar-se nas horas convenientes e usar o esplendido Tonofosfan, que foi preparado por iniciativa e cooperação do Professor Blum, diretor do Instituto Biologico de Francfort.

Numerosas pessoas que usaram o Tonofosfan, ficaram admiradas do bem estar que sentiram apenas com as duas primeiras injeções desse precioso medicamento, as quais são absolutamente indolores e de grande proveito para os enfraquecidos, sejam crianças, adultos ou velhos.

WALKIRIA

(Conclusão)

saram por sua vida, lhe haviam dito o mesmo. todos...

Assim... naquelle abandono mo-fino, estava deliciosamente bella, envolvida na pelle de lã grossa. Aproximára-se do rapaz... E o halito morno de sua respiração dito o mesmo. E todos...

Em torno, corriam automoveis. Lampadas cuspiam luz. Victrolas ganiam hystericamente. Aviões cortavam, em rumor surdo de motores, a incrível beatitude daquelle morrer de tarde. Era a Vida...

Ao despedir-se, José Carlos levava, para casa, a forte impressão que lhe deixára essa mulher singular...

No dia seguinte, pediu, precipitadamente, dispensa do lugar.

E, por muito tempo, ainda, os habitués do club viram aquella mulher, perdidamente clara e de olhos sensuaes, cortando o salão nos braços fortes do rapaz do violino...

A MUSICA MYSTERIOSA

UMA noite, o joven musico Rodolpho Arnheim e Bertha, a mais formosa rapariga de Maguncia, se encontram a sós. Rodolpho e Bertha eram noivos, e, no entanto, deviam separar-se na manhã seguinte. Rodolpho ia para uma provincia distante, onde teria que permanecer dois annos estudando sob a direcção de um mestre competente. Quando voltasse, o pae de Bertha lhe cederia o logar de maestro da capella e lhe daria sua filha em casamento.

— Bertha — disse Rodolpho — toquemos juntos, mais uma vez, essa musica de que tanto gostas. Quando estivermos separados, ao cahir da tarde, quando nos chegar a hora dos pensamentos graves, tocaremos cada um a nossa parte, e assim nos sentiremos mais proximos.

Bertha tomou sua harpa. Rodolpho acompanhou-a com a flauta. E os dois jovens namorados executaram varias vezes a composição favorita de Bertha. Abraçaram-se chorando.

Rodolpho partiu.

Ambos se mantiveram fieis á sua promessa. Todas as tardes, á mesma hora em que estiveram juntos pela ultima vez, Bertha se sentava ante sua harpa e Rodolpho tomava da flauta. E cada um executava sua parte da musica. A's vezes Rodolpho interrompia-se de repente. Tinha a impressão de que as notas de seu instrumento se misturavam ás vibrações da harpa de Bertha. E dessa forma se passaram os annos. Uma noite, Bertha se achava com seu pae sob um carramanchão, no jardim, formado por cinco acacieiras que entrelaçavam seus ramos, no alto.

Através a estreita entrada, no horizonte, divisava-se uma franja purpura produzida pelos reflexos do sol no occaso. Era a hora delicada das recordações. Bertha pegou sua harpa e começou a tocar. De repente, parou e ouviu. Tudo era silencio. Até o vento deixou nesse instante de agitar as folhas. Bertha continuou a tocar e ouviu, então, uma flauta que a acompanhava. Era Rodolpho que voltava.

Dois annos depois, Rodolpho e Bertha tinham uma filhinha, fructo de uma união que o pae de Bertha abençoára antes de morrer.

Rodolpho era maestro da capella. Havia comprado uma formosa casa, atraz da qual havia um bosque de tilias e um prado onde brincava a garota. Rosas de Bengala, entrelaçadas, impediam, por vezes, distinguir o céu. Mas, a pequenina morreu. E mezes mais tarde Bertha morre.

— Em vão tento supportar a vida por meio de preces — disse ao esposo, sentindo proxima a morte. Devo encontrar-me com nossa filhinha e deixar-te. Esperar-te-ei numa vida melhor. Si aos mortos é dado reaparecer na terra, virei buscar-te: e nossas almas, confundidas, se elevarão ao céu. Todos os annos, na data de meu nascimento, á hora em que o sol se occultar, á hora em que as preces subirem até o céu com o dobrar dos sinos e o perfume das flores, tocarás essa musica que durante tanto tempo nos consolou de todas as amarguras da ausencia. Será o allivio, que te ajudará a supportar esta nova separação.

E, beijando-o, morreu.

Rodolpho pensou enlouquecer. Fizeram com que elle viajasse du-

Noite de Natal

Quando chegava a noite de Natal,

Outrora, nos meus tempos festivos de creança,

Papá Noël, carinhosamente,

Enchia a minha alma linha de esperanza...

Agora, quando chega a noite de Natal,

Tenho sangrando o triste coração...

Minha alma — sapato rôto

Transbordando de dôr... Tudo illusão!...

PAULO FREITAS

— De Alphonse Karr

rante algum tempo. De regresso, sentia-se mais sereno. Mas a secreta melancolia que se apoderou delle nunca mais o abandonou. Encerrou-se em sua casa, sem querer receber ninguém, sem querer ir a parte alguma. Deixou o quarto como estava no momento em que sua esposa morreu: o leito revolto, a harpa num canto. Quando chegou o anniversario de Bertha, Rodolpho vestiu seu melhor traje, encheu o quarto de flores. E ao cair da tarde tocou no seu instrumento a musica que tantas vezes interpretaram juntos.

Na manhã do dia seguinte encontraram desmalado, no chão. Quando voltou a si, estava outra vez allucinado. Foi necessario viajar novamente.

Voltou um anno mais tarde. Seu cerebro parecia haver recobrado o equilibrio perdido. Mas, Rodolpho estava triste e se mostrava sempre silencioso. Outro anniversario. Novamente o quarto cheio de flores frescas. Pela noite, vestido como no dia de seu casamento, encerrou-se em seu quarto. E, como no anno anterior, pela manhã encontraram estendido no solo. Quando quizeram retirá-lo dali, disse friamente que, si não o deixassem no quarto onde lhe morrerá a esposa, se mataria. E accederam, tanto mais que sua razão não parecia affectada.

Que havia succedido? No primeiro anniversario, quando Rodolpho começou a interpretar a musica, vibraram as cordas da harpa, acompanhando-o. Si parava, tambem se interrompiam os sons da harpa. No segundo anniversario, na supposição de que houvesse sido victima de uma illusão, repetiu a experiencia: quando elle deixava de tocar, emmudecia tambem a harpa. Duas vezes cahiu, aterrorizado, e passou toda a noite em profunda agitação. Mas, acabou por habituar-se áquellas violentas emoções e a encontrar nellas uma dolorosa paz. Todas as tardes, todas as noites, conhecia agora a mesma impressão de milagre. Enquanto isso, seus olhos ficavam mais fundos e adquiriam um fulgor sobrenatural. Um amigo, alarmado, quiz conhecer a causa daquillo, quiz saber o que fazia Rodolpho encerrado no quarto da morta. E indagou-lhe. Rodolpho lhe disse que tocava a flauta e que a sombra de Bertha tangia a harpa.

A morte é o principio de outra vida. A' medida que me sinto morrer, sinto tambem que vivo mais intimamente com minha esposa. Todas as noites, ao ouvir a mysteriosa harmonia, parece-me vêr

Bertha com sua harpa. E sinto-me feliz... Não preciso nada mais no mundo, nem de ninguém...

Mais um anniversario de Bertha chegou. Rodolpho outra vez encheu o quarto de flôres. Prendeu uma flôr á lapella. Espalhou petalhas de rosas no leito da morta. Ao entardecer, tomou seu instrumento e executou a musica que Bertha preferia. O amigo, occulto atrás de uma cortina, estremeceu ao ouvir que os sons da harpa se uniam aos da flauta. Rodolpho se pôz de joelhos e rezou.

Tirou a sorte grande

É de praxe entre as agencias de Loteria apresentar ao publico, até pelos retratos, as pessoas que a sorte bafejou. O que teve a chance de tirar a sorte grande, corre a clichérie de todos os jornaes e revistas. Fica conhecido e, quiçá, invejado.

Não ha reclame mais convincente. Todo o mundo, em virtude delle, é tentado a experimentar a sorte.

Si fôsse possível fazermos a mesma coisa em relação ás pessoas beneficiadas pelo W-5, apresentando-as com o seu novo e juvenil aspecto, encheriamos as paginas das revistas, e mesmo porque, em W-5, não ha bilhete branco, isto é, todas as caixas são premiadas, de vez que todas facilitam á mulher a melhor sorte grande que pôde desejar na vida: não envelhecer.

Mas, em absoluto, quebrariamos a discipção que, nesse respeito, constitue um sagrado dever nosso. Podemos ficar tranquillias, gentis clientes; continue guardando esse vosso segredo; não o reveleis nem ás vossas mais intimas amigas e nem mesmo — como muitas o fazem — aos vossos maridos, pois não seriamos nós quem iria desvendá-lo. Basta que todos admiremos a belleza de vossa cutis renovada, a magnifica elegancia de vosso talhe, sem apregoar que conseguistes essa restauração de vossa pelle por meio de um tratamento pelo W-5. Basta que vós sózinhas, o sabeis.

A harpa então continuou a tocar sozinha, no canto. Viam-se as cordas vibrando sem que ninguém as tocasse. E ella executou uma musica celeste, que ninguém havia ainda ouvido e que ninguém já-mais ouviria. Logo retomou o som que Bertha amava tanto. E quando esta musica acabou, todas as cordas da harpa, subitamente, se romperam. E Rodolpho cahiu de bruços.

O amigo permaneceu durante alguns instantes immovel, como Rodolpho.

Depois, correu para levantar o amigo, e verificou que Rodolpho estava morto.



Limitar-nos-emos a apontar esse prodigio de successo que obtivestes pela moderna medicina do Prof. Kapp, através de figuras anonymas, como a que illustra, hoje, esta noticia. Sendo embora o retrato fiel dos vossos esbeltos corpos, vêde que pelo lindo rosto ella não chega a trahir-vos... Mas, intimamente, confessae a vós mesmas: esse enorme beneficio á vossa pelle, esse bem-estar que gozades o deveis ao W-5! Reconheceis W-5 é o mais efficiente meio de se combater a velhice!

As pessoas interessadas encontram no Departamento de Productos Scientificos, á Av. Rio Branco, 173-2.º, Rio de Janeiro, e á rua São Bento, 49-2.º, em S. Paulo, ampla litteratura a respeito.

A « « G A F F E » »

A senhora e o senhor Prudhome festejam suas bôdas de prata. Espectativa, dinheiro, sumptuosidade. Salões repletos de flôres e de lindas mulheres.

Senhora Prudhome: cinquenta annos. Foi muito bonita. Gorda, cabellos grisalhos, extremamente myope. Veste com riqueza.

Senhor Prudhome: sessenta annos, delgado, cara de bom homem, calvo correcto.

Depois de haver attendido aos convidados, elles, um pouco fatigados, se sentaram em um sofá que occupa um logar estratêgico. Dali se domina o conjuncto, e por ali, mais ou menos perto, desfilam os casaes.

SENHORA. — Começo a sentir-me cansada. E tú?

SENHOR. — O mesmo digo eu, Isabel. E, a julgar pelo entusiasmo, ha cansaço para muito tempo! Quanta gente veiu!

SENHORA. — Bem sabes que, para divertir-se... Cala-te! Ah! vae a Tina Lacroise. Julguei que não viria, pois sabes que não tolera a Lucia...

SENHOR. — Não, mulher. Si essa é Martinha, a filha de Nolting.

SENHORA. — Tão parecidas! (O senhor não está de accôrdo, mas não o contesta).

SENHORA. — Observaste que empenho ridiculo o da senhora Davies em querer parecer a irmã de seus filhos? Está espantosa. O cabelo já não quer tomar uma coloração definitiva. A cara é, decididamente, a de um clown. Disseram-me que usa pós de quatro tons diferentes ao mesmo tempo. Gritinhos, saltinhos, nuca raspada, trajes espalhafatosos... que horror! Ah, e flirta! Emquanto o marido bebia interminavelmente champagne, ella conversava com Roberto Durot, e o aturdia com suas extravagancias. O pobre rapaz supportou até onde o permitia sua educação, e depois o vi sahir, quasi correndo, ao encontro de um amigo salvador.

SENHOR (que escutou paciente-mente). — Isabel, pódem ouvir-te. Falas forte, sem o perceberes, e...

SENHORA. — Olha, olha! Elvirinha Forbes. Como está mal vestida! Parece mentira, com o dinheiro que têm seus paes! E esse horrivel costume de encher-se de joias de fantasia! Que horror! Que miseria!

De Anna Maria B. de Black

SENHOR. — Mas si isso que brilha é o traje... Ella não traz nenhuma joia.

SENHORA. — Estás mal da vista, André. Bota oculos.

Elvirinha Forbes dirige-se para o casal, e:

— Aqui estão os eternos noivos! A festa está radiosa. Todo mundo se diverte, e vocês devem sentir-se muito felizes esta noite, não é verdade?

SENHORA. — Elvirinha, como estás bonita! Agora mesmo commettavamos tua elegancia, teu bom gosto.

SENHOR. — E' verdade!

SENHORA. — Sim, realmente, estamos satisfeitos. Os amigos nos acompanham nesta feliz evocação dos annos juvenis. (Commovida). Fomos tão felizes! Nunca um desaccôrdo, nunca uma censura, nunca uma rusga. Não é verdade, André?

SENHOR (pensa que, com a idade, a senhora perdeu a memoria,

mas confirma). — Oh, uma harmonia perfeita!

SENHORA. — Oxalá com o correr dos annos possas tu dizer o mesmo!

Elvirinha (ruborizada). — Oxalá!... Até já! (Afasta-se).

SENHORA. — André, não é correcto teu comportamento... Não me interrompas! Pões-me em ridiculo com teu ar condescendente. Por que não dás, como eu, a impressão de plenitude indispensavel nestes casos? Fizeste-me nervosa. Ou é que tens alguma coisa a censurar-me?

SENHOR. — Isabel...

SENHORA. — Cala-te, malagradecido! Todos os minutos de minha vida empregados em ser-te agradavel, para que esta noite os outros digam: "Pobre homem! Tem cara de victima!" Por que não sorris?

SENHOR. — Mulher, estou cansado. Além disso, não creio que nos vamos photographar agora...

SENHORA. — André, não ponhas á prova meus nervos! Isso que disseste é idiota.

SENHOR (procurando distrahir-a). — Isabelinha, gostas de meu presente? Achas de bom gosto?

SENHORA (mudando completamente o tom). — E' precioso! Turquezas e brilhantes: la dernière. Mas está incompleto: comprehendes que um collar sem os brincos...

SENHOR (á parte). — E' inútil. De maneira alguma acerto. (Alto). Desde logo já sabes que podes contar com elles.

SENHORA (effusiva). — E's delicioso! Como me sentiria feliz si nossa filha conseguisse um marido como tu!... Esta noite ella está maravilhosa! O "Vionnet" ce-leste pallido foi um éxito. Ella o ostenta com desenvoltura de princeza. As outras, a seu lado, parecem damas de companhia.

SENHOR (cabeccando). — Sim... sim...

SENHORA (escandalizada). — Olha, olha! Que falta de pudor! Essa... qualquer, naquelle canto, exhibe as pernas como uma bailarina professional. Vou já chamar-lhe a attenção...

SENHOR (Arrancado bruscamente de sua doce somnolencia, abre muito os olhos e olha. Depois, lutando entre a compaixão que the inspira a irremediavel myopia de sua mulher e o desejo de rir, exclama): Mas, Isabel, si é nossa filha que está concertando o vestido, naturalmente machucado por algum mal ballarino!

Tableau!



Evite o CABELO BRANCO

JUVENTUDE ALEXANDRE

Evite os CABELOS BRANCOS

DEPOSITO:

CASA ALEXANDRE

OUVIDOR, 148 -- Rio

O destino é irrevogavel

O episodio biblico do pastor que servira a Labão durante sete annos, com o fim de lhe receber por premio a filha mais moça, não será por certo um caso isolado na historia da vida dos povos.

Episodio semelhante contam de eminente cidadão, figura contemporanea de relevo no escólo social carioca.

Semelhante, com relação á perseverança de Jacob na fidelidade prometida, trabalhando sete annos para obter a posse da linda montanha.

Elle, o cidadão illustre por todos os titulos, que outro não é senão o doutor Roberio Roberval, herdára dos paes alguns bens e muito moço ainda se dedicára ao commercio.

Gostára de bella senhorita da sua terra e nada lhe applacava a paixão grande que lhe augmentava o ardor de progredir no negocio para, no futuro enlace, dar bastante commodidade á consorte.

Ella, — Thais ou Thaisinha, como era mais conhecida por quasi todos da pittoresca cidade mineira, muito carinhosa no falar, morena, pequenina deusa para um idyllico passeio, com a epiderme sensível e suave como a frescura das fontes e côr de jambo, com os olhos da mesma côr do indigo celestial, com o cabello encaracolado e côr de castanha,—retribuia-lhe o delicado affecto.

Com alegria recebera-lhe mais tarde o pedido de casamento e pedira ulter'ormente licença ao progenitor para aceitar o noivado.

O pae de Thaisinha, fazendeiro rico, mas homem de intelligencia escassa e algum tanto ignorante, discordára: criára a filha com desvelo extremo, para que? Para se casar com um rapaz sem instrucção...

Sem instrucção? — protestava a filha. O seu pretendente, não obstan-

De Hormino Lyra

te se ter dedicado ao commercio, era um moço intelligentissim' e instruido. Modesto, sim, mas revelava saber muito. Só não era doutor. Porém conquistaria qualquer pergaminho, si tanto lhe fosse exigido.

Obstinação do pae.
Pedido de Thaisinha.
Promessa do apaixonado.

E liquidára elle todos os seus negocios e partirá para o Rio, afim de concluir o curso de preparatorios e matricular-se na Faculdade de Medicina. Satisfazia desse modo ao pedido de Thaisinha e o capricho do pae della.

Intelligente e estudioso, obtivera a indispensavel instrucção secundaria e habilitára-se para a matricula do ensino superior.

Fôra bom estudante. Os collegas de Faculdade admiravam-no pejo seu talento, pelas qualidades moraes. Fez o curso superior com distincções.

Nos estudos gastára sete annos para, aos olhos do progenitor da sua amada, se mostrar digno de merecer a mão della.

Por ultimo, com a these de doutor em medicina, fez-se notavel.

Fez-se notavel e só tem progredido na sua scien-

cia mas, antes de terminar o curso superior, no anno da formatura já sabia o que lhe fôra predestinado: ainda que trabalhando outros sete annos para gaudio e capricho do pae da noiva gentil, como acontecera ao denodado esposo de Rachel, não receberia por premio a pretendida; Thaisinha desposára outro doutor!

E doutor Roberio Roberval, espirito superior, só encontrára esta solução para o caso: resignar-se. Renunciára ao grande amor, tão mal correspondido.

Sem esperar, viéra outra paixão amorosa.

Casara; que o destino é irrevogavel.



QUE PERFUME AGRADAVEL

UNTISAL corrige os excessos do suor, e activa a circulação do sangue.

UNTISAL deixa um perfume agradável, depois de applicado.

Applique UNTISAL contra os excessos do suor, nos braços e nos pés.

MILHÕES DE PESSOAS O USAM.

Untisal



ONDE O PUZEREM ACALMA.

Em deparada da fazenda União. Onde passaria as férias e se restabeleceria de um serio depauperamento, oriundo de serla applicação nos estudos de medicina, seguia Roberto, elegante rapaz da capital.

A noite o surprehendêra quasi no fim da jornada. Mas, como tudo contribuia para facilitar os desejos desse rapaz, surgiu a lua prateando a larga estrada que ligava a fazenda á estação ferroviária.

Roberto começava a sentir-se cansado, quando, no alto de uma collina, se lhe deparou, sob frondosa gamelleira, uma porteira de esticas de pinho.

Pelas instruções que recobêra, começava ahí a divisa da fazenda. — Até que afinal! — murmurou.

Em frente, estirava-se bella paisagem. Como raramente tinha sahido do perimetro urbano da capital, não poude deixar de saltar da almarmia para, contemplativo, analysar o velho casarão branco que se erguia no fundo da varzea, o rio que serpenteava por entre o pasto e o estradão que ia acabar no terceiro da fazenda.

— Ah meu caro estudante — disse-lhe o coronel Rodrigues, ao ouvir o romantismo do rapaz. — Si soubesse que sob aquella gameleira ha trez cruces recentes, e que á meia noite a cancella de pinho bate furiosamente gozinha, teria chegado aquil alguns minutos antes...

Roberto sentiu um estremeimento. Mas, encorajado á lampada de cem vellas que illuminava a sala, e com um lindo par de olhos que acabava de apparecer, sorriu...

Feitiço, assombração, lobishomem, são coisas que me divertem... Certa vez...

E contou coisas de *far-west* e da Africa...

Si essas proezas fizeram o esperimentado fazendeiro sorrir e manear a cabeça enquanto o estudante não o fitava, não deixou de impressionar profundamente Cecilia.

Em todas as fazendas ha sempre uma moça bonita. Mas a fazenda União nesse ponto tinha ultrapassado todos os limites.

Si se perguntar ao mestre escola quem é Cecilia, terá uma só resposta: "Ha por acaso quem não conheça Cecilia? Ha quem nunca tenha ouvido falar na belleza de Cecilia? Impossivel!"

Esse professor de primeiras letras, evidentemente pouco versado em geographia lèra que o pachá da Turquia requisitava as mais bellas donzellas do Reino. Pois bem,

A RIVAL



Vivia admirado como Cecilia se expunha passeando sozinha...

...

Após algumas semanas, Roberto estava forte, tão forte como o amor existente entre elle e Cecilia. E os dias passavam serenos e festivos como o regato que corria no fundo do velho casarão. Assim, veio o dia inevitavel de regressar aos estudos.

Na vespera do embarque, fez-se a despedida. As mesmas juras de sempre, as mesmas palavras de todo namorado. Acima de tudo, a esperanza forte que se apoia na sinceridade da sertaneja, e a confiança rija de quem tem deante de si um curso de responsabilidade.

A noite era de plenilunio.

— Sabes, — perguntou Cecilia, — que quando numa noite estrellada vemos um ponto luminoso riscar o céu, veremos realizados todo desejo que tivermos em pensamento nesse momento?

Roberto não sabia de nada, mas respondeu como si soubesse. Resposta de estudante... E, pondo-se a fitar o céu, murmurou ao ouvido de Cecilia:

— Quero um castello. Um castello cheio de flores, cheio de luzes e melodias tristonhas. Em volta, um jardim florido e sempre doirado pelo sol, onde as borboletas azues esvoaçam preguiçosamente com a orchestração dos regatos que passam á sombra dos arbustos fíalgos. Quero um pedaço desse veludo azul aonde estiver mais salpicado de pontos luminosos, para fazer um manto para a rainha desse castello encantado... Quero...

Nesse momento um ponto luminoso riscou com traço rapido o céu. Roberto beijou as mãos de Cecilia, e ao ouvido murmurou-lhe:

— Bem sabes quem é a rainha do castello que acabo de pedir.

A sombra da casa ameaçava atingir o lugar onde os dois namorados estavam, quando Cecilia comprehendeu que era hora de recolher-se. E, apertando entre as suas as mãos de Roberto, pediu:

— Você me escreverá Roberto?

— Escrever-te-ei sempre, e te mandarei os meus melhores beijos.

— Dir-te-ei, sempre, que vives no meu pensamento forte e grande como agora. Ver-te-ei todos os momentos nos meus livros, nas flores do jardim da escola, nos meus sonhos e no retrato que aqui tenho sobre o coração.

— E si encontrares uma moça mais bonita do que eu?

— Si encontrar, não acreditarei nos meus olhos...

Ao romper da aurora, Roberto transpunha a collina da fazenda, levando o coração cheio de saudades e esperanças, e deixando Cecilia cheia de esperanças e saudades.

...

Outras férias vieram, e, com ellas, Roberto.

Si durante esse intervallo o amor de Cecilia cresceu, o de Roberto diminuiu. Na cidade, um outro amor tomára, em parte, o lugar de Cecilia.

Qualquer coisa no intimo de Roberto dictava que Cecilia era a esposa ideal. Mas podia elle, quando medico, viver na cidade ligado a uma mulher que nunca sahira da roça?

Não seria preferivel a outra, que, embora não fosse portadora de belleza igual á de Cecilia, sabia enfeitar-se e conhecia mil maneiras de fazê-lo feliz?

De Abel Moschen



Como poderia convencer Cecilia de ir á praia de *maillet*, si ahí na roça mesmo tendo tudo propício, nunca lhe conseguira um beijo? Impossível! Preferível a outra, que já lhe déra milhares de beijos estylo Greta Garbo...

Mas, como bom estudante, conservou a da cidade e Cecilia. E, ao despedir-se, deixou reticencias no si voltaria ou não...

E si nas férias, seguintes voltou, foi para pôr um ponto final naquelle amor que começára tão bem.

A occasião era propícia. Eram as ultimas férias, e dentro de um anno estaria formado.

Segurando as mãozinhas de Cecilia, disse:

— Continuemos como bons amigos. Sabes que sempre te quiz, que nunca encontrarei mulher que reúna os teus predicados; mas acabemos com tudo. Eu não me casarei nunca, e por isso não quero roubar por mais espaço o teu tempo.

Cecilia esperava por isso. No momento não lhe ocorreu o que dizer.

Depois, pela primeira vez, beijou-o.

— Eu sabia que ias me deixar. Eu sabia que não podias casar commigo, porque sou uma moça da roça... Mas eu te quiz sempre tanto, que nunca tive coragem de pensar nisso.

Cecilia lembrou-se que mesmo na cidade era difficil encontrar uma moça bonita como ella (o mestre escola não mentia). Continuou:

— Mas eu vou passar uns mezes na cidade até ficar igual ás melindrosas... E depois, si te convier, nós casaremos.

— Não penses nisso. Está defi-

nitivamente assentado que não me casarei com ninguém.

— Irei então para ver-te de longe quando passares...

E encheu-o de beijos novamente.

Roberto poz em campo todos os argumentos capazes de desilludil-a.

Mas Cecilia sabia o valor da belleza que possuia.

Sabia que a belleza na mulher supéra a própria riqueza.

E, assim, Roberto não encontrava um argumento decisivo, um argumento capaz de fazel-a dizer: "Está tudo acabado!" E necessitava dessa phrase, porque sem ella não podia considerar-se plenamente desligado da meiga Cecilia. E quando todos os esforços foram inuteis, lembrou-se que tinha no fundo da mala uma photographia de mulher que conseguira durante uma "estudantada" á porta de um cinema.

Cinco minutos após, elle a contemplava demoradamente. Comparou-a com a que tinha tirado mezes antes. Viu a differença. Leu a dedicatória: "Ao meu Roberto, todo o meu amor. Margot"

Não restavam duvidas. O retrato que tinha entre as mãos era mais bonito do que o della... Devolveu-o, e ajuntou:

Realmente, está tudo acovado entre nós.

Roberto terminou brilhantemente o curso. Tudo lhe corria maravilhosamente bem. Sentiu, no entanto, que lhe faltava uma mulher leal que o comprehendesse e o amasse. E certa tarde fria e chuvosa passou em revista um album de photographias. A ultima era de Cecilia. Lembrou-se dos bons tempos em que passava as férias na

fazenda. Viu desenharse aquelle rostinho meigo e sorridente que lá deixára. Essa recordação fê-o depondurar na parede do consultorio o retrato, e quedar-se contemplativo. "E si Cecilia estivesse aqui ao meu lado, agora? Si me fitasse profundamente, como o fazia antigamente, e me perguntasse: "Você gosta muito de mim, Roberto?" Que lhe responderia eu?"

Roberto voltou no dia seguinte para a fazenda União.

Passou tarde da noite pela cancella de esticas de pinho... pensando somente em Cecilia.

Dessa vez, o proprio fazendeiro se convenceu de que o rapaz era mesmo corajoso. Digno, portanto, do pedido que acabava de fazer. Mas para Cecilia surgiu uma baureira. A outra, a do retrato bonito, mais bonito do que o della, não estaria na cidade para perturbar-lhe a felicidade? Como teria vida tranquilla, como desejava? Mas gostava tanto de Roberto, que recebeu o pedido de noivado com um sorriso alegre.

Dois mezes após, foram para a cidade. E si a felicidade não era completa, era devido á rival do retrato. Cecilia mostrava-se constantemente enclumada a ponto de constituir uma tortura para o joven medico.

Podia dar uma explicação sobre a origem do retrato. Mas, para uma pessoa enclumada, os proprios factos são geralmente postos de lado...

A explicação exacta. Roberto a daria, mas em ultimo caso. Isso porque...

Cecilia, que a todo momento esperava se encontrar com a rival, teve um dia um estremecimento. Lá estava ella... com o mesmo olhar languido da photographia.

As mãos de Roberto, que Cecilia tinha entre as suas, estremeceram. E antes que ella lhe torcesse um dedo, retirou-as apressado.

Cecilia havia descoberto a velhacaria do estudante de outrora. Mas havia descoberto, tambem, que o clume era sem base, e que a rival, embora de bom kilate, não abalaria o amor de Roberto.

Sem perceber que o companheiro estava corado até a raiz dos cabellos, feliz, perguntou:

— Ella chama-se mesmo Margot, como estava na dedicatória? Sim, porque acabo de comprehender que a dedicatória foi arranjada por você... meu convencido...

— Roberto, com um dedo tremulo, apontou para a tela... e disse:

— Não, ella não se chama Margot. Chama-se Greta Garbo.

As pessoas de idade adquirem forças com o Oleo de Fígado de Bacalhão

As Pastilhas McCoy de Oleo de Fígado de Bacalhau, cobertas de assucar, são muito agradáveis de tomar — Rápido augmento de peso

Nesta época de grande progresso para que se deixar abater pelo enfraquecimento que chega com a idade? Todo o mundo sabe que o Oleo de Fígado de Bacalhau contém mais que qualquer outra substancia conhecida, as vitaminas tão necessarias para a saúde do corpo e para rejuvenescer o organismo das pessoas idosas, fatigadas e enfraquecidas; mas ninguém gosta de tomar este oleo

devido ao seu terrível gosto e por causa dos disturbios que provoca no estomago.

A sciencia medica avança a largos passos e V. S. aprenderá com alegria que hoje se encontra nas pharmacias o mais puro Oleo de Fígado de Bacalhau sob a fôrma de Pastilhas cobertas de assucar que pequenos e grandes tomam facilmente e com prazer em todas as estações. V. S. obterá grande

proveito das Pastilhas McCoy de Oleo de Fígado de Bacalhau. Porque não ha de sentir-se 10 annos mais joven? Porque não dar ao corpo uma vitalidade nova? Homens, mulheres e crianças magras, anemicas e esgotados devem tomar immediatamente as Pastilhas McCoy. Uma senhora adquiriu 3 kilos em 5 semanas. Um menino muito debil recuperou 5 kilos em dois mezes.

DOIS LIVROS Adonai de Medeiros

FAÇO minhas as palavras do apostolo S. Paulo: "Para o coração puro, nada é impuro". E, foi revestido dessa pureza, que deve ser o envoltorio de todo homem de espirito, que li o romance de Octavio Tavares "O Manguê".

Seu actor, cujo brilhantismo, intelligencia e talento já o fizeram um nome notavel nas letras patricias, desenvolve o thema, por vezes escabroso, com uma rara perfeição de linguagem nos escriptores nacionaes. Paulo Martins chamou a essa afinação no escrever o vernaculo "escrever lingua de branco". O lapidador do "O Manguê" se extrema na correcção da sua escripta; desarvora-se nas imagens scintillantes; desbraga-se nas tiradas philosophicas. Theatrologo, arma scenarios no romance de efeitos maravilhosos. Não ha trechos que citar. Em todos ha a procissão do esculpido de imagens, ha a preocupação de evitar o terra-terra dos livros realistas. Poeta, faz, com a prosa, verdadeiros poemas villonescos. Onde, porém, Octavio Tavares deixa os nossos stylistas longe, é na variedade de ambiente em que joga a sua obra, alcandoranda, muitas vezes, o palco carioca, para entrar, como um turista do espirito, por este Brasil afóra, muito do seu conhecimento, muito do seu sublimado amor patrio. Quadros ha, nesse "salão" de pinturas realistas, que impressionam pelo colorido. Vemol-os de todas as escolas, resumbrando sempre o aspecto doloroso daquelle painél horripilante que são as ruas miseraveis e deploraveis da feira de amor — o Manguê.

Lido o livro, sem o intuito de o desprestigiar, seria um forte documentario para as medidas restrictivas, quando não de amparo

legal, á infimidade de infelizes que escôam por aquella sargeta da vida...

Dentro das lutas, das emoções subteis, das impetuosidades exploradoras, dos encontros lascivos, dos transe commovedores, palpita, exsurge do lodaçal, lyriado, o Amôr... Não o amôr-mercadoria, o amôr-moeda, mas o sacrificio de uma alma infeliz que encontrou no mesmo pantano a outra metade do seu destino... Aquelle amôr de que nos fala Augusto dos Anjos:

.....
*da minha caveira para a tua ca-
[veira,
do meu sepulchro para o teu se-
[pulchro."*

Sim, porque as rotulas das casas do Manguê se assemelham a carneiros, onde as caveiras apparecem sob as máscaras de oxigené e pintura...

Recommendavel para todos os que amam a vida epicuristamente, pois, nas nossas alegrías falsas, devemos nos lembrar sempre daquelle ponto amargo do destino...

Bem razão teve Oscar Wilde quando affirmou: "Não ha livros immoraes, ha livros bem ou mal escriptos". E' o caso do "O Manguê", de Octavio Tavares. Vasado em linguagem elevada e em portuguez escorelto, "O Manguê" deixou de ser um livro immoral por estar muito bem escripto.

Ser critico literario é bitolar o seu pensamento com o do escriptor que se commenta. Fazer critica é procurar aferir na balança das nossas impressões intimas a que nos suggeriu a leitura da obra que acabamos de ler. E' muito ardua a profissão do jornalista que faz a columna literaria!

Para que as palavras do articulista repercutam, convincentemente, mistér se torna a padronização dos sentimentos humanos. Fóra preciso que o leitor tivesse as 120 pulsações do critico. Que possuísse na sua economia organica a mesma quantidade de bacterias. Tal, porém, não acontece. Razão por que, lendo, agora, o "Bazar de Livros", de Raul de Azevedo, verifiquei não ter o seu autor a preocupação de, dictatorialmente, querer impôr o seu ponto de vista. Delicado, analysta, extravasa a sua opinião sem aquelle intento do "magister dixit".

"Bazar de Livros" é o enfeixe daquellas "chronicas risonhas" que já haviamos lido e apreciado no rodapé de "Vanguarda". Vem o Raul e nos offerece num só volume todas ellas. Que bom! Nós que tivemos o cuidado de recordá-las e guardá-las, agora as temos todas reunidas. Nota-se no livro do autor de "Amores de Gente Nova", de "A alma inquieta das mulheres" e outras mais, o estylo leve, acolhedor, risonho, delicado com que aprecia certos escriptores. Raul de Azevedo não tem o um iconoclasta. O seu rodapé não é "tronco". Tampouco será altura para deuses de macumba... A pedada de Raul vale mais que o demagogismo de certos criticos. Pontos de vista? Não sei. Póde se ser sincero, como o Raul é no seu "Bazar de Livros", sem ferir melindres. E é esta a verdadeira escola. A vida é tão pequena, tão fugaz... Para que nos comeremos uns aos outros esterilmente?...

O livro de Raul de Azevedo merece attenção, e a leitura arde na dos diversos trabalhos encartados pela fidalguia de linguagem, pela subtileza na apreciação de cada um dos trabalhos que foram submettidos á sua critica.

Mau Halito



Uma Grande Verdade:

Muitos homens e muitas mulheres, que têm dentes bonitos e limpos e tratam a boca com todo cuidado, sofrem, apesar disso, de mau halito.

Mais Ainda:

Muita gente sofre de mau halito sem sentir, nem dar por isso, e, infelizmente, nada é mais incomodo quando se fala.

A Razão:

A razão é que, quasi sempre, o mau halito é causado pelo grande acumulo de impurezas e fermentações toxicas no estomago e intestinos.

O estomago pode estar sujo sem que se desconfie de nada, e mesmo quando se pensa estar de perfeita saude.

Não basta tratar bem os dentes e a boca. Não basta!

Para evitar e curar o mau halito é tambem indispensavel tratar, com todo cuidado, o estomago e os intestinos.

Hoje em dia todos fumam, sejam homens ou mulheres, e isto, com o tempo, faz mal ao estomago.

Sobrecarrega-se o estomago e intestinos de comidas pesadas, indigestas, mal mastigadas e engulidas depressa; de licores e bebidas quentes ou frias.

Aparecem, então, as perturbações internas, e os restos dos alimentos, demorando muito tempo no estomago e intestinos, produzem substancias perigosas que invadem o sangue, prejudicam enormemente a saude e causam desta maneira o mau halito.

Para evitar isto use **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre é um remedio de inteira confiança para evitar e tratar o mau halito, porque limpa o estomago e os intestinos das impurezas, substancias infectadas e fermentações internas que tão grande mal fazem ao sangue.

Todas as noites, antes de dormir, tome duas ou tres colheres (das de chá) de **Ventre-Livre** em meio copo de agua.

Assim se trata o estomago sujo.

Somente assim se evita e se trata o mau halito.

Use **Ventre-Livre**

o o o

Deposito de **Ventre-Livre** e *Regulador Gesteira* em França:

La Pharmacie Roberts et Cie., 5 Rue de la Paix 5, Paris.

O Dr. J. Gesteira tem tambem Laboratorios nos Estados Unidos.

Dr. J. Gesteira : **Butterick Building**

161 Sixth Avenue 161, New York, N. Y.

e

6555 East Jefferson Ave. 6555, Detroit, Mich., U. S. A.

Ventre-Livre e *Regulador Gesteira* são os unicos remedios brasileiros que se vendem nos paizes estrangeiros, facto que os brasileiros que viajam podem sempre verificar pessoalmente.

NOIVADO INFANTIL

DE NORALISI

No dia seguinte completaria annos o coronel Marques e na casa grande da fazenda ia a balburdia da vespera das grandes festas.

Todos tinham a sua tarefa. Uns poliam as mobílias antigas, outros sacudiam os tapetes floridos, limpavam a bella baixella de prata, preparavam no alpendre o altar para a missa, enquanto na cozinha, sob as ordens de d. Maria do Carmo, a dona da casa, ajudada pelas irmãs e cunhadas, eram preparados os doces e quitutes, com que no dia seguinte se deliciariam os convidados.

A casa da fazenda era um grande predio colonial, baixo e cercado de alpendres. Na frente estendia-se longa a malhada, que nos dias de vaquejada ficava repleta de rezes e cavallos campeiros, montados por vaqueiros de toda a redondeza, muito orgulhosos nas suas vestes completas de couro curtido. Ao lado ficava o curral. Mais além o tanque immenso, em cujas bordas, balançadas pela brisa, se inclinavam mansamente as flôres roseas do capim santo.

Do lado esquerdo estava o jardim cultivado, onde os jasmineiros esmaltavam de branco a areia fina dos canteiros; após o jardim era o pomar.

No grande salão, a mobília de carvalho já estava sem as capas que a resguardavam da poeira; e as cadeiras, brilhantes pelo polimento recente, alinhavam-se symetricamente ao longo das paredes cobertas de papel azul pintado de flôres roseas. Quebrando a monotonia existente, a um canto do salão, uma esguia joven dispunha, em uma jarra de Sévres, um apanhado de rosas que dava uma nota de elegancia e perfume ao austero ambiente.

Era Mariazinha, a filha mais velha e a meni-

na dos olhos do coronel Marques. Tinha 18 annos e estava de volta do internato, onde passára oito annos sem vir á fazenda. Era um typo bonito de mulher do norte. Morena, de linda pelle corada e macia, cabelos negros e sedosos, e em contraste uns lindos lindos olhos claros.

Tendo terminado de arranjar as flôres, Mariazinha dirigiu-se á janella, abrindo-a de par em par. Lá fóra o sol ofuscava, dardejando raios obliquos sobre a extensa malhada onde alguns bois modorrentos punham manchas claras no mata-pasto...

A' sombra de um frondoso cajueiro uma rede franjada, estendida de galho a galho, convidava ao repouso, e bem ao

longe, as serras que nos dias de chuva appareciam cinzentas, cobertas de nevoeiro, brilhavam então, intensamente azuladas sob a luz vibrante do sol nordestino...

Mariazinha embebia, encantada, os lindos olhos claros naquella festa de luz, quando sentiu deslizar sob o seu braço uma pequena mão.

— Maninha, disse uma voz doce de criança, se eu lhe pedir uma cousa, você faz?

Virando-se, a moça fitou o rosto moreno e sério do irmão, que a olhava cariciosamente com as grandes pupillas escuras. Juca, o Juquinha, um peralta de força, que punha em reboliço toda a casa com os seus gritos e estrepolias, tinha onze an-

nos, e no mez seguinte iria para a capital ser internado no collegio dos padres Salesianos.

Quando o menino soube que ia deixar a mamãezinha que sempre o perdoava, os companheiros de folguedos e principalmente Flavita, a prima predilecta, entristeceu, e havia dias o seu riso brejeiro não resoava pela casa.

— Que é, queridinho? Se fór alguma cousa razoavel, estou prompta a satisfazê-lo.

— Talvez não sejã tão razoavel como você espera... Como bem sabe, eu vou para o collegio e diz o papae que só voltarei quando fór homem e estiver formado. Hei de estudar muito para voltar depressa, mas, assim mesmo, não chegará tão cedo o dia em que voltarei aqui a vêr a mamãe e vocês... E sabendo isso eu...

— Eu...

— Pois bem, eu quero muito a Flavita e tenho medo que longe tanto tempo ella me esqueça... e queria, antes de ir embora, que o tio João m'a dêsse como noiva...

Uma gargalhada crystallina e irresistivel irrompeu dos labios de Mariazinha.

— Noivo, você, meu fe delho? E sabe o que significa ser noivo? Sabe por acaso o que ha de sério em semelhante compromisso?

— Sei bem que não devo esquecê-la nunca, e que Flavita deve lembrar-se sempre de mim.

— Já que você está com tão boas disposições, quer que eu fale ao papae, não é?

— Como você é boa, maninha! E' isso mesmo o que eu quero.

— Pois sim. Venha.

No alpendre largo e fresco do lado do jardim em frente um a outro

(Continúa na pag. 58)

ANTISEPTICO
PRESERVATIVO
DELICIOSAMENTE PERFUMADO

ASTREA



PARA A
HYGIENE
INTIMA DAS
SENHORAS

NAS PHARMACIAS E PERFUMARIAS

saibam todos...



OCT. TRINDADE (Minas) — Meu caro. Preferia que a sua colaboração se inspirasse num género differente da chroniqueta que me enviou.

Dá a impressão, essa sua composição, que o sr. só teve em mira fazer uma declaração amorosa á nossa collaboradora.

Ora, a idéa não foi das mais felizes. Nós entrámos no elogio... como Pilatos no Credo... Sente-se bem que o senhor citou o nosso nome para adoçar a nossa bôcca.

Não! Escreva coisa diversa. Faça, na realidade uma chroniqueta, de accôrdo com o espirito desse género de literatura. Assim, então, o senhor contará commigo...

Está bem?

PURITA (Capital) — Oh! Pois não! Faça a tentativa, e eu lhe direi a impressão que deseja conhecer. O meu telephone é — 2-4136 de 4 ½ ás 6 e de 10 ½ ás 11 da manhã.

Eu sempre acolho tão bem as minhas patricias como as estrangeiras.

Qual a sua nacionalidade?

ALDA (Capital) — Muito agradecido pelo seu bello presente de Natal. Aceite tambem os meus votos de boas festas e boas entradas de Anno Novo...

B. B. (Capital) — Agradeço e retribuo o seu telegramma de boas festas e feliz anno novo.

MIMI DE VERONA (Capital) — Os seus versos me agradam. Deve continuar.

C. 767 (S. Paulo) — O sr. começa dando um excellente palpito: 767. Depois, dá outro palpito: — declara que não é poeta, nem pretende tal...

Mas, vale a pena ler a sua carta. Dois pontos:

"Santos, 7 de Agosto de 1934. Caro Sr. Yves: Junto a presente o soneto "A morte de Cecilia", para que V. Sa. se digne dar sua opinião.

Não sou poeta, nem pretendo tal, porem, desejo esclarecer algumas duvidas e por isso venho juntar-me a tantos outros poetas d'agua doce.

Queira responder-me na Secção "saibam todos", sob o pseudonymo de C. 767 — Saúde."

Ora, si o sr. não é poeta, e não pretende sê-lo, acho que é desnecessario querer ouvir a minha opinião, a seu respeito.

E' querer fatigar o espirito de quem só deseja descanso. Não acha?

GATINHA ANGORA' (Capital) — Agradeço e retribuo o seu gentil cartão de boas festas e feliz anno novo.

JUDE (S. Paulo) — E' com desvanecimento que lhe apresento os meus agradecimentos pelo seu telegramma de felicitações pelo Natal. Em carta registrada, respondi á ultima que me enviou, em tom confidencial.

Creio agora que a questão está perfettamenteamente esclarecida. E com os pontos nos ii...

ANASTACIO CAPICHABA (Minas) — Meu caro, é encantador o seu presente de Natal. Encantador e delicado. Aquella boneca loura, para mim, é um symbolo. O sr. foi feliz na escolha e teve um gosto accentuadamente feminino.

Os seus trabalhos serão publicados. Por que não? Nenhum delles foi para a "cesta".

O que ha é o seguinte: o senhor é impaciente. Não gosta de esperar...

O nosso espaço é diminuto. A colaboração e excessiva. Deus do céu! Não fosse o Brasil a terra dos poetas!... Mas, tenha fé, homem! E espere, que a sua colaboração virá brevemente.

ANNA (Capital) — Sou-lhe extremamente grato pelo seu presente de Natal. Sinto, apenas, que não possa retribuir tão delicadas provas de attenção da parte v. ex...

Pois si nem sequer eu tenho o prazer de conhecê-la...

EDELWEISS (Capital) — E' curioso o seu cartão de boas festas. Eis o que v. ex. me escreve, num estylo todo intimidade:

"Querido Gentil — Desejo-te um natal immensamente feliz e boas entradas de anno novo. — Desta que te ama — Edelweiss." E' estupendo!

V. ex. me trata por um nome que só é conhecido dos meus intimos — Gentil. E assigna-se: — "Desta que te ama — Edelweiss".

Ora! Eu não sei quem possa ser essa creatura que me ama... Ninguém me ama. Primeiro, porque nunca tive amores. Depois, porque, não acredito em palavras de mulher...

Em todo caso, verdade ou fantasia, a sua revelação me envaldece e agrada. Denota que sou amado, platonicamente, mas, sempre o sou...

Horriavel é não sermos amado de modo algum...

E sempre é mais agradável saber que *alguem* nos ama do que não nos amar...

E que mal pode fazer um amor epistolar, occulto, discreto, como os dos romances de Ardel?

Em "Les Desenchantées" de Pierre Loti ha um amor assim. E o de Djénanne e André Lhery. Amor platonico, alimentado em missivas romanticas, cheias de ternura e fantasia...

Que mal faz?

AFFONSO NETTO (Capital) — Caro confrade. A sua carta é interessante. O sr. vê a vida por um prisma muito real. Agrada-me essa maneira de ser.

Para que illusões? Para que? Si tudo é mentira na vida?

Mente-se em tudo. E todos mentem com um cynismo e uma crueldade revoltante.

Deixe que publique a sua carta com os meus agradecimentos e iguaes votos pela sua felicidade pessoal.

"Caro Senhor! Conquanto nas vesperras do Natal já lhe haja expressado meus votos de feliz entrada no Ano Novo, repito-os aqui. Que o novo ano seja favoravel ao seu grande talento e (perdõe a irreverencia!) á sua bolsa.

(Continúa na pag. seguinte)

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

(No seculo XX desejar para si mesmo isso que nunca é demais, dinheiro, é desejar felicidade. Por isso...)

Junto estão uns contos. Desgraçadamente não são contos de réis. São apenas uns rabiscos que honrarão muito ao autor si forem publicados no querido F n-Fon.

Reitero, pela terceira vez, meus votos de feliz Anno Novo.

Seu cr.º at. obr. — *Affonso Netto.*

28|XII|34.

OTTHONIEL BELLEZA (Minas) — O seu livro *Eurythmia do infinito* que já folheeí com a intenção de lêr attentamente, me agradeu plenamente.

O sr. se revela um mestre senhor de assumpto que, afinal, tem sido tratado e debatido por tantos philologos, sem que se chegue a um accordo definitivo.

A sua obra possui merito real, e estou certo de que será muito útil não só á mocidade das escolas mas tambem a todos que se interessem pelas questões do vernaculo.

Parabens.

A. RODRIGUES (Minas) — E' com sympathy que leio a sua cartinha gentil, onde faz votos pela minha felicidade no Natal e no Anno Novo.

Vejamos o que v. ex. me escreve:

"Minas, 20 de Dezembro de 1934. Caro senhor Yves. — Saudações. Escrevo-lhe de um lindo recanto mineiro, avistando do meu quarto os ultimos raios do sol, nesta magnifica tarde de verão. Vejo tambem as flôres do meu jardim que me enviam o seu agradável perfume, como uma carícia da natureza. E este perfume me faz recordar um lindo sonho a pouco desfeito — A saudade d'uns olhos verdes e pequeninos que passou como um sonho tão rapidamente.

Yves, desejo-lhe um feliz Natal e um anno risonho de felicidades. Dê-me, o senhor, licença para lhe fazer uma pergunta. Porque o senhor prefere mais as paulistas que as mineiras? Acho que as mineiras, tambem são bem bonitas e delicadas, como as paulistas.

Junto a esta segue um trabalho meu, para que o senhor com suas mãos lavra a sentença de salvação ou a de castigo. Enfim quiz aventurar, porquanto, ficaria satisfeito se o visse publicado em uma das paginas desta revista.

Queira aceitar os respeitosos cumprimentos".

Resposta:

1º — A sua literatura pode não ser obra prima. Mas faz crer que v. ex. é uma creatura ingenua e sympathica. -- Amen.

2º — Quem disse a v. ex. que não gosto das mineiras? Estará dentro do meu coração? E dentro dos meus olhos — para saber si as considero feias ou bonitas? Não, senhorita! Eu tenho grande admiração pelas paulistas, é verdade. Ellas são umas heroínas, em todos os sentidos. Mas, não deixo de admirar — e muito! — a nobres mineiras, sempre activas e dignas, conforme apparecem na historia do paiz.

3º — Quanto ao seu soneto, para o qual reclama "sentença de salvação ou de castigo" — dolorosa situação!

"Castigo", quem o merece é v. ex. porque escreveu o soneto; agora, quanto á "salvação" — eu creio que elle não escapa... Nem mesmo numa boa tabôa...

E a prova é que elle aqui vae, sem a alteração de uma virgula...

REVELAÇÃO

*Ha dias que você chegou. Entre-
[tanto...]*

*Seus olhos pouco fitaram em mim.
Si soubesse que é meu unico en-
[canto]*

*Penso não me abandonará tanto
[assim...]*

*Não lhe esqueço: pois, se lhe que-
[ro tanto]*

*Não lhe vendo apoderar-se de
[mim]*

*Um desejo de desfazer-se em
[pranto]*

Essa pungente saudade sem fim...

*Você talvez anda bem satisfeita
Sem cogitar o que me tem feito*

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4136

FON - FON — 5-1-935

Data da consulta.....

Nome da consulente.....

.....

*Com essa repulção que é meu
[pezar...]*

*Si na na minha vida o que a
[divize,
O que a faça ditosa e a suavize,
Confesso que é esse seu gracioso
[olhar...]*

Como vê, o seu soneto não terá "salvação"... irá mesmo para aquelle logar hediondo, que se chama — "cesta"!

LLLI (Capital) — Agradeço o seu delicado presente de Natal e retribúo as palavras gentis do seu lindo cartão.

SONIA (Capital) — E' com extrema alegria que recebo o seu cartão de boas festas. Faço os meus votos pela sua felicidade pessoal, nesta época festiva, desejando que seja igualmente feliz no anno de 1935.

SARITA GAMA — (S. Paulo) Muito dedicada a sua idéa. Já conhecia o livro e o autor. Mas guardal-c-ei na minha estante, como recordação de uma paulista joven, bonita e intelligente.

Não imagina como me sensibilizam gestos de tal natureza.

Para mim, o mais bello predicado feminino é a ternura, que é irmã da bondade, da delicadeza da doçura e da graça.

E' pela ternura que a mulher vence o homem. E, v. ex., mesmo tratando com algum, por simples cortezia, tem o condão de agradar, pela ternura.

Parabens.

E' com o maior prazer que agradeço e retribúo os votos de boas festas e feliz anno novo, que me envia.

E desde que chegue ao Rio, conforme informna, só terá o trabalho de me avisar o dia e hora de sua visita. Meu telephone é — 2-4136, de 10 ás 11 e de 4 1/2 ás 6 da tarde.

TRISTÃO (Capital) — Agradeço e retribúo seu telegramma gentil. Desejo tambem um bom Natal e felizes entradas em 1935.

BRIGIDO TINOCO (Capital) — Aqui está o seu cartão gentilissimo:

"Dr. Bastos Portela. Queira aceitar o illustre amigo os meus votos sinceros de boas-festas e feliz Anno Novo.

Um abraço forte d' admirador "ex-corde" — *Brigido Tinoco.*"

Dezembro de 34.

Agradeço e retribúo as suas delicadas palavras, caro e prezado confrade.

YVES

HISTORIA DE UM ANEL

De Carlos de Bragança

CHÓVE no Rio de Janeiro!

Isso não tem a menor importancia, pois, em Paris, Londres, Buenos-Aires, Nova-York e até Piedade e em Cascadura chove tambem...

Mas, Madame Lili resolveu vir á cidade com o seu vestido branco.

Lili é o typo perfeito da esposa modelo. Excessivamente economica. De Ipanema, onde reside, ao Botafogo, a sua viagem é via-vonde, gastando, assim \$300. De Botafogo á Cinelandia, para fazer "chiquê", vem de omnibus, pagando, apenas \$400. A volta idem, mesmo itinerario num total, portanto, de 1\$400. Ora, se fosse de omnibus, directamente de Ipanema á cidade, seriam 2\$400! Ha economia...

Mas, o dentista de Mme. Lili tem o seu consultorio no edificio Odeon, na Cinelandia...

Madame deve pagar caro o seu dentista...

* * *

Madame Lili estava furiosa.

A Avenida, mais furiosa ainda.

O carioca, sempre irreverente, trazia ternos de linho branco e, sobre elles, enormes capas... Garotas com vestidos leves corriam para os omnibus disputando logares.

E... a chuva continuava, pouco se incomodando com o *footing* das 16 horas dos sabados...

Madame Lili misturou-se na multidão que se comprimia na Galeria Cruzeiro.

— Bôa tarde, Lili!

— Oh! Doutor Lins!... Todas as vezes que o vejo "o senhor está na chuva"...

— Deixemos de graça, minha bôa Lili... Eu sou um desgraçado!... Fui desleal... confesso...

— Que é isso, meu caro Lins... meu doutorzinho!...

— O anel... o anel! Ora, por onde comecei?

— Que?

— Sim... o anel que você me deu na quinta-feira ultima como recordação... eu... eu... tive um momento de aperto e o vendi...

— Doutor Lins! Isso não é procedimento de homem!... E eu? E eu, doutor Lins? Para quem o senhor o vendeu?

— Para seu marido... Elle achou lindo o anel...

* * *

Meia hora depois, madame Lili deixava o doutor Lins e corria para tomar o omnibus. Levada por um grupo de "trapalhões de transitio", entrou num vehiculo que se destina á Penha.

Quando deu pelo engano, já estava na Praga 11 de Junho...

* * *

Madame Lili andava nervosa... A perda do anel deixava-a preocupada. Esperava a todo momento um "choque com o marido".

No domingo, madame Lili, devido ás insistencias do senhor Borges, correcto funcionario publico e seu exemplar consorte, foi almoçar em casa de sua amiguinha Lucia.

Lucia era uma dessas pequenas, que, segundo os escriptores, estão na idade "prá lá de bôa" isto é, 30 annos... No seculo passado, essa garota seria chamada de "tia", por conservar-se "solteirena".

Mas, na época actual... época do radio, da electricidade, do aeroplano, etc., ella era simplesmente... "leader feminista"...

E foi assim que Lili, ao ver sua amiguinha Lucia servir tão graciosamente seu marido, e dispensar para este tantas attentões, notou no dedo minimo de sua mão esquerda... o anel. O mesmissimo anel que havia dado ao doutor Lins...

* * *

Que mundo ingrato!

Conserve sua cutis joven e bella



ELIZABETH ALLEN

Tenha V. Ex. uma cutis assetada, suave e immaculada como uma flôr. A agitada vida moderna, traz emparelhados, como consequencia, defeitos da cutis, por cuja razão é necessario prestar-lhe uma constante dedicacão. O uso diario da tão conhecida cêra mercolized, a qual desde vinte e cinco annos vem proporcionando ás mulheres de todas as partes do mundo uma belleza completamente natural, constitue methodo mais rapido e seguro para eliminar todos os defeitos da cutis, seja no rosto, collo, braços e mãos. Cêra mercolized tem a propriedade de absorver a camada exterior sem vida, revelando a belleza que toda mulher possui encoberta pela tez que ostenta. Se quizer ser a feliz possuidora de uma cutis joven e formosa, experimente cêra mercolized durante dez dias. Ficará V. Ex. surpreendida de quão pouco lhe custa eliminar todos os defeitos de sua tez e parecer mais joven. Pôde-se prescindir do rouço. Uma cor que em nada pôde distinguir-se do natural se obtem applicando ás faces um pouco de carminol em pó. Carminol não sae com facilidade nem se escorre e é sempre distincto. O pello que afeia o rosto, braços e pernas. Uma pasta feita com porlae pulverizado faz desaparecer o pello instantaneamente, sem causar irritacão alguma, por delicada que seja a cutis. O uso persistente de porlae tende a fazer desaparecer o pello permanente. A venda em toda a bôa pharmacia, drogaria e perfumaria.



O ZINGARO ROSA E A CIGANA AZUL

O ano novo ia romper... No salão de baile fericamente illuminado a multidão compacta, festiva e já meio delirante esperava ansiosa o soar das doze badaladas.

Alegria em todos os semblantes e volubilidade: o velho anno morria e já ninguem se importava com o que houvéra na sua passagem, brincos, festividades, algumas desillusões, mas tambem momentos subteis de amor que ficam em cada anno, na vida de cada um...

O "reveillon" era a phantasia e por isso havia na grande sala profusão de arlequins, japonezas, dominós, primaveras, gromms, turcos, num forte alarido enrolados em serpentinas, cobertos de confetti.

Alguns cinematographistas machinas a postos, aprestavam-se no alto, a um canto, para tirar os aspectos da festa, num film-jornal.

A orchestra tocava então, melodiosa, numa terrivel ironia ao ambiente, "Revê d'amour". Dispersando-se um grupo de phantasiados e diluindo-se os vapores do lança-perfume e o fumo de alguns cigarros, foi surgindo nitidamente a um lado, uma mesa de orla dourada e servida para um grupo de ciganos. Estavam todos vestidos e enfeitados ignaes. Apenas, em casaes, as côres diferenciavam. Um zingaro verde tirára a sua cigana para dançar. A cigana amarella lia, num affectado risinho, a mão do seu compa-

nheiro; porem esses dois pares eram como que complemento do quadro que faziam os outros dois, mais pessoas e por isso mesmo mais interessantes.

Um cigano louro, masculo, soberbo, vestido de rosa pálido, o peito nú, com o braço abandonado á mesa, sustendo uma taça cahida, acompanhava com o olhar quebrado a sua amada, uma morena de labios rubros, linda, cuja pelle escura resaltava no tom claro das vestes rosa, e que se requetava sozinha no compasso do fox, com um forte sensualismo. Mais alem, uma cigana de azul celeste, os olhos negros expressivos, o cabello castanho escuro, crespo, tendo presa ao lado uma grande camelia branca, era um poema de graça e de ternura; sentada, a larga saia azul rodada rolava até o chão, algumas camelias estavam cahidas pelo seu regaço. Elle, o zingaro azul, o seu apaixonado, beijava-lhe carinhosamente a ponta dos dedos e a envolvia num olhar de respeito, mas contrariado de vê-la naquelle ambiente.

No emtanto, Nóra distrahia-se de Andy; os seus olhos seismadores contemplavam o rapaz louro. Elmár, que acabava de levantar e, brutalmente, tomando Helena, a companheira, beijára-a soffrego na bôcca. Andy continuava a acariciar-lhe a ponta dos dedos... Ella se sentia cansada daquelle respeito com que elle a cereava: era romantica, mas era mulher tambem...

E, no emtanto, após o beijo. Elmár se afastára contrariado: como si em Helena faltasse alguma coisa, parecia-lhe que ella era uma mulher deliciosa de fórmias, mas em quem não havia alma; e o seu olhar então bus-

SEJA EXIGENTE

na escolha do seu "presente de Natal"

Os TAPETES, POLTRONAS de couro ou tecido, CADEIRAS confortaveis e NOVIDADES

que a nossa VENDA ESPECIAL DE TAPETES deste mês lhe oferece por preços reduzidissimos

são presentes uteis e que satisfazem os mais exigentes



ASA MOVEIS UNES
LIMITADA

a casa que impõe confiança e onde o seu dinheiro vale sempre mais

65 - RUA DA CAPIOCA - 67 - RIO



De Walter de Sequeira

com a cigana azul, sem que soubesse porque...

Bisavam "Reve d'amour. Elmár não se conteve; chegou-se a Nóra e tornou a Andy:

— Deixe-me por alguns instantes dançar com ella.

Nóra levantou-se radiante e, sem o consentimento do cigano azul, desapareceu na multidão nos braços do zingaro rosa. E em vão Andy e Helena esperaram a volta de seus companheiros.

Não se sabe o que se havia passado; apenas em outro local se encontravam o cigano rosa e a cigana azul. A um canto, elle acabava de pegar-lhe a mão e beijara-lhe a ponta dos dedos. Ella recuou, num arranco. Depois, tomou-lhe o rosto e beijou-o na bôcca. Elmár se surprehendeu, mas no olhar com que Nóra o fitou tudo comprehendeu. Não pôde haver amor sem ternura, mas sem desejo também... Baixou-se e disse-lhe roçando os labios no ouvido della.

— E's a mulher que eu buscava.

E ella, toda tremula, fitando-o tão varonil e apaixonado:

— E's meu!

Uma nova illusão. O eterno caso que se repete sempre. A vida que passa, que volta e recomeça novamente para elles. Seriam felizes? E em outro local a cigana rosa se desesperava nos braços do irmão, o cigano azul, em cujos olhos duas lagrimas scintillavam. "Reve d'amour" morria nos ultimos compassos. Ao longe, ouviam-se os primeiros gritos:

— Anno Novo!... Anno Bom!..."



SYMPATIA ADQUIRE-SE

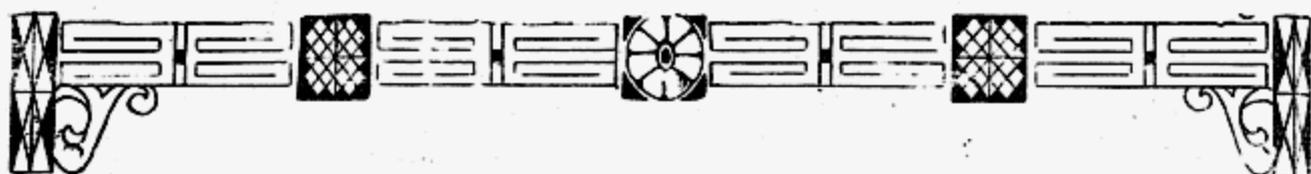
A MULHER, nas menores manifestações de sua feminilidade, deve saber tornar-se seductora. Use Agua de Colonia ROYAL BRIAR, cujo perfume caracteristico e duradouro constitue um elemento irresistivel de sympatia.

Um producto ATKINSONS



ROYAL BRIAR

A 3 - Standard - PC



O AMOR E O BEIJO...

O amor é a única razão de existir do beijo...

* * *

A melhor definição do beijo para os que amam é o próprio beijo...

* * *

Não é só amando que se trocam beijos, mas deveria ser...

* * *

Tanto será insípido o amor sem beijos como serão insípidos os beijos sem amor...

* * *

O beijo de amor será peccaminoso apenas quando não for de amor...

* * *

Em amor nunca deve dar o primeiro beijo quem já está com a intenção formada de dar o último...

* * *

O amor que pede beijos é um amor destinado a morrer de inanição amorosa...

* * *

A maior e a mais dolorosa indiferença do amor é a indiferença com a qual se dá ou se recebe um beijo...

* * *

Os beijos de amor devem constituir uma glória do coração e não dos sentidos...

* * *

O primeiro beijo dos que se amam verdadeiramente vem infundir sabedoria e força ao amor que os une...

Beijar quando se ama é um prazer, mas amar quando se beija é uma necessidade...

* * *

O beijo é, ao mesmo tempo, alimento e veneno para o amor. Lembrem-se sempre disto os amorosos...

* * *

A demasia de beijos terá que indicar sempre a demasia de amor. Miseráveis beijos e desgraçado amor se não for assim...

* * *

Todos os beijos de amor são iguaes entre si. Para o amor não ha beijos melhores nem beijos peores...

* * *

Em amor não importa que se beije. Importa que se ame...

* * *

Pena no amor é que a ansiedade de se trocar novos beijos seja maior do que a saudade dos beijos que já se trocou...

* * *

O amor com mais beijos será quasi sempre amor com mais lagrimas...

* * *

Quem falar mal do amor nunca poderá falar bem do beijo...

* * *

Quando do amor não vier contentamento nenhum, como irão contentar os beijos?...

MAURO DE ANDRADE

NOITE DE NATAL — De José Teixeira Alves

25 de dezembro de 2034... O missionário quedou-se duplamente. Estava destinado a terminár seus 80 annos, vindo o conflicto que se travava entre a Igreja e os homens.

Em vão, elle e os outros ministros de Deus tentavam manter, dentro dos dogmas da religião christã, os homens transviados.

O mundo estava diferente. As diversas theorias para a reforma social, que appareceram praticamente no seculo passado e as que se succederam apesar de não se manterem de pé, pois umas foram sendo absorvidas pelas outras, abalaram totalmente a vida social e religiosa que com tanto sacrificio fóra imposta ao mundo por Christo.

E daquelle cháos de reformas foi surgindo uma nova theoria, mas uma theoria para a qual não havia leis, nem principios, nem religiões, totalmente sceptica, que, encontrando em confusão a mentalidade humana, ahí se alojou, afflorando simultaneamente sobre a mente de todos os povos, que, julgando que não se encontrava uma força poderosa que pudesse solucionar a crise social e religiosa, se tornou indifferente, dedicando-se somente ás sciencias.

As cidades augmentaram. As communicações transcontinentaes eram effectuadas por intermedio de linhas regulares de trens amphibios e zeppelins-cometas. Os aeroplanos, não tendo resistencia para desenvolver maiores velocidades, ficaram adstrictos a estabelecerem ligações entre as cidades. Os automoveis foram substituidos pelos autogyros.

O invento japonéz da esculptogravura, a televisião e o cinema falado transformaram-se simplesmente em telesculptogravura. Hollywood, outróra a metropole do cinema, tornou-se um grande studio-theatro, onde as peças representadas eram telesculptogravadas directamente aos receptores do mundo inteiro: os acontecimentos mundiaes eram assistidos immediatamente á sua realização.

Porém a todas estas transformações, só a Igreja resistia. Num congresso realizado no anno 2000, preconizado para o fim do mundo, reuniram-se todas as differentes religiões e seltas e estabeleceram os dogmas de uma Igreja Universal.

Por fim, descobriu-se um processo para creação de um typo unico de raça, a que immediatamente foram submettidos todos os habitantes dos paizes. Em conse-

quencia disso, não havia mais nem o preto, nem o amarello, nem o anglo-saxão, nem o aryano, nem o latino, nem o semita; só havia a raça mediana. Acabaram-se por isso as nações. O mundo era uma unica nação sob a direcção do supremo conselho da Igreja Universal.

Em breve, houve os descontentes. Não se queria mais ter chefes. Todos queriam dirigir seus proprios destinos em estreita amizade com os seus semelhantes, mas sem chefe.

Negou-se autoridade ao chefe da Igreja. Allegavam que aquella religião, formada de todas as outras, não era a de Christo, mas uma Igreja, que se organizára para manter a supremacia de alguns homens sobre milhões de outros.

E os templos se esvaziaram.

O Supremo Conselho da Igreja Universal observou, assim, que o prestigio da Igreja, a fé e a creança estavam abalados. Necessario se tornava medidas urgentes, e ordenaram-se aos ministros e missionarios que pregassem novamente ás multidões, como o fizera o Martyr do Golgotha.

Vãos foram seus esforços. Ninguém mais ouvia as palavras ardentes de fé dos representantes da Igreja. Alguns ministros mais velhos tornaram a pregar o fim do mundo, mostrando a Biblia de uma das religiões antigas, que dizia que o mundo acabaria no

anno da confusão geral e esta se aproximava...

Agora o missionario relia mais uma vez a historia dos povos até o seculo XX; os tempos em que havia variedades de raças, de nações, de religiões. Gente que tinha fé e adorava a Deus. Naturalmente, nessa hora, estariam festejando o nascimento do Menino-Deus, com presepios e arvores de Natal enfeitada de brinquedos pelo Papae Noel, figura tradicional entre elles.

Com lagrimas nos olhos, fechou o livro e sahiu para iniciar uma das pregações que teriam logar dentro em pouco, na estação do metropolitano.

A estação regorgitava num vae-vem de actividades.

O missionario aproximou-se e começou a falar:

“Meus irmãos. Era assim que Christo vos reconhecia, quando vos ensinava a bondade, a justiça e a caridade...”

—Fóra com elle! — estrugiu uma voz. — Nós não precisamos que nos preguem sermões!

—Fóra, fóra! — ecoaram outras vozes.

E o missionario foi empurrado, levando soccos e sacudidelas. Vendo que era inútil proseguir ali, sahiu da estação e foi vagando pelas ruas atóra.

Era inacreditavel. Era o fim. Tudo findára para a Igreja. O passado jamais voltaria. A sciencia conseguira derrubar o immenso edificio que fóra edificado pelo Mestre e pelos martyres de Roma.

Nesse momento esbarrou numa creança que observava uma vitrine de brinquedos. Era uma creança pauperrima, porque o mundo ainda não resolvêra o problema da pobreza.

Olheu vagamente para ella. Sentiu os seus desejos e, pousando a mão sobre os seus hombros, chamou o logista, comprou o brinquedo que a enthusiasmára e entregou-lho, dizendo:

—Foi o Papae Noel que te mandou...

—Mas o papae não se chama Noel.

Perém o velho missionario não ouvira suas palavras. Seus olhos foram offuscados por um brilhante circulo de luz; sentiu-se transportado, numa atmospherá de pureza, por uma comprida estrada, silenciosa e triste, deserta, mas que elle adivinhou ser a que o conduzia a morada do Senhor.

A menina ainda presenciou o seu ultimo extertor.

Pomada
Minancora
Cura todas Feridas, Espinhas, queimaduras, Ulceras de Baurú, Fagedenicas, Cancerosas, doenças da pele, cabeça, inflamações dos olhos, rosto, etc. A melhor e mais barata. Nunca existiu igual.

Preço na vareja 35 ta 45

AS VEZES VALE MAIS DE 500\$

UM TRISTE DIA DE ANNO BOM

NUMA nota de seu "diário", na data de 1.º de janeiro, Edmond de Goncourt exprime a pungente melancolia do velho celibatário, no primeiro dia do Novo Anno. Dir-se-ia que, nessa data, se paga o resgate do egoísmo. Muitas pessoas que nunca conheceram o soffrimento, que o evitaram com uma especie de terror, que não fundaram lares para se preservarem, aprendem assim que se pôde ser infeliz sem motivo preciso, simplesmente porque, em outros logares, existem alegrias humildes e abraços calorosos.

Dia de Anno Bom sem emburruhos! O' tristeza! O pária que passeia nesse dia, com as mãos nos bolsos se aproxima dos cincoenta. Está bem vestido, soleme e, ao vê-lo, não se duvidaria que se recorda — com que intensidade! — de ter sido criança. Dia insípido! Outros se apresentam, desde o operario que leva para sua mulher um litro do "bom", um Santo Honorato e um ramo de violetas, até o elegante que sahe de uma confeitaria com um kilo de "marrons glacés" destinado a alguma tia esquecida na sua lista. O nosso homem não esqueceu ninguem na sua lista entregue quatro dias antes, com o aborrecimento de quem cumpre uma obrigação official.

"Fondants", "crottes" de chocolate?

Pouco lhe importa. Qualquer coisa e que acabe depressa! Sabe que os seus presentes serão acolhidos com indifferença; de an-

temão poderia dizer as formulas de agradecimento, banaes e frias, que receberá. Que pena não ter viajado! Mas o 1.º de janeiro num hotel não seria mais alegre.

Ao acordar, foi saudado pelos votos do seu criado de quarto:

— Desejo-lhe um Feliz Anno Novo!

— Ah! sim, é verdade! Obrigado!

Receber os primeiros votos formulados assim na terceira pessoa! Mas não é tudo. Ha tambem o barbeiro e o porteiro. Depois, mais nada. A rua inhospita e o seu nevoeiro. E os mendigos tambem, os mendigos do 1.º de janeiro, horda bizarra sahida não se sabe de onde, vinda

da provincia, sem duvida, mendigos decentes, endomingados, que parecem apressar-se, elles tambem, para ir a alguma festa familiar.

— Seja feliz!

— Tinha bastante vontade de responder:

— Deixe-me em paz; sou feliz.

Porque elle proprio necessitava convencer-se d'isso. Mas, com as fontes desguarneckidas, o bigode encanecido, a espinha ankylosada pelos rheumatismos, reporta-se machinalmente ao passado.

Não ha tanto tempo assim... O 1.º de janeiro tinha um resplandecimento. A luz desse dia parecia prometter um anno delicioso, trazer um pouco da futura primavera e do verão a chegar. Tudo desaparece. As pessoas têm um aspecto tólo; seus rostos resplandecem duma alegria estúpida. Diverte-se, elle? De facio, convidaram-no para o 31 de dezembro, mas ninguem pensou no que elle faria no dia seguinte. Disseram-lhe mesmo:

— Não lhe pedimos que venha. No dia de Anno Bom ha sempre vinte convites!...

Não tem um unico. Parece-se com a heroína dessa peçazinha. — "Janto com minha mãe", que outr'ora, fez derramar tantas lagrimas. No Club, encontraria apenas os creados ou outros párias que não o alegrariam. Contudo, chegou a hora do almoço. Encontra no restaurante trez ou quatro velhos solteiros que mastigam com uma tristeza indizível. O "maitre d'hotel" precipita-se:



Admittem-se agentes para o interior do paiz. — Laboratorio DIVINA D A M A . — Caixa Postal n. 3123. — Rio de Janeiro. — Pedidos pelo telephone 3-3996. — Preço: 6\$000. Remetemos para o interior sem augmento de preço, mediante vale-postal.

VINOVITA

GRANDE TONICO
Restaurador das Forças Physicas e Mentaes

M DE HENRI DUVERNOIS

— Desejo-lhe um Feliz Anno Novo.

Ha vinte annos que esse "maître d'hotel" o serve, o cêrca de cuidados e de attenções, lhe traz o ovo quente, conforme o seu gosto e o prato que prefere.

— Obrigado, Euzebio...

Bravo Euzebio! Dir-se-ia que o comprehende. Um velho amigo, em summa, com o seu rosto de antigo notario. Então, o outro abre-se:

— Pois é, Euzebio, não é divertido... ser sózinho... num dia como este... Você não conhece isso... E' casado, não é? Tem filhos?

— Tenho um filho, sim, senhor...

O cozinheiro esmerou-se no menu. D'aqui a pouco, vestido de branco, barrete na mão, virá, elle tambem, apresentar os seus votos ao freguez. E este remexe sem animação o caviar e os ovos mexidos. Olha para os seus companheiros de infortunio. Um delles plantou os oculos na ponta do nariz e ruminava como uma cabra com os dentes incertos que lhe restam. "Para que serve elle? Para que se alimenta?". O infortunado faz a si mesmo essas perguntas. Porque, emfim, num restaurante, no 1.º de janeiro, é preciso ser apenas um despojo, inutil aos outros...

— Sim, Euzebio, tem sorte de ter um filho. E já lhe deu as Festas?

— Com toda a certeza, bem entendido, senhor.

O prato de cabrito montez estava excellente e o puré de castanhas delicoso. Esplendido *chester*, palavra, e pèra admiravel! Um copo de fino Champagne de 1835? E' o presente annual oferecido por Euzebio. Sob a influencia do doce calor, da digestão, do alcool, o coração do ce-libatario acaba por fundir-se. Quer fazer alguma coisa por Euzebio.

— Volto já.

Corre pelos *boulevards*. Elle

tambem vae procurar um embrulho. Chega a uma loja de brinquetos.

— O polchinelo mais bonito que tiver!

Volta com um embrulho enorme debaixo do braço.

— Tome, Euzebio para seu filho.

— Oh! o senhor é muito bom!

— Ora! Ora! E' a mim que me dá prazer... Tome o embrulho...

E o outro depois de cortar o barbante e abrir a caixa:

— Ah! sim... certamente o senhor é muito amavel... E' que, vou dizer-lhe, o meu filho tem trinta e sete annos!

ALVURA DA PELLE EM 3 DIAS

As Manchas, Sardas, Cravos, Espinhas, a Vermelhidão e a Côr Terrosa da Cutis Desapparecem — As Rugas se Alisam



Como conseguir essa leitosa transparencia da cutis tão admirada? Não a força de pó por certo... mas com o cuidado adequado e um creme de confiança — Creme Rugol!

As queimaduras de sol, as espinhas, os cravos, os póros dilatados desapparecem de fôrma agradável em 3 dias, sem levantar a pelle.

**GARANTIMOS OS
RESULTADOS**

Garantimos que o Creme Rugol supprime as manchas, pannos e sardas completamente; que elimi-

na a cutis avermelhada, terrosa ou amarelhada; que alisa as rugas sem esticar a pelle, mas tonificando os tecidos subcutaneos.

Se Rugol não fizer tudo isso para v. s. lhe restituiremos o dinheiro gasto. Esta noite, antes de deitar-se e depois de limpar bem a sua pelle, applique v. s. o Creme Rugol, esfregando-o bem. Em seguida tire o excesso com uma toalha humida. Rugol lhe trará muitas satisfações, conservando clara e formosa a sua cutis.

Cessionarios Alvim & Freitas — S. Paulo.



1935

Pouco importa que a chuva caia ou que o sol dardeje, em todo o seu fulgor.

Se a fazenda foi tinta com as famosas anilinas

INDANTHREN

o vestido se conservará novo durante todo o ano, porque as suas cores não desbotarão.

Verifique a etiqueta registrada.



Indanthren

CHOVA OU FAÇA SOL

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 5 de Janeiro de 1935

NATAL... Anno Bom... Reis Magos... Festa na alma e no coração da gente... Festa?... Quanto sapatinho rôto, pelo mundo afóra, sem a alegria de uma surpresa do velho papae Noel da humanidade ou do moço Vôvô Índio do meu Brasil! Quanto "re-

cadinho" sem resposta e quantos olhitos tristes, rorejados de lagrimas, a fitarem, desconsoladamente, no fogão votivo, o sapatinho vazio!...

Natal...

As pastorinhas, o bumba meu boi, os fandangos, os congos, lá, na minha terra distante...

Um pedacinho irrequieto e gracioso de gente fita-me curiosamente. E seus olhitos negros illuminam, para mim, a carícia envolvente e suave de um sorriso de creança:

— Papaesinho, já é dia de Papae Noel, não é?

— Hoje, não, filhinha; amanhã.

— Que será que elle me vae dar? O anno passado foi a Lú, o Bob e a casinha de madeira...

— A Lú? o Bob?

— Sim, paesinho... Como tu és esquecido! O meu casal de bonecos... Até assististe ao casamento delles!

— Ah! sim, filhinha... Lembro-me...

— Coitados! Já nem existem mais...

— Morreram?

— Que graça! Já viste boneca morrer, paesinho? Quebraram-se...

E o riso crystalino de minha filha pequenina enchia de alegria e de festa a lapinha illuminada em que a adorava meu coração enternecido de pae, que tantas vezes se sentia tão creança quanto ella. Mais creança, talvez...

— Papaesinho, teus olhos estão cheios de lagrimas...

— E' que me fizeste rir muito, agora, minha filhinha...

— Ah! E tu choras quando ris? Ainda não tinha reparado...

Era assim, ha muitos annos atraz, quando eu tinha uma filha pequenina... E era todo enternecimento o meu Natal, hoje tão triste, sem a graça irradiante e a ingenua tagarellice do pedacinho irrequieto de gente que fazia do seu papae a creança grande dos seus devaneios infantis.

Mulher, agora, talvez, como eu, tenha ella tambem encontrado sua alma pequenina de creança, que eu afago e acaricio neste momento, a sorrir, com meus olhos perdidos ao longe, numa curva distante da vida, para que não chore, dentro de mim, a saudade com que a evoco... E que me dá a consolação e o conforto de revê-la, neste dia do Deus-Menino, sempre pequenina, ingenua e tagarella, a illuminar com a luz cariciosa de seus olhitos negros a lapinha emocional de meu coração commovido...

Fim de anno... Anno novo... Aguardo, no meu isolamento, abstrahido do presente e cheio do meu passado, o minuto de mais esta transição no rolar infinito do tempo...

NATAL, ANNO BOM E REIS MAGOS...

Por que só de sombras fúesentes se povôa o ambiente que me envolve? Por que, só ellas — essas sombras amigas e queridas — fazem commigo o velorio do anno que morre e a festa do alvizaras do que está prestes a nascer?

Sinto-me tão só!... E, quanto mais só,

maior e mais intenso este anseio, que me não abandona, de ser ainda feliz... A eterna tortura da illusão da felicidade...

E, baixinho, só para mim, ao troarem as salvas symbolicas, ao replicarem os sinos os rythmos de seus bronzes, ao soarem as "sirenes" annunciando o advento do anno novo, elevo ao bom Deus a prece angustiada das alvizaras que lhe suppliquei.

Que terei pedido? Eu proprio já não sei o que foi. Talvez, porém, o soubesse a lagrima traçoeira e quente que me desceu pela face...

Deixei de fazer o balanço da minha vida no fim do anno que se foi. E, para que fazê-lo, se, até agora, nada mais tenho conseguido senão augmentar, anno a anno, o "deficit" espiritual das desillusões e o saldo, intangível, da saudade?

Ficaram, assim, em branco, as columnas do "Deve" e "Haver" da minha vida no anno de 1934.

De coração a coração prestei, porém, minhas contas a Deus... E a conclusão a que cheguei, no meu fóro intimo, é a de que preciso realizar o milagre de um "reajustamento" na minha vida sentimental...

— Como?

— Crendo em mim? — responde uma voz interior.

— E quem és tu?

— O amôr.

— O amôr? Se o amôr já não mais floresce no coração da humanidade!...

— Como te enganas! Por que choraste ainda ha pouco? Por que, trémula, rolou pela tua face a lagrima que quizeste conter?

— Viste-a?

— Se a vi! E ella era apenas um atomo do immenso amôr que vibra e palpita no teu coração amargurado.

— A amargura de todo amôr...

— Que não é bem amôr...

— Que será, então?

— A illusão do amôr...

— Onde, pois, o verdadeiro e puro amôr?

— No sorriso de creança de tua filha... Na fonte de emoções e de bondade de teu coração... Na benção das mãos trémulas e cariciosas de tua mãe velhinha...

— E o outro amôr, o amôr que vive nos labios rubros de todas as mulheres?

— Esse não é o amôr que deve ser amado...

— Por que?

— Porque "no verdadeiro amôr a alma cobre o corpo..."

Calei-me. Sorri para mim mesmo e entrei o anno novo sentindo-me feliz.

Esmeril

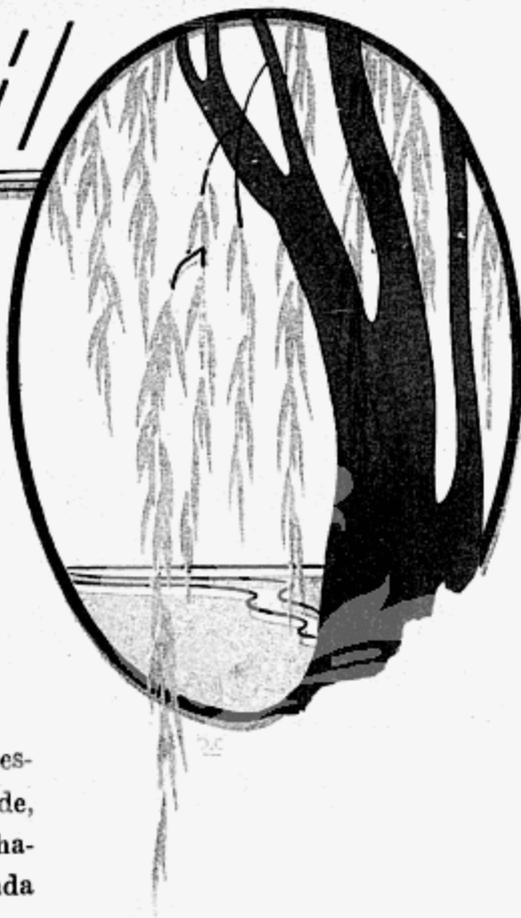


O velho tronco de uma arvore, nua de folhagem, muda de farfalho, toda vincada de rugas longas e fundas, no fim de um caminho abandonado onde, bisbilhando, se desatava uma ribeira de aguas quérulas, gravei, com a paciencia de um lavor em filigrana, os nossos nomes bem unidos.

Longos dias, no amoroso esmeril, rasgada a casca rude, tatuado o cerne poroso, sonhava, a rendilhar, a brunir. Cada desenho de uma letra era um romance meditado, e o teu nome pequenino, junto do meu, enchia-de beijos um destino, perfumava de rosas uma vida.

Ha-de ser uma paineira esta arvore anciã e triste! Quando passar a invernia agoniada, reverdecerá canóra, desabotando-se, tecelã de ninhos, em niveos casulos de seda, em alvos flócos de arminho.

Um dia virá em que, tocada da grinalda nupcial da primavera, acolherá nos seus refoelhos toda a passarada, em acordes turturinos, em fremitos de adejos, aconchegando, no calor da ramaria fôfa, as pennugens macias, as usneas aquecidas, os frouxeis, os berços de plumas,



os thalamos suspensos, todo o idyllio do amor das azas!

E no segredo da sombra, quando voltares, entre malmequeres que adivinham e trevos que não mentem, num eterno afago eu te direi feliz, sob o dulçor do teu olhar de nimbo, o meu grande amor, em extase pela belleza do teu corpo, em oblata á pureza da tua alma indulgente.

Mas, as andorinhas voltaram, tangidas pelo sol... Voltaram as cigarras tinindo de luz e de chilreio; rebentaram, em ávidas corollas, as sementeiras dos canteiros, e acordou, em idyllico alvorço, o epithalamio das aves e das almas. Só tu

Edward, Carmilo

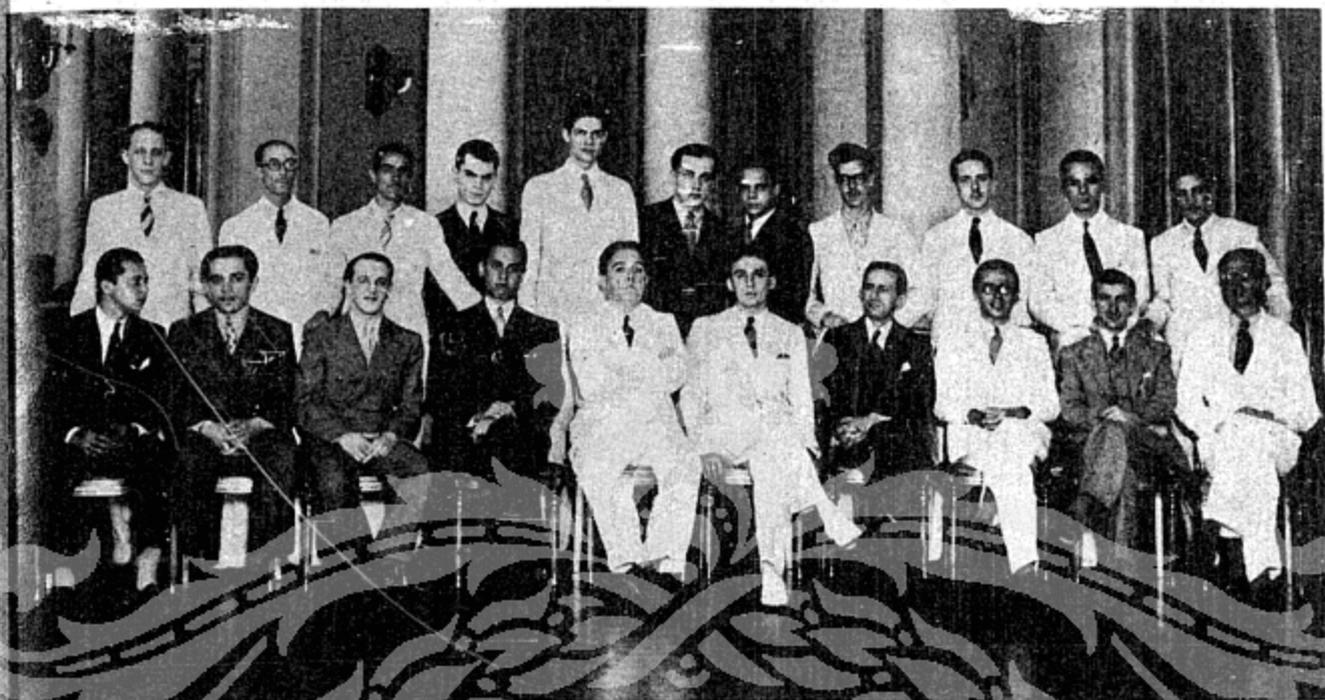
não vieste, mal arrependida do abandono, indifferente pela dôr do esquecimento!

Solitario, tornei á velha arvore amiga, que sorriria por certo, enlaçada por trepadeiras trescalantes, vergada de cachos e de pencas, a estremecer de musica, surdinando em zunzuns, em cicios, em rufos, toda esfarfalhada de alegria, na alvura dos capulhos abertos!

Longas tranças, em desalinho, num desmaio, dependuravam-se-lhe dos galhos debruçados, em contricção, como longas lagrimas verdes. A agua da ribeira, soluçando, levava folhas soltas na corrente como gottas desse pranto. O meu nome chorava, letra a letra, as lagrimas cheirosas da resina, sobre o teu, perfumando o teu nome...

Eu havia escripto o meu pobre nome no tronco torturado de um salgueiro, que ficou a chorar sobre o pranto da ribeira, toda a vida, por nós dois...

(Do livro "BRINQUEDO").



Os bachareis de 1932 da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro reuniram-se num almoço íntimo, que se realizou no Automovel Club, para comemorar o segundo aniversário de sua formatura.

FILIGRANAS

A moral christã está comprovada pelo tempo e resiste a tudo pela força de sua grandeza.

Somente com o correr do tempo os povos podem assimilar o progresso e a evolução do pensamento.

E' preciso coragem para servir á verdade. Para servir á mentira, basta o medo...

MAIS UM LAR QUE RUIU

— Tu por aqui?

— Mandei o Gustavo plantar batatas. Encontrei-o fazendo gymnast'ca sueca para a criada ver.



EU DAREI A VOCÊ

*Eu darei a você a transcendental serenidade
de quem carrega nos olhos um destino de além...
Eu darei a você a germinal ingenuidade
de quem não viveu ainda, pois a vida também
me reservou para a "perfeita identidade".*

*Eu darei a você uma alegria universal
de ter alma no corpo e corpo na alma,
e de ser simples e natural como a verdade...
Eu darei a você meu silêncio genial,
onde mundos de sóes, almas, deuses e azas
se misturam em vôos, milênios, claridades...
e onde tudo é musical,
sincero, fácil, claro, natural...*

*Eu darei a você um lar, numa casa
que você não saberá si é um livro ou uma flôr,
um rythmo, um sepulchro ou um desejo,
si uma fonte, uma fortaleza ou um ninho...*

*Eu darei a você palavras, passos, beijos,
pensamentos, cuidados, silêncios e amor...
Eu darei a você uma mulher e um destino,
um perfume, e até uma doença,
pois eu sou doente de carinho...
um deus, uma theoria e uma crença...*

*E dando isso tudo, tudo, na verdade
terei me dado
ao meu amado...*

MIÊTTA SANTIAGO





Monsenhor Abdala Kury, arcebispo de Arca e vigario geral do Patriarchado do Libano, que, de regresso de Buenos Aires, onde tomou parte no Congresso Eucarístico Internacional, visitou esta capital, foi recebido, em audiência especial, no palacio Guanabara, pelo presidente da Republica. A photographia ao lado apresenta o eminente prelado libanez ao lado do dr. Getulio Vargas e entre o embaixador de Franca, o dr. Mario Costa, o secretario de monsenhor Kury e o director da Missão Libaneza Maronita do Rio.



Dois flagrantes da recepção que o ex-embaxador do Brasil no Libano, dr. Mario Costa, offerceu, em sua residencia, a monsenhor Abdala Kury.



SONHO

De Lucio Gama

1935... A última noite do anno festivamente nos salões dos clubs e no tumulto das ruas. E surge um novo anno homenageado pelas esperanças alegres de todos os sonhadores que ainda não se desilludiram nas suas inquietações e na melancolia do seu destino. Continuam as festas nos salões dos clubs. Prosegue, na rua, o alvorço allucinante da multidão feliz.

Eu sinto, no meu plácido refúgio, os effluvios imponderaveis do anno que chega, manso e risonho como a felicidade. Escuto os rumores que vêm de fóra. Vejo o clarão da luz deslumbrante que illumina a cidade vertiginosa. Mas não tenho vontade de sahir. Não tenho vontade de mergulhar no turbilhão que envolve as ruas por onde tantas vezes já passámos indifferentes á alegria ou á tristeza dos outros. Não tenho vontade de deixar o meu cantinho illuminado.

Você está aqui, ao meu lado. Linda

A passagem do anno novo foi festivamente commemorada pelo Botafogo Football Club com um elegante «reveillon». Festa de grande esplendor mundano. Nos luxuosos salões do

e loira, acaricia-me docemente com a sua ternura nervosa e esplendente. Estou satisfeito. Não quero, neste começo de anno, nesta hora inicial de 1935, outra ventura melhor para o meu coração. Todos festejam em grupos delirantes, na rua ou nos «reveillons», o anno que nasce. Eu o festejo com o meu amor. Vivendo



O «reveillon» de Anno Bom do Botafogo Football Club foi prestigiado pelos sorrisos mais galantes do Rio. Ahi está um grupo que encheu de alegria e de encanto a linda festa da noite de 31, nos salões do Botafogo.



querido club sportivo, que receberam vistosa ornamentação, os pares de dançarinos se movimentavam numa alegria crescente. Nesse baile tomaram parte as figuras mais representativas do «set» carioca.

com elle os seus primeiros instantes. Sorvendo com elle as primeiras ilusões e os primeiros sonhos deste 1935 que eu aguardava ha tanto tempo, ansiosamente, para reanimar a minha confiança no destino. Para reacender a minha esperança na promettida felicidade.

Seus olhos cõr de oiro, amorosos e bons, illuminam suavemente a minha hora de ventura. Suas mãos claras apertam a minha cabeça. Sua bõcca voluptuosa derrama beijos ardentes na minha sensibilidade. Seu coração aquece, docemente, o meu coração.

Escrevemos, agora, longe do egoismo do mundo, longe da hypocrisia dos salões, longe das ambições humanas, longe da mentira social, o poema novo que a esperança nos inspira, nesta madrugada rumorosa do primeiro dia de 1935. E acredita-

nos melhor na nossa felicidade...

Tudo isso, meu amôr, foi um sonho lindo que eu tive, na última noite de 1934. Quando despertei, vi de novo a solidão em torno de mim e de novo senti a amargura do meu destino. Mas fiquei tranquillo pensando na esperança e pensando em você, que um sonho feliz collocou perto de mim.

A felicidade, às vezes, é a illusão de um sonho...



Decorreu scintillante o «reveillon» com que o Tijuca Tennis Club recepcionou o novo anno, dando ensejo a que a sociedade tijuicana festejasse, tambem, nos salões do palacio colonial da rua Conde de Bomfim, a entrada de 1935.

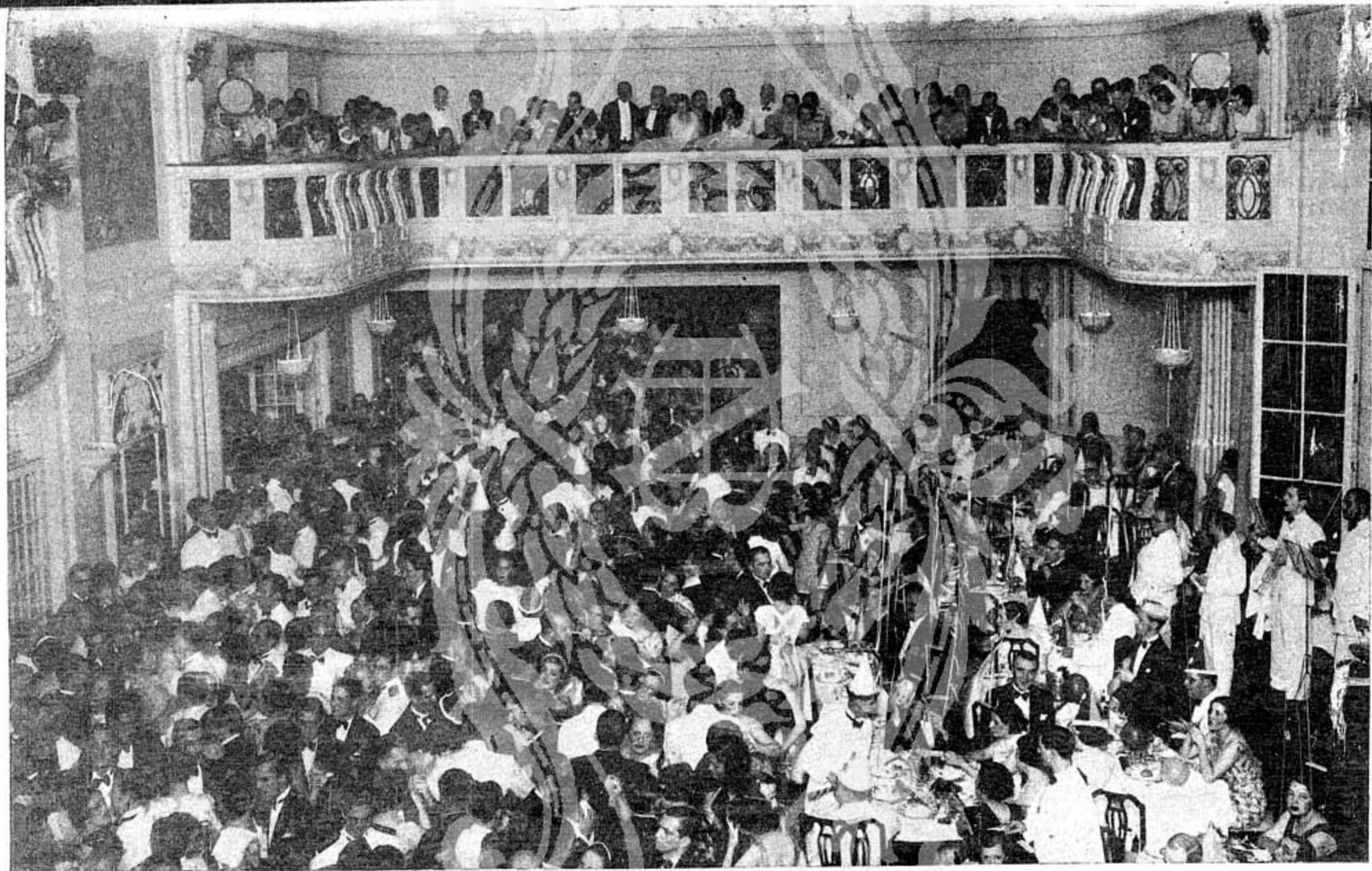


As alunas do Instituto de Educação que acabam de concluir o curso da Escola Secundária, reunidas por ocasião do baile com que festejaram, no «Gimnasium» daquelle estabelecimento de ensino municipal, a sua formatura, a 29 de dezembro último.



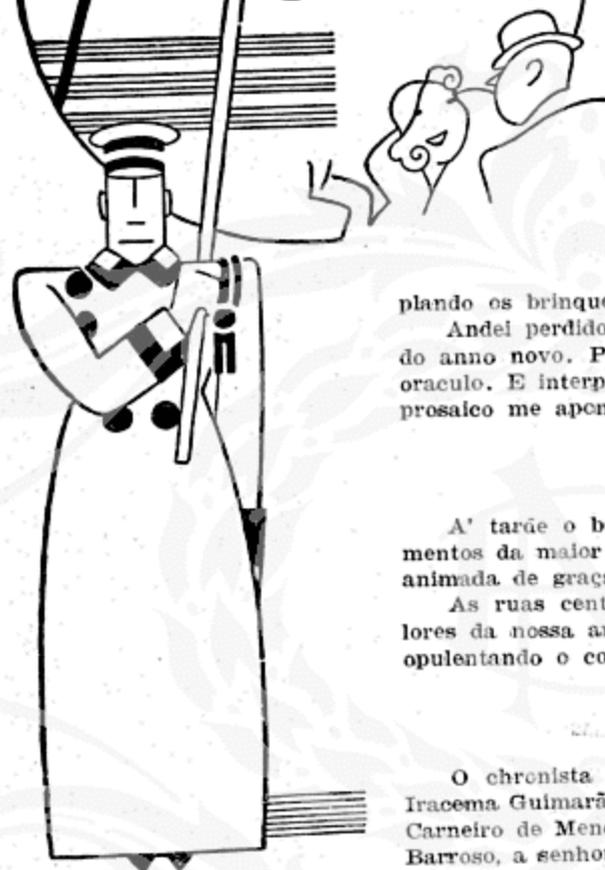
Tambem o Club São Christovão e o Club Gymnastico Portuguez festejaram brilhantemente a passagem do anno, promovendo animados bailes offerecidos aos seus associados. O nosso «cliché» focaliza: em primeiro lugar, o baile do São Christovão, e, depois, o do Gymnastico, que se realizou nos salões do Automovel Club.





Num ambiente do mais vivo esplendor e de animação intensa transcorreu o magnífico baile com que o Fluminense Football Club festejou a entrada do Anno Novo. Ao som de vibrantes «jazz-bands», os presentes se entregavam ao prazer das danças, que se prolongaram até alta madrugada. Os salões do club tricolor apresentavam um aspecto verdadeiramente deslumbrante. Em tudo, dominava uma nota viva de cores, de alegria e de luzes.

Feira de Vaidade



NO ÚLTIMO DIA DO ANNO, NA AVENIDA

☉ dia 31 foi, como acontece todos os annos, um dia differente. A cidade mudou a sua physionomia quotidiana. Amanheceu com um ar de fausto e de bem-estar. As ruas, no borborinho dos transeuntes, que formigavam á porta das casas commerciaes, pareciam estreitas para conter a multidão. E os garotos soltavam exclamações felizes contemplando os brinquedos das vitrines bonitas.

Andei perdido na multidão, como se procurasse algum indício propiciatorio do anno novo. Persegui, sem querer, na massa anonyma, a voz longinqua do oraculo. E interpretei, supersticioso, os signaes inconscientes, que o espectaculo prosalco me apontava, como se fossem avisos fugidios da Fortuna.

A' tarde o borborinho cresceu. A multidão floria-se aqui e acolá de elementos da maior distincção social. A rua Gonçalves Dias era toda uma vitrine animada de graças, de feitiços e de seducções.

As ruas centraes do Rio são assim: enchem-se democraticamente de valores da nossa aristocracia. E é um gosto vê-los, com seu *chic* inconfundivel, opulentando o coração da *urbs*, numa floração de encantamento.

O chronista apanhou alguns instantaneos: A illustre escriptora, senhora Iracema Guimarães Villela, a brilhante poetisa, senhora Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, a senhora Juvenal Murtinho Nobre, a senhora Gustavo Barroso, a senhora Mcema Manhães, a senhora Braz de Pinho, a senhora Costa Lima, a senhora Isolina Belfort, a senhora Luiz Bezerra Cavalcanti, as senhoritas Costa Lima, a senhora Mario Mesquita, a senhorita Maria Calmon de Gouvêa, etc.

As casas de chá estiveram repletas. Colombo, Ponto Chic, Lallet, Americana, Cavé. Em todas, um rutilo contingente de cariocas dava ás salas em festa o esplendor de suas presenças, dos seus perfumes e das suas alegrias.

A' noite, a Avenida engalanou-se para a sua primeira manifestação de Carnaval. E rebrilhou de luzes, de belleza e de entusiasmo.

O 1935 entrou de carro triumphal. A cidade de S. Sebastião recebeu-o com todos as honras. E não houve um coração, que não dissesse, baixinho, a sua reza de boas vindas ao pirralho desconhecido...

COPACABANA-PALACE

A tradicional noite de S. Sylvestre, no Copacabana Palace, obteve o exito mundano e de elegancia, que já se tornou infallivel nos balles de Anno Novo do grande hotel internacional.

A despeito dos varios *reveillons*, realizados na noite de 31, o Copacabana não desmereceu a sua tradição.

Uma sociedade fulgurante, onde se apontavam grandes damas, diplomatas, politicos em evidencia, artistas e turistas, encheu os salões do Copacabana, deslumbrantemente animados.

ANNO NOVO

☉ PRIMEIRO de janeiro. Muitos milhões de olhos fitam, ansiosos, a folhinha. Sobre aquelle algarismo dança um mundo de suggestões. E a alma afflicta interroga: Será bom, será máu o anno novo?

Que é ser bom? Varia tanto o gosto humano, que a propria felicidade não pôde ser objecto de um julgamento uniforme.

Para muitos, o novo anno será, apenas, o prolongamento de um fim monotono, de um epilogo cançado. Não valeria a pena continuar a viver, pelo desinteresse absoluto que a vida encerra.

Para outros, ha a expectativa ansiosa de uma radical mudança. Esperam esses a subversão de tudo,



A noite era feérica. O próprio céu estrelado festejou, com uma balsâmica temperatura de primavera, a entrada do Anno Novo.

Viam-se no Copacabana, entre numerosas presenças, a senhora Laudelino Freire, a senhora Frederico Burlamaqui, a senhora Carlos Guinle, a senhora Rubens de Mello, a senhora Conceição Gomes, a escriptora Ernesta Von Weber, a senhora Figueiredo Avellar Pires, a senhora Sylvio Sereno de Faria, etc.

LIDO.

NÃO é possível descrever a animação das noites 31 de dezembro e 1º de janeiro, no Lido.

A melhor gente do Rio. Dir-se-lia um refugio privilegiado das nossas elegancias mais em evidencia.

O proprio ministro da Justiça não conteve a curiosidade. E lá ficou algumas horas amáveis vendo o espectáculo da sociedade, que se diverte...

O ex-prefeito Prado Junior não recusou tambem a sua presença: o Lido, o Juá, a cidade civilizada e turistica são, mais ou menos obra sua...

E o Lido fulgurou, em noites memoráveis.

* * *

A relação das senhoras é interminável. Aqui vae uma pequena mostra: a senhora Braz de Pinho, a senhora Dourado Lopes, a senhora Frederico Burlamaqui, a senhora Laudelino Freire, as senhoritas Lourdes Carvalho Rego, Helena Garcia, Lourdes Nelson Machado, Ruth Santiago, Elza Pacheco, Maria Correia, Lia Brigido, Alicinha Sá Britto, Celia Fabricio, Helena Amaral, Lourdes Lima, Rosinha Cavalcanti etc.

* * *

PRAIA DE IPANEMA

AS manhãs e as tardes, em Ipanema, têm espalhado o ouro do sol com riqueza perdularia por sobre o casario novo, o mar revolto. Lá longe, na linha do horizonte, os reflexos cambiantes adquirem fugurações mágicas. E tudo se anima na festa polychromica da natureza.

Ipanema lembra um estado nupcial, com a musica mais afinada, os tons mais alegres, a palzagem mais linda...

* * *

No footing da Avenida Vieira Souto, no cinema elegante do bairro, vêem-se a senhora Adhemar Leite Ribeiro, a senhora Augusto Sobral, a senhora Getavio Carneiro, a senhora Kastrupp, a senhora Clarice Leite e as senhoritas Angelina Leonessa, Elza Cerqueira, Lica Januzzi Cavalcanti, Nelita Paiva, Odilia Cruz, Annita Lessa, Hermínia Baroni, Eunice Paiva, Helena Barcellos, Isette Dias, Electra Lenessa, etc.

* * *

Uma vela enfunada ganha o alto mar.

Uma joven scismativa, da praia, accompanha com o olhar vago a vela, que vae sumindo no horizonte.

A alma da gente tambem, ás vezes, se perde no oceano e se some na vida...

SOCIAES

NOIVADO — Contractou casamento com a gentilissima senhorita Jesuina Pimentel Marinho, dilecta filha do major do exercito Rosemiro de Freitas Marinho e de sua senhora, dona Rosinha Pimentel, já fallecida, o sr. dr. Custodio de Almeida, filho do conceituado banqueiro Alberto de Almeida Magalhães e de sua excellentissima esposa, dona Izabel de Figueiredo Magalhães.

Por esse justo motivo, os noivos têm sido muito cumprimentados.

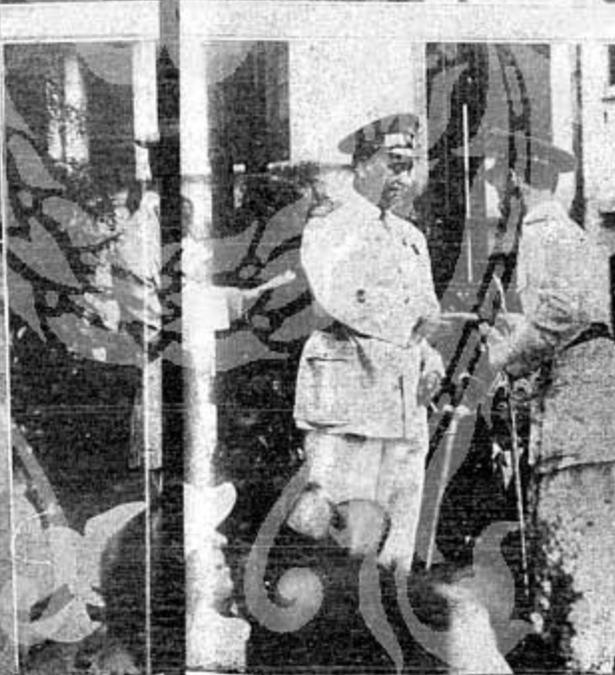
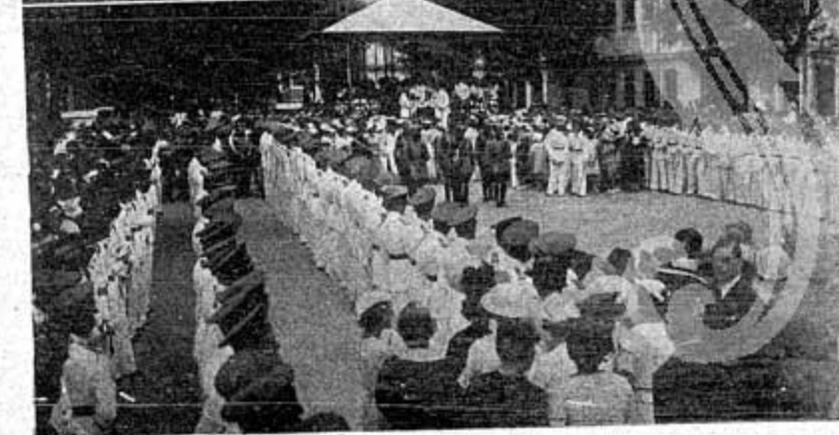
que os cerca. E crêem que o anno novo lhes traga o que os outros lhe têm negado...

Ha os indifferentes, os scepticos, em pleno viço da mocidade. Que lhes importa a vida, senão o momento voluptuoso do prazer de viver?

Mas, em geral, o dia um de janeiro é um dia de esperanças.

Eu não sei o que pensar de esse dia. Ando sem comprehender bem a vida. Creio, porém, que o anno novo é uma pura superstição, creada pelo calendario. Esses proximos 365 dias serão perfeitamente iguaes aos outros. E a vida, mesmíssima, um problema em face de cada individuo...

LUCIANO



Na manhã de 28 de dezembro findo realizou-se, na Escola de Intendencia do Exército, a cerimonia da declaração de aspirantes da turma de 1934, daquelle estabelecimento de ensino, estando presentes altas autoridades militares, a começar pelo ministro da Guerra. No dia seguinte, teve lugar, na igreja de Santo Ignacio, a solenidade da bênção das espadas dos novos officios. As photographias desta pagina fixam detalhes das duas cerimoniaes, que se revestiram de grande brilho.



Manto de Carlequin

HOMENS E CACHORROS

ESTE verão os cães de luxo complicaram a vida pública e particular do elegante bairro de Copacabana. Arreliaram varias classes sociaes: os mundanos, a diplomacia e a policia.

Por causa dum lulú que os donos diplomatas queriam que tomasse banho no meio da gente graúda e meúda dos postos balnearios, houve o diabo entre a França e o Brasil. O guarda-civil de serviço impediu que o cãozinho entrasse nagua. A dona protestou. O policial sustentou o fogo:

— Não pôde!

O marido da mulherzinha com certeza replicou, em francez:

— Sabe com quem está falando?

O caso e o casal que o motivou, com cachorro e tudo, acabaram na delegacia. Lá o cavalheiro, funcio-



O dr. Ary Miranda, illustre clinico patricio, acaba de ser designado para representar o Brasil no Terceiro Congresso Pan Americano de Tuberculose, a reunir-se no Uruguay. E' s. s. um nome de destaque na classe médica e autor de varios trabalhos scientificos, tendo sido relator de um dos themas officiaes sobre o tratamento da tuberculose pulmonar.

nario da Embaixada de França, disse alguns insultos ao Brasil. O patriotismo do delegado offendeu-se, mas receou metter o francez de cabeça para baixo no xadrez, que era o que devia ter feito. Officiou ao chefe de policia, que reclamou providencias ao Itamaraty. Trocaram-se notas de governo a governo. A Embaixada deu explicações e removeu logo o malcriado.

Pensava-se que tudo tinha terminado, quando appareceu um camarada atrás de celebridade, desafiando o removido para duelo, antes d'elle deixar nosso paiz á franceza...

Nesse interim, o pekinez de uma dama elegante ficou debaixo dum automovel. Sua dona em lagrimas levou-o ao posto de Assistencia Publica. Os medicos declararam que não eram veterinarios, porém, cedendo ao choro da bella senhora, examinaram o bicho. Estava morto. Sua dona retirou-se, então, debulhada em lagrimas, prometendo mandar buscar o cadaver.

O director da Assistencia foi informado do caso e da existencia do corpo cachorril no posto. Irritou-se com as infracções regulamentares e puniu os medicos, censurando-os e removendo-os.

No dia e mque se soube disto, ao cavar o alicerce duma casa, um pedreiro sentiu fodor de podridão cadaverica. Alarmou-se e telephonou á policia. Vieram inspectores, guardas, photographos e identificadores. Abriu-se uma cóva formidavel e achou-se o cadaver putrefacto dum cão...

Tudo isso occupou paginas e mais paginas, dias seguidos, em todos os jornaes: columnas abertas, negrita, versaletes, entrelinhados, "clichés", entrevistas, manchetes, o diabo!

Entretanto, no mesmo periodo em que os cachorros tinham tanta importancia e faziam gastar tanta tinta, a imprensa não se preoccupava com os livros mais sérios publicados, nem com os mais graves problemas sociaes, politicos, economicos e financeiros do Brasil e do Mundo. Parecia que neste só havia cachorros e que todos os ca-



Acaba de visitar-nos o sr. Constançio C. Vigil, o brilhante director geral do «Editorial Atlantida», de Buenos-Aires, de cujas officinas saem nada mence de nove revistas illustradas das mais interessantes da America latina. Constançio C. Vigil é um escriptor vantajosamente conhecido em toda a America através de uma farta e brilhante obra literaria e de uma pequena bibliotheca para creanças. Entre os livros de Constançio C. Vigil, delecta-se «El Erial», — verdadeiro escriptorio de bondade e de bellas idéas, — que inspirou a Martinez Paz este conceito: «Depois que Assis chamou de irmãos aos animaes, ninguém veitca a falar com o coração. Fál-o, agora, Vigil, neste «Erial», verdadeira e eterna sementeira de fructos impereciveis».

chorros estavam ansiosos pela leitura de matutinos e respertinos...

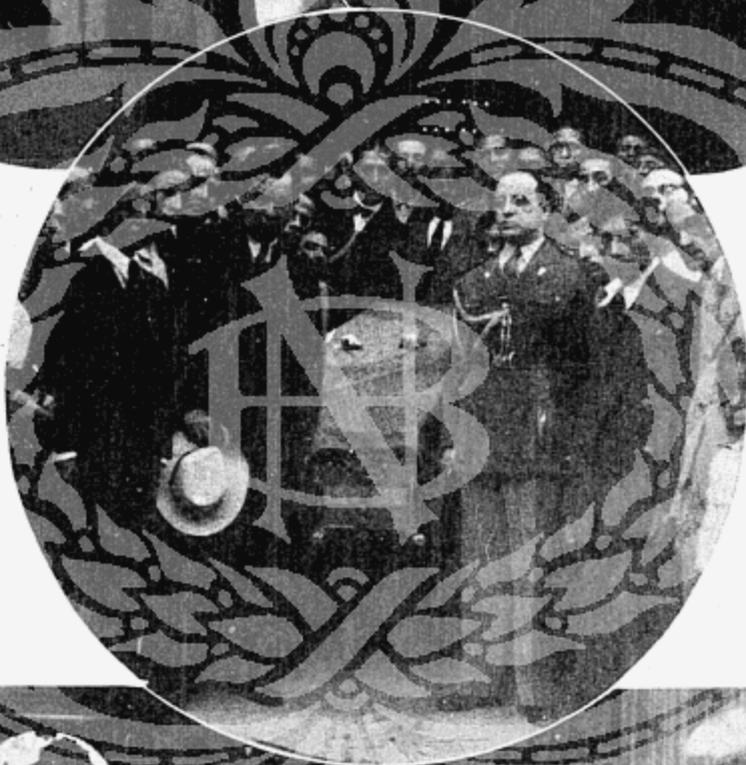
Que importa a fome dos operarios, a miseria social, a ameaça da guerra ou da revolução, a crise que estrangula os povos? Vamos noticiar a morte do lulú, as aventuras do teneriffe ou os apuros do pekinez. Deus nos acuda!... Chegamos a uma época em que os cachorros têm, pelo menos na imprensa, mais valor do que os homens...

O mundo na verdade anda tão maluco que é capaz de acabar, como diz o outro, se casando...



AZAS PARTIDAS

A aviação brasileira e o espírito publico ainda não se refizeram da profunda emoção, que lhes causou o desastre do «Waco 19», e no qual perderam a vida os seus dois tripulantes. Os jornaes já noticiaram largamente o que foi essa catastrophe, que veio enlutar o Exército e dois ia-res dignos, mergulha-dos, hoje, na mais ne-gra dôr. A nossa gravu-ra offerece varios deta-



lhes, referentes ao triste acontecimento. Nos medalhões se vêem as urnas dos mallogrados aviadores, major Floriano Peixoto da Fontoura Nunes e capitão Luiz Carneiro de Faria, quando desembarcavam na estação D. Pedro II, procedentes de S. Paulo; no centro, vê-se um dos caixões, quando era conduzido para o coche funebre, e, embaixo, um aspecto da missa de corpo presente, celebra-da na igreja da Cruz dos Militares.





Aspecto da romaria de saudade ao tumulo do nosso mallogrado companheiro Hermes-Fontes, no cemiterio de S. João Baptista.

No dia 26 de dezembro ultimo, passou o quarto anniversario da morte de Hermes-Fontes, o grande poeta brasileiro, que foi nosso companheiro de trabalho.

Como vem acontecendo todos os annos, a data do seu desaparecimento foi commemorada pelos seus amigos e admiradores, que fizeram uma romaria ao seu tumulo, cobrindo-o de flores.

Interpretando o sentir de todos, o escriptor Povina Cavalcanti, nosso prezado companheiro e grande amigo de Hermes-Fontes, recitou, a seguinte oração:

«Os teus amigos, Hermes, aqui voltam, fieis á tua memoria, na triste

Hermes-Fontes

celebração do quarto anniversario do teu desaparecimento.

Não visa a tua gloria a homenagem desta visita.

Um dia, quizeste deixar-nos, entre as amarguras da vida. Fôste um companheiro perdido na caminhada. Preferiste um atalho sombrio e mysterioso á estrada real, que iam os palmilhando.

Desviado do itinerario, nem por isso deixamos de ouvir-te.

A tua presença está nas vozes da

tua poesia, com a recordação do romanceiro invisivel, que já foi uma privilegiada natureza humana.

A hora de apressados juizes litterarios não permite que fulgure no zenith o setestrello da tua gloria.

Mas aqui estão, e aqui voltarão, sempre, os teus amigos fieis, até o dia novo da consagração do teu genio, quando já não forem necessarias as nossas mãos para abrirem e volverem as paginas dos teus livros.

Então, grande poeta, poeta maximo do Brasil — a tua glorificação já não precisará de nós.

Por emquanto, os teus amigos trazem-te só as flôres singelas da sua saudade»

FILIGRANAS

Durane as Cruzadas, muitas ordens religiosas, de caracter militar, se deixaram influenciar pelos ritos e cultos secretos orientaes. A ordem dos Cavalleiros Hospitalarios, mais tarde chamada de Ródes e de Malta, soffreu essa influencia; mas della se desembaraçou posteriormente. A ordem dos Templarios, porem, deixou-se invadir até a medula pelas praticas de idolatria e da devassidão. Suas riquezas e sua força militar desafiavam o poder real, e este, desde que poude ter a certeza dos seus crimes, não demorou em agir, conseguindo do papa sua abolição e levando aos tribunaes e ao supplicio seus responsaveis.

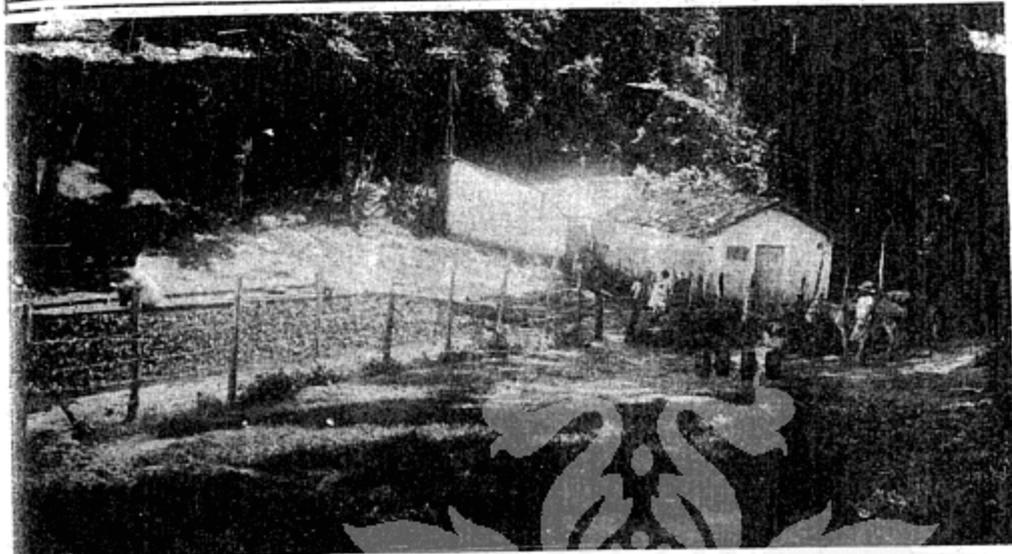
E' uma das paginas da historia, essa, que mais desafia a curiosidade.



F'agrante da distribuição de roupas e brinquedos ás crianças pobres de Copacabana, promovida pelo Nucleo Integralista daquelle bairro.

FONTE DA MATTA
É o título do último livro de Hermes-Fontes. Grande, extraordinário, profundo livro de poesia, esse! Inspirou-se, para escrevê-lo, o mallogrado cantor da "Lampada Velada" numa obscura e pequenina fonte de água pura, escondida no longinquo e saudoso rincão natal (a cidade sergipana de Buquin), que o poeta visitou, depois de longos annos de ausencia.

O poeta Freire Ribeiro offereceu a Poetisa Cavalcanti essa photographia da fonte, a qual com varias outras apparecerão opportunamente em livro desse escriptor sobre o poeta das "Apotheoses".



HERMES FONTES



*Com tuas próprias mãos cortaste o oculto fio
Que prende ao seu destino a existencia corrente
E quiseste ficar, tu buliçoso e ardente,
Para sempre na paz do nada, inerte o frio.*

*O drama da tua vida, angustioso e sombrio,
Pôde entenebrece-te a luminosa mente
E a tua mão febril estancou de repente
Das tuas rimas de ouro o sonoro fio.*

*Poeta forte, homem fraco, — a visão do suicida
Acalmou-te ao mostrar no trágico transporte
Que é menos misteriosa a morte do que a vida:*

*E entregaste, cedendo á deploravel sorte,
Em tua plena ascensão, súbito interrompida,
O misterio da Vida ao misterio da Morte.*

Filinto de Almeida

EM sessão publica da Academia de Letras, ha dois annos passados, em homenagem a Hermes-Fontes, o notavel academico sr. Filinto de Almeida recitou bellissimo soneto, que em primeira edição hoje publicamos.



Tulipas

CONHEÇO muita gente que tem a preocupação insistente de trabalhar numa redacção de revista.

Para que? perguntarão os senhores. Pela vaidade muito simples de escrever, de fazer literatura.

E' um tolo ideal. Mal compensado, quasi sempre.

De mais, são tão pesados os onus...

Eu comparo a vida de um escriptor, — pelo menos a daquella que é obrigado a escrever para o seu publico, — á vida de Deburan.

Deburan era um palhaço notavel. Ninguém lhe resistia ás piadas, ás graçolas, ás pihérias. Elle fazia rir ao mais sizudo individuo. A alma mais trancada á alegria tinha que se lhe abrir aos ditos de comediante irresistivel.

Pois, certa vez, Deburan foi consultar-se a um medico.

— De que soffre? — perguntou o clinico.

— Uma tristeza chronica, doutor. Não tenho alegria na vida e, no emtanto, vivo a contrariar a minha alma, afim de dar aos outros a impressão de que sou feliz e alegre. Não tenho o direito de manifestar que soffro, que sou triste ou que recalo a minha dor...

O esculapio sorriu.

— Para a sua tristeza só vejo um remedio.

— Qual, doutor?

— Procure o palhaço Deburan...

Este voltou ainda mais triste do que dantes.

Pois a vida do escriptor é assim.

Um redactor de revista deve escrever, sempre, coisas alegres e suaves. afim de demonstrar que nunca está descontente... E é um martyrio...

O amigo do homem triste entrou, e foi encontrá-lo sentado, numa larga poltrona, no seu gabinete de trabalho.

Carlos, o visitante, cahiu nos braços de Lucio, o homem melancolico. E como não se encontrassem, havia talvez um anno, o que chegou foi contando:

— Sabes, meu velho, venho aqui para um desabafo.

— Hoje, noite de Anno Bom? — estranhou Lucio.

— Hoje, sim. Para a desventura, o tempo não existe. Ella chega sempre quando se espera a ventura.

— Adeante! — ordenou o outro, com calma e firmeza.

Então, Carlos, o amigo de Lucio, o homem triste, contou os revezes de sua vida amorosa.

A amante, depois de lhe haver dado os melhores dias de sua existencia agitada, certa vez, lhe deixou o leito vazio... O leito e a vida — accrescentou.

Ella se apaixonara por outro. Esqueceu os cinco annos risonhos de uma vida tranquilla, cheia de encantos, sempre novos, e falseou a fé jurada, perante o seu amor...

— E' realmente um infortunio. E, agora?

— Agora? Agora — repetiu Carlos, coordenando as idéas — eu não me resigno, não me conformo com esta vida solitaria.

— E si ella voltasse aos teus braços?

— Tanto peor! Tanto peor, porque eu continuaria a sentir a ausencia da "outra", da "primeira". Si ella voltasse, não seria mais a mesma mulher. Seria uma "nova" mulher. Melhor ou peor — mas, "outra". Não mais a "primeira" — isto é, a mulher querida, que conheci precisamente ha cinco annos.

Depois de um silencio, Carlos, o infortunado, abriu a porta, e se foi, pela noite festiva, como um espectro ambulante...

Lucio, o homem triste, puxou uma gaveta da sua secretária. Tirou de dentro della um caderno, que tinha este titulo: — "Diario de um homem triste".

E, lentamente, escreveu: "Noite de Anno Bom. — 1934. Carlos veio hoje visitar-me. Contou-me a sua desventura, num grande desabafo. Carlos soffria. Porque as suas palavras vinham molhadas de lagrimas. E eram theatraes.

A sua historia commove. E' uma historia banal, igual a muitas, mas,

emocionante. Porque é a historia de um amor desgraçado e sem remedio. Envolve um caso de ingratição dolorosa...

Eu tenho uma historia igual, na minha vida.

Mas, com quem desabafar a minha alma? Com o Carlos?"

EU tenho, para vós, ó bellas e vaporosas caixeirinhas, aquellas mesmas palavras de amor, de exaltação e sympathia, que se lêem nas "Lettere alle sartine d'Italia", de Guido da Verona.

Vendeuses de olhos alegres, vivos ou melancolicos, que um halo róxo circunda e enfeita, como violetas maceradas, ou se accendem, numa flamma de jovialidade "coquette", numa alegria bohemla, de quem vê a vida pelo seu lado côr de rosa — apesar da luta "au jour le jour" — vós sois, sempre e sempre, na fragillidade da vossa graça, do vosso encanto illuminado, as pequeninas hercinas dos vistosos "magazins", das lojas de côres berrantes e festivas, dos bazares, das "bonbonnières" e das casas de moda!

Como vós me pareceis bellas e grandes, no vosso sacrificio sublime, pela honorabilidade do vosso nome, lutando, sem desfallecimento, corajosamente, contra os obstaculos e adversidades que encontraes no vosso caminho difficil!

Bellas vendeuses cariocas!

Accetae a minha saudação, e permitti que um inexpressivo chronista vos beije os dedos esguios e ágeis, onde os aneis de pedras falsas e modesto metal brilham e valem mais do que o ouro e os brilhantes das burquezas enfatuadas, que vos desdenham do fundo das suas *Lincoln*!

Vós sois o encanto, a graça, a vida da metropole!

Pela manhã, na luminosidade do vosso encanto, a vossa mocidade enche as ruas de garridice e bullicio. Ao meio dia, á hora apressada do almoço, é, ainda, a vossa graça que dá vida á cidade! E, á tarde, quando a "urbs" fálsea, e se illumina, como uma immensa "vitrine", sois vós que, embora, multa vez, trazendo um ar de passaro cansado, fazeis as avenidas, os trens, os bondes, os omnibus, viverem a sua hora de belleza, de vibração e esplendor!



CEMITERIO DE MULHER

A tua vida é um cemitério de mulheres esquecidas...

A cruz dos túmulos é a sombra dos teus braços abertos... Porque os teus braços nunca se fecharam em mãos postas, para a oração dos que o teu esquecimento sepultou...

As lápides são o olvido; epitaphio, o abandono.

Campo santo sem os fogos fátuos da memória!

Mas, o meu amor immortal, ás vezes, revive, um instante, na resurreição dos anseios antigos e frementes!

E os meus beijos mal assombrados afloram á terra, formando do túmulo um canteiro de rosas febris, em fórma de bôccas as corolas, em fórma



O dr. Gastão Guimarães, director da Assistencia Publica Municipal, foi homenageado pelos jornalistas que trabalhavam naquele departamento da Prefeitura, os quaes offereceram um almoço ao illustre medico patricio e inauguraram o seu retrato na sala de imprensa da Assistencia. O nosso «cliché» localiza aspectos dessas duas expressivas homenagens.

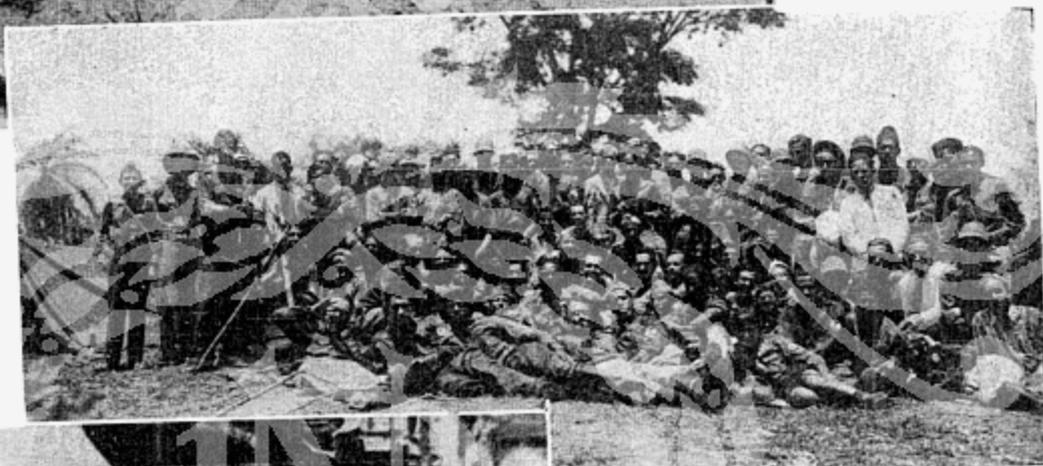
de labios mai fechados as petalas sanguineas...

Para fazer reflorescido o cemitério da tua vida, cemitério de mulheres esquecidas...



Um «terço» da milícia de Belo Horizonte, prestando homenagem, no dia de Finados, à memória do companheiro Joaquim Gonçalves Vieira.

O
Integralismo
nos
Estados

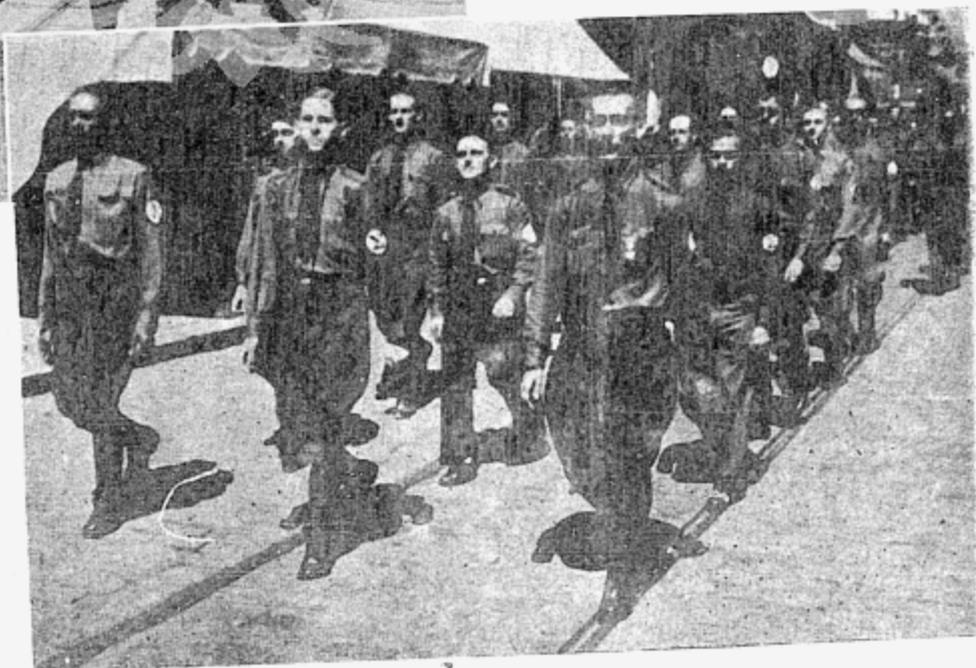


Uma «bandeira» da milícia de Belo Horizonte, em exercícios de campanha.



Componentes da milícia do núcleo de Villa Mathias, durante o desfile integralista de 15 de Novembro último.

O desfile integralista de 15 de Novembro, em Santos: ao centro o sr. Perinópolis Perini, chefe do núcleo de Villa Macuco, tendo, à esquerda o sr. Durval Damasceno Filho, chefe do núcleo de Villa Mathias, e, à direita, o dr. Campos Moura, secretário do departamento de milícia, de Villa Macuco.





UM NEGOCIO BEM ENCAMINHADO

- Chegaste a ver o numero do automovel?
- Vi.
- E por que não o revelaste á policia?
- Negocios. Quero ver se arranjo um encontro de contas. O carro era dirigido por meu alfaiate.

ALMANACK LAEMMERT

A antiga e conceituada Editora — Empresa Almanack Laemmert — acaba de expôr á venda mais um volume do seu excelente guia commercial — o tradicional Almanack Laemmert.

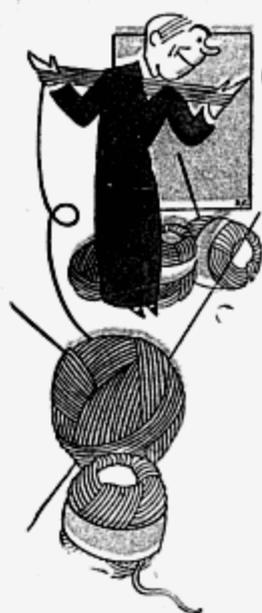
O volume, agora posto em cir-

culação, é o 2.º da série para 1935, e referente aos Estados de S. Paulo, Minas Geraes e Paraná. É dispensavel encarecer o valor desse magnifico trabalho de divulgação commercial — o unico, no genero, existente no paiz, e perfeito quanto ás informações que fornece.

Além dos dois volumes, já publicados, do Almanack, a Empresa Laemmert distinguu ainda a redacção do F O N - F O N, enviando-nos alguns exemplares dos seus bem organizados trabalhos, que são: os **Apontamentos Diarios**, para 1935; o **Memorial Fluminense** e a **Agenda Laemmert**.



A professora d. Mariêta de Saules com suas alumnas de piano, após a segunda audição que promoveu em 1934 e que se realizou nos ultimos dias de dezembro.



da Mulher, para a Mulher

A V E N T A L

Material necessário: Linha mouliné marca "Ancorá", 1 meada de cada uma das seguintes cores:

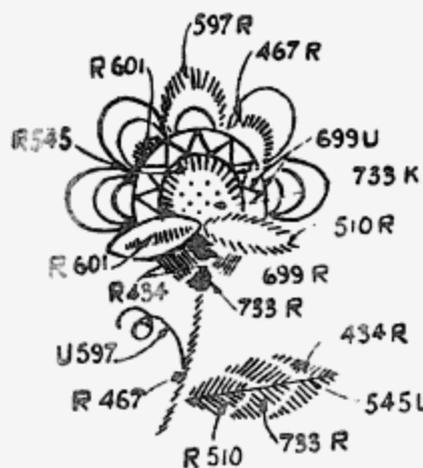
F. 434 (verde oliva), F. 467 (geranium), F. 597 (carmezim), F. 510 (azul), F. 545 (salmon), F. 601 (crème), F. 699 (preto), F. 733 (ouro velho).

0 m75 de linho azul.

Córte o molde do avental em um papel, de accôrdo com o diagramma. Applique-o sobre a fazenda, recórte-a. Junte as 2 partes do bolso e cubra a costura com um viéz carmezim. Junte também as 2 partes do pescoço. Debrúe todo o avental e o bolso com viéz carmezim.

Decalque o desenho no peito do avental e nas duas partes do bolso e bórde-o de accôrdo com o diagramma, com 3 fios e fazendo os pontos das flores e folhas sempre na mesma direcção.

ILZA





Pastilhas, salpicos

PASTILHAS e salpicos, tão graciosos e juvenis, gozam de grande favor na estação actual. Crêpes escuros, pastilhados de branco, ou vice-versa, grossas linhas de Rodier, de aspecto rugoso, côr de barbante, com pastilhas bordadas a côres vivas, delicadas cassas suissas levemente salpicadas a côres, organdys imponderaveis com salpicos tom sobre tom, *mousselines* escumosos com salpicos *point d'esprit*... as bolinhas inquietas, como *confetti* esvoaçantes são realmente sedutoras.

Por isso presentamos as nossas gentilissimas leitoras com 4 modelos modernos e praticos para esse genero de fazendas.

Da esquerda para a direita:

Vestido de crêpe da China azul marinho ou *marron*, com bolas brancas, guarnecido na golla, mangas e cinto por laços duplos.

Ao alto, vestido em linho ou crêpe de fundo claro, pastilhado de escuro, cinto écharpe e lenço em seda escura com pastilhas brancas. Sala inteiramente pregueada, blusa com *basque* cruzada, guarnecida por 4 botões.

Ao lado, vestido abotoado á frente, decôte oval, guarnecido por um largo viéz. Casaco sem golla, de talho recto, em crêpe azul marinho com pastilhas brancas.

Em baixo, á direita, vestido genero *chemisier*, de linho branco pastilhado a vermelho, gravata vermelha com pastilhas brancas, cinto vermelho.

Rio — Dezembro — 934.

mulher desconhecida



*Nada nos vai procurar-a...
Essa mulher nunca nos vem,
ou por capricho ou por desdem,
quando queremos encontral-a...*

*Já desde muito eu penso assim
dessa mulher desconhecida,
que me parece, anda escondida,
mas escondida só de mim...*

*E' voz corrente que encontramos,
de surpresa pela vida,
a mulher desconhecida
que depois amamos...*

*De um palacete ou de uma choça,
ella nos vem naturalmente,
ella nos chega indifferente,
essa mulher que será nossa...*

*Seguindo eu vou a mesma estrada,
sem procurar essa mulher,
essa mulher desconhecida,
que só de mim anda escondida,
que ha de vir quando quizer
para me amar e ser amada...*

ANDRÉ BRAGA

PHILOSOPHIA DA DÔR

O eminente publicista, autor de "Idéas e Sentimentos", escreveu estas luminosas palavras:

"As grandes dôres moraes, os soffrimentos secretos, as angústias interiores e as surpresas aterroradoras são grandes escolas do aperfeiçoamento humano. O soffrimento é realmente um bem immenso. O mundo, sem a philosophia da dôr e a sublime e profunda meditação da vida e da morte, seria verdadeiramente inútil. O soffrimento é, portanto, insubstituível. Thesouro inexgotavel, fonte de energia, despertador de consciencias adormecidas — elle é um aviso de Deus. Todos os grandes espiritos e todas as almas soffredoras e nobres comprehendem claramente os clarões da dôr no

mundo moral e os ineffaveis beneficios das provações."

Eis ahí uma pagina cheia de ensinamentos sublimes e grandiosos sobre o soffrimento humano e a philosophia da dôr.

Não se pôde realmente negar ser a dôr a verdadeira creadora das grandes obras. As lagrimas que cahiram dos olhos divinos e tristes dos poetas se transformaram em poemas scintillantes. Os homens soffredores foram philosophos e foram santos.

O brilhante escriptôr Humberto de Campos foi um exemplo magni-

O «clichê» abaixo focaliza um grupo tomado por ocasião das festividades commemorativas da formatura dos novos bacharelados e perito-contadores do Gymnasio Pirto Ferreira, de Petropolis, realizadas em dezembro ultimo, na cidade serrana.

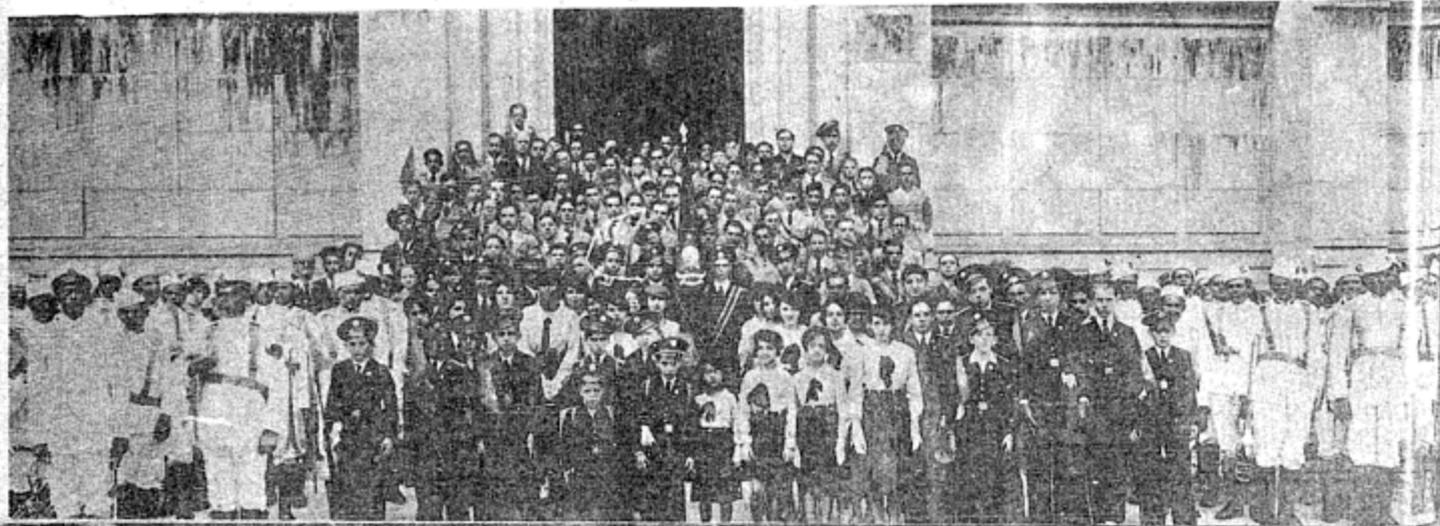
fico. Foi no meio de soffrimentos atrozos e de dôres padecidas com a coragem e a serenidade de um estoico, que Humberto escreveu os seus poemas de ouro e as suas chronicas coruscantes de riquezas literarias.

A dôr é realmente uma necessidade, porque ensina, edifica e aperfeiçoa.

No meio da grande desventura, os olhos se enchem do azul. Através das lagrimas, tudo se transforma.

Humberto de Campos! Alma de philosopho... Alma divina... As estrellas ficam mais lindas dentro dos olhos cheios de pranto...

PAULO FREITAS



FON-FON NO CINEMA



Escravos do desejo

(Of human bondage)

Produção da RKO-RADIO

Com LESLIE HOWARD, BETTE DAVIS e FRANCES DEE

Mildred continúa a cair cada vez mais, e finalmente morre desprezada, sendo assistida por Philip no hospital.

Com a morte de Mildred, termina o martyrio de Philip. Mas a sua dor é pungente, e por isso resolve abandonar o cenário de sua tortura e viajar pelo mundo para esquecer. Obtem, com esse fito, o lugar de medico de bordo de um navio que vae para a Australia. Quando Sally sabe da partida, vem ao caes para se despedir de Philip. Nesse momento, sentindo libertada sua alma da influencia nociva que a vinha escravizando, propõe casamento a Sally, com a condição, porem, de abandonarem o paiz.

E Sally, que o ama com ardor, não deixa que essa condição seja impecilho para o seu lindo romance. E parte com elle.

PHILIP CAREY é um arruinado estudante de medicina, de alta e refinada sensibilidade. Um dia, repentinamente, sente-se apaixonado por Mildred Rogers, uma moça da plebe, sem educação nem beleza, mas profundamente interesseira. Um a verdadeira caçadora de maridos ricos.

Mildred não liga importância á paixão de Philip, até que descobre que elle tem ainda dinheiro bastante para lhe pagar jóias e champagne. Une-se então com elle.

Em successivas occasiões, Mildred abandona Philip por outros homens, entre os quaes se destacam Emil Miller, um estrangeiro grosseirão, e Griffiths, professor de Philip. Mas Philip ama Mildred. O laço que o unia a ella era tão forte que não desanimou mesmo por occasião do nascimento de um filho de Griffiths. Chegou então a lhe dar dinheiro para custear as despesas e abrigo a ella e a creança. Procurando um antídoto para o seu obsecado amor, Philip lança as vistas sobre Nora, que é uma moça inocente, bondosa e caridosa. Apesar disso, porém a extranha fascinação por Mildred persistiu fazendo com que Nora desanimada deante da indiferença de Philip se casasse com outro homem.

Pouco tempo depois, Philip encontra Sally Athelton, na cabeceira do pae, no hospital de que Philip é interno. Ella se apaixoa por elle, mas o rapaz, desejando embora corresponder áquelle amor puro e sincero, continúa a sentir-se attrahido por Mildred, a despeito da inutilidade e incoherencia dessa affeição.



Miragens de Paris

Produção NATAN

Com JACQUELINE FRANCELLE
e ROGER TREVILLE



NO pensionato de mlle.

Aurelia Dubois acaba de rebentar um grande escandalo: uma alumna, a senhorita Magdalena Duchanel desaparecera. Um lençol preso a uma janella é a prova.

Mas o caso limitava-se a uma coisa muito simples: Magdalena resolvera partir para Paris para entrar



para o theatro. Ella não conhecia a capital, e por isso foi grande o seu embarço ao desembarcar. Um director de agencia theatral tem para ella apenas palavras rudes e conceitos ironicos.

Com a valise na mão, percorre Paris com o coração atribulado. Por entre a multidão que a atropela, um homem lhe estende um prospecto: "Ao pegasse! O grande café artistico onde se reúnem todos os grandes artistas. No Boulevard Strasbourg. Todas as celebridades! Falta apenas você." Será possível?... Alegre dirige-se para o restaurante onde encontra uma colossal multidão. Toda aquella gente é constituída de celebridades e entre ellas estará certamente o famoso Tonerre. Se elle podesse interessar-se pela sua vida artistica! Perto della senta-se um joven artista que ella toma pelo proprio Tonerre. Sorri-lhe. Fala-lhe com ternura, das suas esperanças de ser um dia uma grande artista. Esse moço não é Tonerre; é apenas o modesto François Verneuil, que a leva para sua casa, para que ella lhe mostre o que sabe. Magdalena canta. Elle reconhece quanto talento existe naquella inexperiente creatura e combinam fazerem um numero em conjunto, que ha de causar sensação. Mas eis que no apartamento de Verneuil surge a amante, Julietta. Irritada com a presença da pequena nos aposentos de Verneuil, atira-a pela porta fóra e pela janella despeja sobre o canal Saint Martin tudo quanto Magdalena trazia consigo, chapéu, valise, etc, etc. Sozinha, sentada num banco Magdalena chora. Está escura a noite. Verneuil vem de novo ao seu encontro e consola-a. Tudo se ha de arranjar. Mas vem os guardas e obrigam Magdalena a deixar o banco. Parte sem destino. De repente, um assobio. Ladrão. Raparigas que fogem apavoradas. Ella entra numa hospedaria de mau aspecto. Chora a sua desgraça e diz que o responsavel é um tal Tonerre. Procuram o grande artista desse nome para o responsabilizar pela infelicidade daquella pobre pequena. Tonerre fica espantado. Nunca vira semelhante cara. Suspeita de uma chantage. Mas diante da descripção feita entre lagrimas da infeliz Magdalena, Tonerre commove-se e a pobre encontra enfim a sua felicidade no mundo artistico.

O AMOR OBRIGA

**Da Paramount, com Carlos Gardel,
Mona Maris e Vicente Padula**

A acção do film tem principio em Buenos Aires, no Café da Faculdade, onde por norma se reúnem os estudantes. Entre os frequentadores mais assíduos, contam-se também Carlos Acosta e Jorge Linares, ambos beirando os trinta annos, mas resolvidos a envelhecer entre a rapaziada alegre, como estudantes relapsos.

Acosta, graças ao seu talento musical, á sua linda voz, á sua sympathica presença, goza de grande popularidade entre as mulheres do bairro, se bem esteja noivo de Rosa, filha de Don Pedro, o dono do café.

Rosa adora Carlos, mas este, muito apaixonado a principio, não tarda a sentir-se fascinado pela linda Rachel, uma mundana para quem Carlos é o capricho de um dia, e nada mais.

Linares foi pretendente a Rosa noutros tempos, mas agora, certo que a moça ama Carlos, perde toda a esperanza de se ver correspondido. Isto ainda mais o indigna pelo desamor de Carlos que nada de bom poderá ganhar com a sua inclinação pela mundana.

Quebrando promessas feitas a Rosa, Carlos



passa cantando, e Carlos não resiste e vae atraz della.

Ansioso de subtrahir Carlos á fascinação que sobre elle exerce Rachel, Linares leva para o campo o seu amigo, mas nenhum outro resultado obtem senão o de malquistar-se com Carlos a quem a mundana o denuncia como seu rival.

Em Paris, onde acompanhou Rachel, Carlos vae descendo mais e mais na escaða social. Das suas composições, só uma os editores disputam, mas essa é uma valsa de que elle não quer abrir mão, pois é a melodia que o fez popular entre todos os seus amigos do Café da Faculdade, tudo quanto lhe resta do passado, da sua Buenos Aires querida, da sua juventude.

Mas não basta a pobreza a affligil-o. Certo dia, elle descobre que Rachel, por quem tudo abandonou, o atraição miseravelmente. A colera faz-lhe perder a cabeça mas tal é o ascendente de Rachel sobre elle que em vez de mata-la, a devora de beijos!

De Paris, os dois passam a Nova York onde ganham a vida como cantores e ballarinos de tangos, num café das proximidades dos cées. Linares, então commandante de um vapor mercante, vae certo dia a esse café e confrange-se-lhe o coração ao ver a que situação chegou o seu amigo.

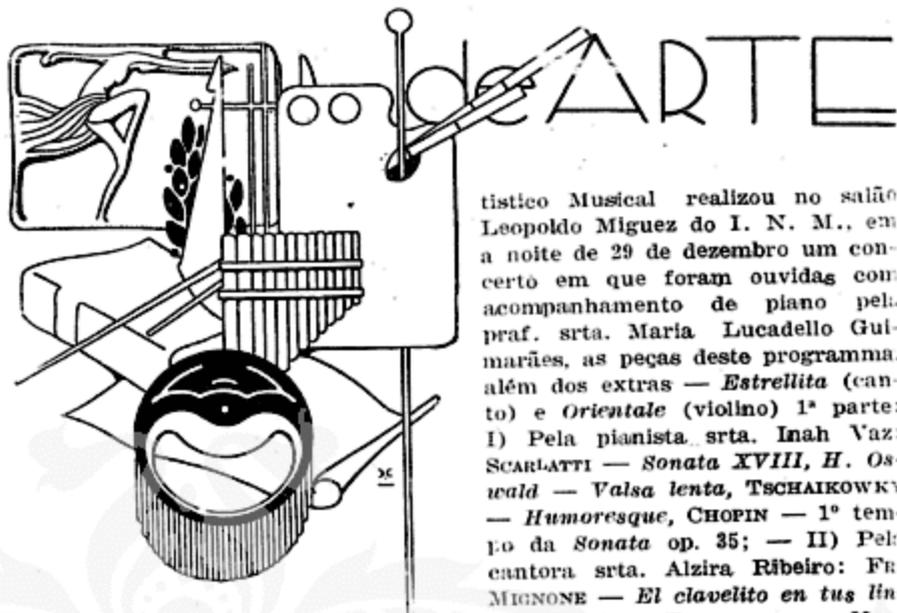
Quando os dois homens, para conversarem mais á vontade, se retiram a um gabinete reservado, ahí vão encontrar Rachel em companhia do mesmo homem que quasi levou Carlos a mata-la em Paris. Depois de lançar a terra esse individuo que tentou agredil-o á faca, Carlos vae precipitar-se sobre Rachel quando Linares intervem.

Horas depois, levanta ferro o vapor que Linares commanda, levando a seu bordo Carlos, a quem em Buenos Aires aguarda uma nova vida nos braços de Rosa, a mulher que deveras o amou e que jamais poudes esquecer-o.



deixa de ir a um encontro marcado com a moça, e vae a um cabaret com Rachel e outros amigos, entre os quaes, Linares. Rosa vae alli buscal-o e leva-o ao café, mas quando os dois estão em amoroso colloquio, Don Pedro que ouve o rumor de vozes, chama a filha para junto de si. Carlos fica só mas de repente chega-lhe aos ouvidos uma voz da rua. É a voz de Rachel que





AUDIÇÃO DE ALUMNAS DA PROFESSORA RIVA PASTER NAK. — No Studio Nicolas, em a noite de domingo, 16 de dezembro, teve lugar uma audição de alumnas da professora russa sra. Riva Pasternak, e na qual foi observado este programma: I) 1. Pelas srtas. Ruth Dunshee de Abranches e Glorinha Goulart Monteiro: *Nous semons du millet* e *La liberté* (canções populares?); 2. Pela srta. Amelia Machado: *Lasciatemi morir*, de Monteverde e *Sento nel core*, de Donaudy; 3. Pela srta. Celia Vieira: *Berceuse Cosaque*, de Korsakov e *Serenata d'amor*, de Tupynambá; 4. Pela srta. Ruth Bulhões: *Quand la hache tombe*, de Gretchaninow e *L'oubli tu tombeau*, de Balakirew; 5. Pela srta. Alda Vasconcellos Bastos: *Canção infantil* de Tupynambá e *L'éclat de rire*, de Auber; 6. Pela srta. Ruth Magalhães: *La mantilla*, de Alvarez; 7. Pela sra. Zuleika L. Calvet: *Addio* de A. Guercia, e *M'ama... non m'ama*, de Mascagni; 8. Pela sra. Celsa Ribeiro da Costa: *Pur diceste bocca bella*, de Lotti; 9. Pela sra. Zuleika Calvet e srta. Ruth Magalhães: *Nocturno*, de Grodzky; — II) 1. Pelas srtas. Helena Figner e Ruth Magalhães: *Duetto* da op. de Tschalkowsky — "A dama de Espadas"; 2. Pela sra. Bêbê Cavalcanti: *Complainte de St. Nicolas*, harm. por Perillou e *Serenata*, de Schubert; 3. Pela sra. Celsa Ribeiro da Costa: *Violette*, de Scarlatti e *Berceuse* de Mozart; 4. Pela srta. Helena Figner: *Ariette de la Belle Arsène*, de Monsigni; 5. Pela sra. Bêbê Cavalcanti: *Final* da op. "Thais", de Massenet; 6. Pela srta. Helena Figner: *Gehcimes* (?), de Schubert e *Numa Concha*, de Souza Lima; 7. Pelas sras. Celsa Ribeiro da Costa e Bêbê Cavalcanti: *La Nuit*.

Como sempre, anotamos todas as audições segundo o grão de emoção que nos produzem. De sorte que em setratando de alumnas, natural é não sirm as nossas impressões de gradimetro para avaliar competencias, porque não se podendo comparar alumnas de mezes com outras de annos de estudo, da circumstancia de nos agrada-rem estas mais do que aquellas, não quer dizer valham de modo absoluto as segundas mais do que as primeiras. A nossa apreciação é puramente emocional. Nada tem de technica. E' função exclusiva da nossa sensibilidade.

Com esse criterio, se louvamos

de modo geral as interpretações das 11 alumnas da audição, que todas ou quase todas nos pareceram talentosas e applicadas, devemos distinguir especialmente tres nomes: srta. Alita Vasconcellos Bastos e sras. Celsa Ribeiro da Costa e Bêbê Cavalcanti.

A primeira, a srta. Alita Vasconcellos, talvez a menos adeantada da triade, afigurou-se-nos dotada de bello temperamento artistico. Mostrou-o bastante em *L'éclat de rire*, que teriamos applaudido mais se ainda não estivesse muito viva em nossa memoria a magistral interpretação de Bidú Sayão, no seu ultima concerto do Municipal.

As sras. Celsa Ribeiro da Costa e Bêbê Cavalcanti as figuras mais notaveis da audição. Pareceram-nos classificaveis no mesmo plano. São bellas vozes e vozes educadas. Ouvindo-as com attenção talvez se prefira a voz de uma e a arte de outra. Mas o certo é que ambas sentem o que cantam e transmitem o que sentem. Causaram-nos bellas emoções muito especialmente o relevo artistico a sensibilidade communicativa, que imprimiu a sra. Celsa da Costa a *Par dicesti bocca bella* de Lotti e a *Berceuse* de Mozart, e a sra. Bêbê Cavalcanti á *Complainte de St. Nicolas*, e á *Serenata*, de Schubert.

Registremos ainda o progresso, o grande progresso que fez em dois annos a srta. Helena Figner, e o bello exito do duetto final — *La Nuit*, onde tanta brilharam as duas principaes alumnas. Com a revista de mostra que nos proporcionou, a prof. Riva Pasternak mostrou mais uma vez a sua competencia de mostra de canto.

CENTRO ARTISTICO MUSICAL. — 120º concerto da série e commemorativo do 11º anniversario da sua fundação, o Centro Ar-

tistico Musical realizou no salão Leopoldo Miguez do I. N. M., em a noite de 29 de dezembro um concerto em que foram ouvidas com acompanhamento de piano pela praf. srta. Maria Lucadello Guimarães, as peças deste programma, além dos extras — *Estrellita* (canto) e *Oriente* (violino) 1ª parte: I) Pela pianista srta. Inah Vaz: SCARLATTI — *Sonata XVIII, H. Oswald* — *Valsa lenta*, TSCHAIKOWSKY — *Humoresque*, CHOPIN — 1º tempo da *Sonata* op. 35; — II) Pela cantora srta. Alzira Ribeiro: FR. MIGNONE — *El clavelito en tus lindos cabellos*, TAGLIAFERRI — *Mandolinata a Napoli* (serenata), MASCAONI — *Solo de Suzel*, da op. "Amico Fritz"; — III) Pela violinista srta. Yolanda Peixoto: WYNIAWSKY — 2º Concerto (Romance — Allegro alla Zingara); — 2ª parte: IV) Pela pianista srta. I. V. GRIEG — *Danças Norueguesas*; GRODSKY — *Valsa Caprichosa*; CHOPIN — *Valsa n. 7*; MUSSOROSKY — *Sherzo*; — V) Pela cantora srta. A. R.: MIGUEZ — *Pelo amor*; MASSENET — *Aria de Chimene*, da op. "Le Cid"; — VI) Pela violinista srta. Y. P.: H. OSWALD — *Andante*, CHAMINADE-KREISLER — *Serenata Espanhola*; BRAHMS — *Valsa*; POPPER AUER — *Spinnled* (estudo de concerto).

Agradavel garão musical, em que brilharam todas as concertistas, inclusive a acompanhadora, que foi muitas vezes coautora nas execuções, e onde teve especial destaque a violinista — o 120º concerto da C. A. M. teria sido dos melhores que nos tem proporcionado se não fora o máo piano, um velho Gaveau, que não permite sobresalam as pianistas, e contribue mesmo para as desvalorizar.

A srta. Inah Vaz, que ouvimos pela primeira vez depois de terminado o seu curso de piano e cujo talento pianistico tanto nos impressionára quando muito menina a ouvirmos numa *Fuga* de Bach, executou com mais ou menos correcção todas as peças e com especial agrado a *Valsa lenta*, o 1º tempo da *Sonata* op. 35, as *Danças Norueguesas* e a *Valsa n. 7*. Infelizmente o *Gaveau* não permitiu nos desse a srta. Inah Vaz a impressão de que a joven pianista de hoje tinha sido a menina prodíge de hontem.

A srta. Alzira Ribeiro, cujas naturaes predicados vocaes são de

ERA UMA VEZ... — Kleber de Sá Carvalho

— **C**ONTA, vóvózinha, conta aquella historia tristonha do pobrezinho da sua aldeia!... Conta, vóvózinha...

E, serena, sem perturbar o silencio, na avidez de ouvir historias que a suave velhinha conta sempre, o travesso menino esperava que a vóvó começasse. Ella, entretanto, de olhos pretos, vestida de chita com salpicos negros, de mãos tremulas e a cabeça semelhante a um novello de linha, continuava a fazer e a desmanchar o seu *crochet* de linha rococó.

Elle insistiu. Queria, para recreio de sua infanti- lidade, ouvir contos de uma fada qualquer, Vóvó sa- bia-os, conhecia de cór um grande numero delles. Aquella, historia do "Príncipe Encantado", aquelle outro, a "Gata Borralheira", todas essas historias ou- vira dos labios da velhinha, quasi sempre á hora de dormir.

Agora, queria ouvir outra. Ella promettêra... Se- ria, portanto, uma de que elle ouvira faiar: "Papá Noel"...

A pobre velha enroiu o seu trabalho, tantas vezes começado, o seu novello de linha crúa, sua agulha; e, depositando-o numa cestinha redonda, de costuras, que jazia em seu collo, parou um momento como que a recordar...

Parece que a saudade e uma funda tristeza co- briam, levemente, o seu semblante.

Sorrindo, aconchegou bem junto a si o gárrulo net- lino, e começou:

— Era uma vez...

* * *

NA vespera do Natal, por toda redondeza do po- voado festejavam o nascimento do menino Jesus.

Balle, foguetes, celas, queimar de fogueiras e, além do luar, sentimental, eucolico, o canto evocativo dos gallos...

Havia entretanto, num rancho de palha, mais dis- tanciado, o pequeno Alberto, orphão de pae e o me- nino mais pobrezinho do logar Naquelle noite correu a procurar sua mãe, que, á luz bruxoleante da lam- parina, remendava uns trapos de roupa, e disse-lhe, tristonho:

— Mãezinha, por que você não comprou os meus sapatinhos? Hoje é vespera de Natal. Todas as cri- anças terão brinquedos; só eu nada terei. Olha, se você ao menos tivesse comprado os meus sapatinhos...

A mãe tentou sorrir, e o menino continuou:

— O outro Natal, eu me recordei bem, Papá Noel teria verdadeira...

chegou de barbas muito brancas, longas, arriou o sacco cheio de brinquedos, separou tanta coisa bonita para mim e, quando foi procurar debaixo da cama os meus sapatinhos, não os encontrou. Foi por isso que eu não tive os presentes do Natal.

— Vá deitar-se, vá, meu filho; hoje, Papá Noel dei- xará alguma coisa. Vá dormir...

Só a pobre mãe sentiu, então, a tristeza de sua vida naquellas palavras innocentes...

Depois, reflectiu. Iria arranjar um sapato velho.

Sahiu. Na rua, já madrugada, quasi ninguém. Ca- minhou resoluta na ansia de encontrar o almejado pé de sapato. Já desilludida, divisou ao longe qualquer coisa mais ou menos negra. Aproximou-se. Era um sapato velho, resequido, torto, medonho mesmo. He- sitou, mas era preciso illudir com o coração a san- grar. Abaixou-se, agarrou contente aquelle couro ve- lho e levou-o para casa.

Ao chegar, limpou-o, sacudiu-lhe a poeira e o foi collocar em baixo da cama do pequenito.

Horas a fio, ficou como que attonita, contemplando tudo aquillo. Depois, vencida, adormeceu.

Pela manhã, foi o proprio filho, num mixto de ale- gria e tristeza, que a accordou:

— Olha, mãezinha, olha o que Papá Noel me deixou...

— E' o presente das crianças pobres. O anno pas- sado não tiveste sapatos e coisa alguma recebeste; agora, deixando-te este sapato, é certo que para o anno, noutro Natal, elle te deixará brinquedos...

E o pequeno Alberto, olhando para aquelle sapato torto, desengonçado, tomou-o nas mãos, sorriu feliz, e com um ar de quem tivesse vencido o primeiro obstaculo, embrulhou-o cuidadosamente e foi guar- dár-lo no cantinho do seu quarto...

* * *

F— OI assim, meu netlino, que o pobrezinho da aldeia passou o seu Natal...

O menino sorriu, pesaroso, com olhar de somno, e, olhando demoradamente a velhinha, interrogou:

— Que é isso, vóvózinha? Você parece que está chorando?

— E' o reflexo da luz, meu netlino...

Chela de emoção, a velhinha começou a embalar o menino e a enxugar os olhos já cansados de viver e de recordar a grande philosophia da Vida...

Então, só nessa noite, longos annos mais tarde, a recordar um Natal, ella, como tristonha carechinha, soffria na certeza de que contára tambem, uma his-

toivar, foi salvo alguns lapsos, es- pecialmente feliz na *Mandolinata*, na *Aria de Chimene* e no extra — *Estrellita*.

A srta. Yolanda Peixoto deu-nos mais uma vez a medida do seu ta- lento de escol, do seu valor de vio- linista. Não sentiu só o que tocou, sente tambem transmitir a prop- ria emoção com bello poder com-

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

municativo. Sentimo-nos verdadei- ramente emocionados, enlevados quando o seu violino cantou o *Ro- mance* de Wieniawski, e ainda mais quando nos extasiou com a *Oriental* de Cesar Cui.

Registremos enfim que na peça de Cui, o piano de Maria Lucadel- lo Guimarães cantou com o violino de Yolanda Peixoto.

Se não fôra velha a *chapa*, era o caso de dizer que se fechou o concerto com chave de ouro.

OSCAR D'ALVA

CURSO FREYCINET (sob inspecção federal)

CURSO GYMNASIAL. CURSO COMMERCIAL. ADMISSÃO DACTYLOGRAPHIA. ESCOLA DE INSTRUÇÃO MILITAR VESTIBULAR PARA A ESCOLA MILITAR

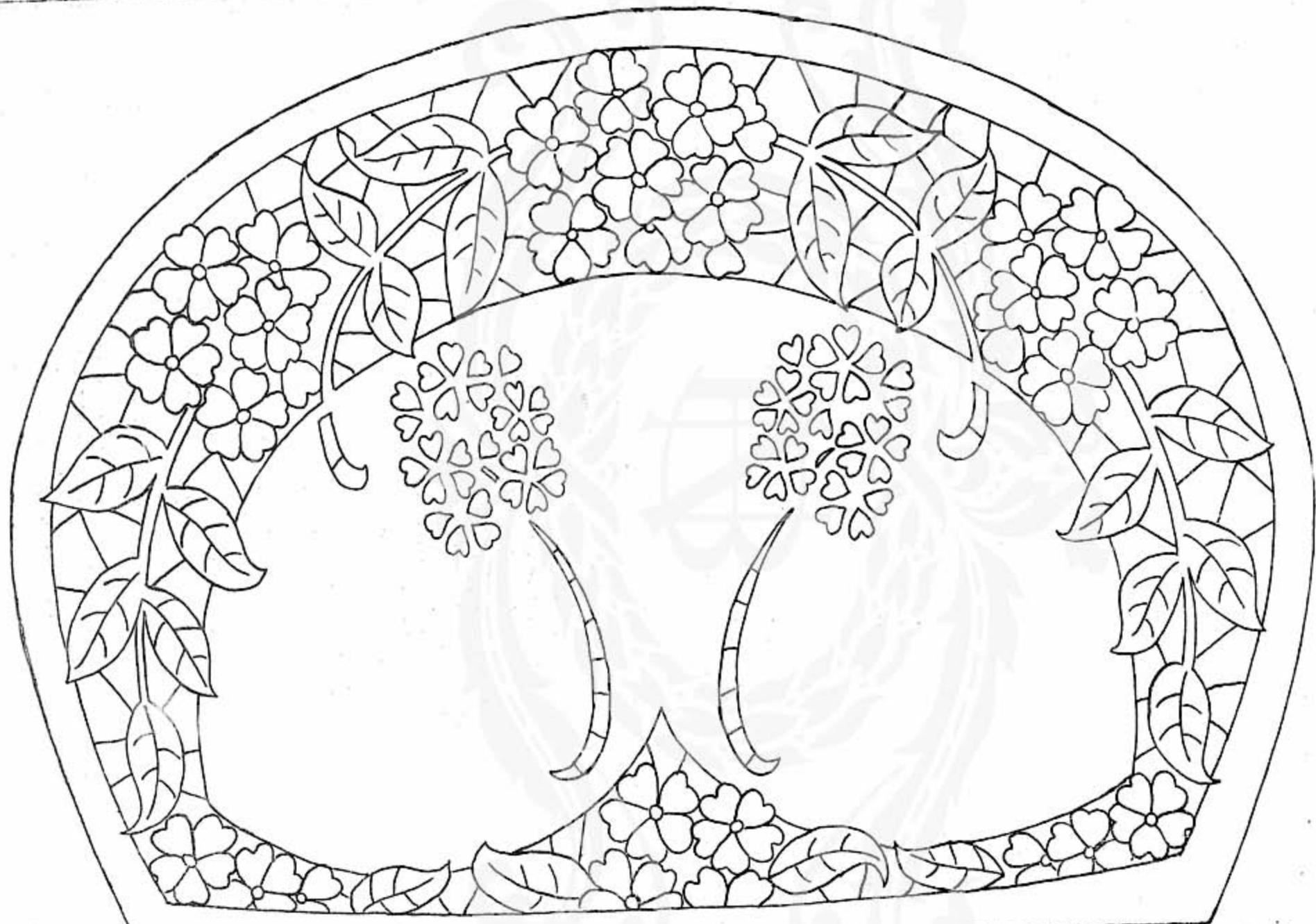
— INICIO DAS AULAS — MARÇO —

Está funcionando um curso especial de admissão para os candidatos a exame em Fevereiro.

Rua do Ouvidor, 173 - 1.º — Rua do Rosario, 173 - 1.º

Phones: 22-8757 e 23-4473

Rio de Janeiro



Belíssimo desenho para abatador de chá, para ser executado em bordado Richelieu, destacando-se os tufos de hortênsias sobre um fundo de «brides» ou «barrettes»
interiormente «estannées». Um bonito fócco de setim brilhante, revestido interiormente de flanela e camadas de algodão em rama completará o trabalho.

Incompatibilidade de genios

- DONA LYDIA, o telephone! — avisou a creada.

— Não estou! — gritou, nervosa, a senhora, alta e morena, com um rosto bello, mas esquisito, os olhos faiscando de raiva.

E, voltando-se para o marido, que estava sentado numa

poltrona, com a cabeça entre as mãos, continuou:

— Você deve comprehender que assim não pôde continuar. Não tenho culpa de que você volte sempre aborrecido do seu consultorio... E não tenho nenhuma obrigação de saber os nomes de todos os seus cli-

entes. Como podia eu imaginar que esse Carnera fosse um seu doente! "Sabe? O caso de Carnera..." Ora você me desculpe, mas qualquer um pensaria que se tratava do famoso *boyeur*. Hontem, era por causa de uma operação, que eu não

(Continúa na pag. seguinte)

NÃO me conformaria em ver que o fim é sempre o mesmo em todos os que vivem: não o quiz ver no seu caixão pequeno, medido pela pequenez do corpo. O ataúde talhado para elle — e o de todos os genios que morreram — é immenso, infinito, colossal.

A palavra soberba que incendiára e fizera vibrar meu pensamento, que electrizára tantas outras almas, não podia caber em quatro táboas: a morada perpetua dos que escrevem levantando a poeirada luminosa, que scintilla no cérebro de um povo, deve ser a memoria desse povo.

Só ella o conterà, só ella poderá circumscrever o corpo do gigante. Só a memoria suave dos que o leram poderá encerrar a Coelho Netto.

É a voz da memoria de uma Patria quem diz ao prosador agora morto: "Tu ficarás dentro de mim para sempre. Tu e tambem o hercúleo vulto enorme, robusto e colossal de Macambira. Tu me fizeste arfar com a tragedia do teu Rei Negro heroico e deshonrado, forte na dôr, sublime na vingança!

"Macambira! Rei Negro! Macambira! Quem poderia ser maior do que elle, ao nos contar que tu eras forte e bravo?"

A voz proseguirá paudamente:

"Não temas o futuro;

COELHO NETTO

De Alvaro Albuquerque

eu velarei. Ha de haver sempre ao lado do teu nome, a lluminal-o eternamente, a chamma que a gloria accende e que não mais se apaga."

"E, assim como em teus livros tu guardaste,

avivando os seus feitos e os seus versos, a historia, o nome e o espirito dos poetas mais bellos que o Brasil já possuuiu, assim tambem a ti eu guardarei. Tua memoria — não um "fogo fátuo" — co-

mo o fogo de Vêsta durará!"

"Mosquetellos bohemios da Poesia! Morreu o romancista de vós todos!... Que romance haverá maior que o vosso, e quem melhor do que elle o escreverá?"

A voz dirá ainda ao grande morto:

"Tu ficarás em mim. Como tu proprio disseste em vida, certo do futuro, o nome não termina com a vida: fluctúa eterno á tona do sepulchro. Guardarei esse nome e, junto delle, ficará para sempre o do teu filho, porque tambem eu o chorei contigo.

"As tuas lagrimas, intimas e puras rolaram, do teu rosto para um livro; e o livro é a terra que fecunda e aviva a semente da dôr de quem escreve, para florir no peito de quem lê: a grande dôr que fez nascer teu livro, quando foi enflorar o coração commovido daquelles que te leram, transformou-se na dôr da saudade.

"Todo pae que soffreu e que soffreste encontrará no "Mano" a mesma dôr. E tu serás o symbolo ideal na triste communhão dos enlutados.

"Mano! Mano! Que dôr soube a teu pae! Que dôr de pae será maior que a delle?"

Tudo isso lhe dirá a voz da Patria, que o guardará, eternamente vivo, junto dos seus herões e dos seus poetas

FAÇA A SUA CUTIS
INVEJAVEL
E ADMIRADA

A limpeza da CUTIS antes de deitar-se evita as effeitas prejudiciaes da maquiagem (mas atris)

Seite da Colonia

LIMPA, ALVEJA E AMACIA A PELLE
—CONSERVANDO—
A SUA BELLEZA NATURAL
INDISPENSAVEL AOS ENCANTOS FEMININOS

Bellissimo desenho para abridor de chá, para ser executado em Douradoo BM. Douradoo é o mais brilhante e resistente interiormente de flandria e carnaúbo.

tinha entendido; hoje, é isto! Eu não posso mais! E, agora, depois de me ter dito tantas coisas duras e más, você me vem beijar como se nada tivesse havido. Sabe de uma coisa?...

Ella se aproximou d'elle, e ia dizer, de certo, algo de cruel e irreparavel; mas elle, que, sobresaltado, tinha levantado a cabeça, olhou-a com tanto pavor e supplica, que ella parou, os seus olhos se encheram de lagrimas e, cobrindo o rosto com as mãos, fugiu para o seu quarto, deixando a porta aberta.

Elle se tinha levantado de chofre. E ia dar uns passos para segui-la, quando a porta foi atirada, violentamente, e ouviu-se a chave girar na fechadura.

Elle ficou parado, um momento; depois sorria forçadamente, como se alguém o estivesse observando. Chegou-se á porta, e disse, com o rosto torcido por um sorriso humilde e mau:

— Lydia, que tolice!... Abra a porta, Lydia... Por favor... Lydia!... Lydia!...

Ouviram-se soluços. Elle sorriu de novo e, de repente, como uma outra pessoa falasse por elle, gritou, com os olhos dilatados de raiva:

— Sim! Tens razão! Não podemos continuar assim!

Dona Lydia, de braços sobre a cama, ouviu-o afastar-se, e a porta da rua bateu.

A's trez horas, inquieta, com medo de que elle não voltasse para o jantar, telephonou-lhe.

— Como? Não responde?... Não pôde ser! Ligue de novo, por favor!

Depois de uns segundos de espera, a voz metalleica da telephonista tornou:

— Não reponde!

Ella ficou parada, um instante, com a mão sobre a bôcca, aterrorizada. Parecia-lhe vê-lo sentado á escrivania, a cabe-

INCOMPATIBILIDADE DE GENIOS

(Conclusão)

ga cahida sobre a mesa, a escorrer sangue, o revolver no chão.

— Maria! Um taxi! Depressa!—gritou ella, para a criada.

O coração, batendo fortemente, sem forças de esperar o elevador, ali, á entrada á vista de todos, subiu offegante a escada. Pareceu-lhe vêr no fim do corredor um grupo de pessoas falando, animadamente. "Aconteceu!" "Passou-lhe pela cabeça".

Com a bôcca aberta, a garganta presa, apressou o passo.

Cabellos brancos?!



SIGNAL DE VELHICE

A Loção Brilhante faz voltar a cor natural primitiva (castanha, loura, doirada ou negra) em pouco tempo. Não é tintura. Não mancha e não suja. O seu uso é limpo, facil e agradável.

A Loção Brilhante é uma formula scientifica cujo segredo custou 200 contos de réis.

A Loção Brilhante extingue as caspas, o prurido, a seborrhéa e todas as affecções parasitarias do cabello, assim como combate a calviele, revitalizando as raizes capilares. Foi approvada pelo Departamento Nacional da Saude Publica, e é recommendada pelos principaes Institutos de Hygiene do estrangeiro.

Loção Brilhante

Não! Era o apartamento vizinho. O d'elle estava fechado. E essa porta fria, no corredor sombrio, confirmou-lhe todas as suspeitas. Ella, cansada com uns ruidos na cabeça, quasi sem emoção, pousou a mão sobre o trinco, e abriu a porta.

— Lydia! Tu!

Elle estava falando com um senhor calvo e amarello.

— O Carneira — pensou ella, como num sonho!

E, agora, olhava, evidentemente, surprehendido, o seu aspecto esquisito e cabello em desordem a roupa em desalinho.

— Querida! — disse logo.

E olhou-a arrependido e apaixonado, comprehendendo, num instante, o que lhe havia succedido. Mas, a ella, pareceu ler nos seus olhos a vergonha deante de um estranho e, fazendo um esforço para não romper a chorar, ella disse, levantando a cabeça, e tomando um ar orgulhoso, que contrastava com os seus olhos vermellos e a bôcca sem baton.

— Desculpa; não queria perturbar-te. Vou esperar.

Elle, subitamente frio, mostrou-lhe a porta do quarto vizinho, onde havia umas cadeiras e todo um aparelhamento para radiographias.

O senhor calvo, embaraçado e corando, despediu-se, apressadamente, os conjuges, depois de umas palavras, ainda fizeram as pazes.

Cinco dias depois, elle estava á janella com o rosto collado ao vidro e as mãos ás costas, enquanto ella ia nervosa pelo quarto, e dizia, numa voz chorosa, olhando as costas d'elle:

— Como podia eu saber o que é uma peritonite aguda?!

Decididamente, não se entendiam. Era inevitavel a separação.

PESADELLO

REVOLUÇÃO!...
— Devo partir dentro em pouco para Lorena, afim de ali, me incorporar ao 5º R. I. Por um edital publicado num matutino de hoje, esse regimento convoca todos os reservistas, tanto os de primeira como os de segunda categoria...

— Não, Ruy; não vá— aconselhou-me a namorada.

— Impossível, querida. No Q. G. registram-se não só os nomes como os endereços de todos os reservistas. Uma escola iria buscar-me em casa. Portanto, perdôa-me t'ó dizer, mas de nada vale o teu conselho.

— E se você se escondesse?...

— Que!? Desertar?! Nunca! E, se esse acto indigno eu praticasse, viria, depois, a sofrer suas consequências. Além das séveras punições de um conselho de guerra, o amor proprio offendido, por mim mesmo, atormentar-me-ia para todo o sempre. Seria eu, então, conhecido pela deprimente alcunha: o desertor! Não, meu bem. O dever antes de tudo. Jurei bandeira. E' preciso que eu cumpra o meu juramento.

E, commovidos, olhos nos olhos, labios nos labios, despedimo-nos. Deixei-a solugante.

Em seguida, como houvesse poucos momentos para o da partida, pressuroso fui ter com os meus, de vez que ainda não me despedira delles.

Ao entrar em casa, percebi, desde logo, a tristeza em que se achavam meus paes, o que, aliás era natural.

Então, meu filho — perguntou-me o velho — vaes sempre te incorporar?

Minha mãe, nesse momento, dirigiu-me um olhar que pare-

cia dictar-me estas palavras, em resposta á pergunta que me fôra feita: “— Não, meu pae. Mudei de idéa. Refugiar-me-ei e, abafada a revolta, soffrerei as penas a que me impuzer o Codigo Militar. Mais vale um

covarde vivo — mesmo depois dos trabalhos forçados em Fernando de Noronha — do que o nome de um heróe que derrame o sangue pela ordem da patria, ainda que esta seja o Brasil”...

(Conclúe na pag. 59)

Não se esqueça
de
exigir
FLIT



SELLADA
PARA
MAIOR
PROTECCAO

PROCURE O
SOLDADINHO
EM CADA
LATA

FLIT dá morte infallível aos insectos—é seguro— não mancha. Por que correr riscos com insecticidas fracoc e de qualidade inferior?

Não malgaste o seu dinheiro. Exija FLIT. FLIT é vendido somente na lata amarella com o soldadinho e a faixa preta. FLIT nunca é vendido a granel. Toda a lata de FLIT é sellada para maior protecção.



Exija

FLIT

COMPRAR IMITACOES E DESPERDICAR DINHEIRO



scriptores e livros

Almirante A. Thompson — GUERRA CIVIL DO BRASIL DE 1893-1895 — Editora Ravaro — Rio

O autor ha muito pensava concorrer com elementos esclarecedores para a apreciação justa dos tristes dias do periodo revolucionario de 1893 a 1895, por isso que, tendo até agora apparecido livros apenas de defensores da acção de Floriano, a historia

dessa época viria, fatalmente, a ser deturpada de sua essencia — a verdade. A' medida que iam desaparecendo os companheiros de jornada do autor, e com elles apagando-se o testemunho vivo e tambem de documentos authenticos para uma obra de grande valor, mais de perto o almirante Thompson sentiu necessidade de trazer a sua contribuição para a defesa de Saldanha, — o maior martyr dessa tragedia homérica, o qual

leão fóra na vida e se tornou aguia na immortalidade, figura gigantesca de vulto legendario, na apothose da nossa Marinha.

Ligando-se a revolução riograndense na sua 1.ª phase com a revolta da Armada, e esta com a ultima phase daquella, o autor esboça os principaes acontecimentos referentes ás guerrilhas federalistas, dando ensejo ao perfeito conhecimento dos factos para a justiça historica.

Depois de finda a leitura deste trabalho, que tem como sub-titulo — *Vida e morte de Saldanha da Gama*, nós percebemos nitidamente quanto era nobre, nas gerações passadas, a noção do dever militar.

Escrevendo com muita clareza, sem outra preocupação que o narrar com fidelidade o que testemunhou, o almirante Thompson fez um livro magnifico, e de indiscutível valor historico.

CONTOS DE ANDERSEN — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 5\$

NESTE volume a petizada encontra, reunidos, cinco contos maravilhosos de Andersen, traduzidos por Monteiro Lobato.

As illustrações a côres são um encanto, e a edição, primorosa.

Perrault — CONTOS DE FADAS — Comp. Edit. Nacional — S. Paulo — 5\$

OS contos de Perrault, quem não os conhece? *Barba azul. O gato de botas. Pelle de asno. A gata borralheira. A bella adormecida*, os contos mais populares, apparecem neste volume, traduzidos pela penna brilhante de Monteiro Lobato, primorosamente illustrados.

Vicente de Carvalho — POEMAS E CANÇÕES — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 8\$

E' a nona edição de um livro consagrado pela critica e pelo publico. Vicente de Carvalho, seu favor, é uma das mais bellas expressões da poesia brasileira, figura que tanto honrou a Academia de Letras, como expoente da cultura de São Paulo, minha terra bem amada. O poeta do mar, que elle soube cantar como nenhum outro, vive na nossa saudade. *Poemas e canções* são como um raio de luz, que ficou para o encanto dos espiritos requintados, dos espiritos de eleição. Livro immortal, porque a belleza é eterna e domina o homem através as gerações.

Dmitry Nerejkovsky — NAPOLEÃO — Comp. Edit. Nacional — S. Paulo — 12\$

O estudo de Merejkovsky sobre Napoleão é uma obra considerada classica. Tornou-se universalmente conhecida, e só agora apparece traduzida no nosso idioma, aliás primorosamente, pois, do trabalho encarregou-se Agrippino Grieco.

E' o primeiro volume da nova collecção *Vidas celebres*.

Apresentação material magnifica, com 24 illustrações fóra do texto.

Viriato Corrêa — HISTORIA DO BRASIL PARA AS CRIANÇAS — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 10\$

VIRIATO escreveu um livro realmente admiravel, não só para as crianças, pois interessa tambem os adultos. Fixando, com rara felicidade e com arte os episodios da historia patria, o querido escriptor conseguiu interessar as crianças no estudo de uma disciplina que nas escolas nem sempre é ensinada com intelligencia. A edição é primorosa, illustrada por Belmonte, um artista que dispensa elogios.

Cesar Salgado — DE JOÃO RAMALHO A 9 DE JULHO — Liv. Cultura Brasileira — S. Paulo.

O autor reuniu em volume uma série de discursos e conferencias, que dizem respeito á guerra constitucionalista de 1932. Ainda temos bem viva a impressão causada pelo gesto do povo bandeirante, marchando para as trincheiras, em massa, para a defesa dos principios legais.

O autor consagra os heróes que tomaram na luta, e em linguagem flamante relembra em cada pagina, a epopéa da sua terra e da sua gente.

NOVOS CONTOS DE GRIMM — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 5\$

MONTEIRO LOBATO traduziu, para as crianças brasileiras, os contos de Grimm, famosos pelo engenho do autor, e que certamente serão lidos com agrado pelos nossos petizes.

Edgar Rice Burroughs — O TESOURO
DE TARZAN — Comp. Editora Nacional
— S. Paulo — 3\$

MANUEL BANDEIRA traduziu, para a *Coleção Terramarcar*, mais este volume do prodigioso escriptor inglez.

Luis Martins — VIAGENS MARAVI-
LHOSAS DE GURY-GUMY — Selma
Editora — Rio — 4\$

UMA divertida historia para creanças, narrada com singeleza e graça. Apresentação material excelente, com innumeradas gravuras, que constituem o enlevo da petizada.

A. Almeida Junior — ESCOLA PITORESCA
— COMP. Edit. Nacional — S. Paulo — 7\$

E o livro escripto por um professor em férias. Explica o autor: "Na escola, instituição secularmente séria, é sério quasi tudo quanto acontece. Haverá occorrença mais grave do que o furor do mestre que não descobre quem jogou a bolinha de papel? mais tragica do que cincoenta minutos de preleção? mais horripilante do que um discurso de paraninfo? No entretanto, a seriedade profunda desses atos apresenta tambem, ás pessoas sadias, uma face sorridente. Por outro lado, as coisas comicas da escola encerram, ás vezes, lição e proveito. Na caricatura do professor, mesmo de orelhas compridas, ha ensino, e do melhor.

"Dahi esta *Escola Pitoresca*, que de uma e outra categoria de fenomenos, do comicio das coisas solenes e da seriedade dos fatos comicos, procura tirar o preceito educativo."

E o proposito pitoresco do professor foi plenamente attingido, fornecendo-nos um trabalho de observações interessantes.

Monteiro Lobato — FABULAS — Comp.
Editora Nacional — S. Paulo — 5\$

E a quinta edição do precioso livro que Monteiro Lobato destinou á nossa petizada. Trata-se de um livro que dispensa maiores referencias, dada a sua larga divulgação, sendo obra conhecida.

J. Rengade — A VIAGEM SUBMARINA
— Comp. Edit. Nacional — S. Paulo — 3\$

ESTE volume pertence á *Coleção Terramarcar*. Gustavo Barroso encarregou-se da traducção da obra, o que basta para definir o valor da mesma.

Barros Vidal — QUERO APRENDER
A LER — Rio — 1934

O autor, animado do mais alto sentimento civico, escreveu esta pequenina obra, destinando-a á Cruzada Nacional de Educação.

É a historia de um garoto que queria aprender a ler. historia de fundo singelo, simples porém eloquente, palpitante de verdade, e que por isso interessa, como tudo que sahe da penna brilhante de Barros Vidal.

José Vieira — O BOTA ABAIXO —
Selma Editora — Rio — 6\$

CHRONICA de 1904, elucida o autor, como sub-titulo do volume. Realmente, o romance revive episodios dos mais agitados da nossa vida politica, fixando figuras e factos de interesse até para as gerações futuras. O genero explorado pelo autor exige trabalho exaustivo, agudo senso psychologico, e vivacidade de espirito, para prender a attenção do leitor. Do contrario, resulta obra monotona, sem colorido, sem atractivo.

Mas, José Vieira é uma das intelligencias de maior brilho das nossas letras. Sabe escrever, tem estylo proprio. Por isso, o seu romance interessa nos minimos detalhes, como obra de observação perfeita, das melhores ultimamente publicadas.

Knut Hamsun — FOME — Liv. Cultura
Brasileira — São Paulo — 6\$

A técnica do grande escriptor norueguez, nesta livro deslumbra. Não é a realidade brutal da vida, apenas, o que vislumbramos nas paginas deste romance. Ha tambem um sopro de lyrismo nesta narrativa urdida pelo cerebro possante do escriptor, figura de relevo da literatura escandinava.

Fome, titulo expressivo, que denuncia um detalhe da tragedia vivida pelo autor, espirito analysta, de sensibilidade estranha. Nós, que vivemos sob um céu eternamente azul, aquecidos pelo sol, ao abrigo da miseria que tortura e aniquilla os velhos paizes de norte da Europa, sentimos, por vezes, o arrepio da epiderme, lendo este romance povoado de figuras, algumas incriveis, quasi lendarias pelo heroismo do soffrimento, outras magnificas pelo traço de humanidade.

Knut Hamsun é um artista que surgiu da turba, da massa grosseira das ruas, que empolga pelo traço forte do seu pulso de escriptor de classe. A sua obra, agora divulgada no nosso idioma, merece attenta leitura.

E essa leitura é feita com o maior agrado, porque Adelina Fernandes, uma mulher de talento, se encarregou da traducção do romance, conservando-lhe toda a belleza.

Fome, premio Nobel de literatura, é justamente considerado o melhor livro de Knut Hamsun.

Herbert Strang — MIL MILHAS POR
HORA — Comp. Editora Nacional —
São Paulo — 9\$

UM drama da floresta amazonica, cuja leitura distrae, fazendo o volume parte da *Coleção Terramarcar*.

Mark Twain — AS VIAGENS DE TOM
SAWYER — Comp. Nac. Nacional —
São Paulo — 3\$

UM livro do excellente humorista, traduzido para a *Coleção Terramarcar*. O nome do autor é a melhor recommendação para a obra.

Manoel de Barros

Noivado infantil

(Conclusão)

jogavam o gamão o coronel Marques e o irmão mais moço. O coronel João vivia em outra fazenda um pouco distante e estava ali com a família, passando uns tempos e logo após os festejos de aniversário retirou-se para Mandacarú, nome com que chamava o largo casarão colonial, identico ao do irmão, em que morava. Estavam attentos ao jogo quando entrou Mariazinha, muito risonha, puxando pela mão o irmãozinho muito corado.

— Papae, tio João, permitam-me que os interrompa. Desejo falar-lhes sobre um sério assumpto... disse Mariazinha, depois de beijar ternamente a cabeça encanecida do pae.

— Que é lá, filhinha?

— Este rapaz aqui, — disse a mocinha, a sorrir, apontando para o Juquinha, que fixava insistentemente a ponta das botinas, — deseja, antes de ir para o collegio, ficar comprometido com Flavita; não quer esperar a volta com receio de ser esquecido: *longe dos olhos...* Com uma confiança que muito me honra, pediu-me que viesse exprimir aos senhores o seu desejo... E eu muito solennemente peço a papae que faça o pedido official.

— Faze tu mesmo, filha... — disse o velho, a sorrir.

Fazendo uma reverencia brejeira, a moça falou:

— Meu caro tio: eis-me aqui em vossa presença, afim de, em nome do dr. Juca Marques, futuro medico e homem de juizo, pedir-vos a vossa filha, d. Flavita para noiva. Em vista da idade dos jovens e da grande distancia que os irá separar, eu vos peço uma resposta affirmativa.

— Ouçamos a Flavita — respondeu o coronel João, rindo-se da carinha gaiata da sobrinha.

Já se tinha espalhado a noticia do noivado; as

As duas saudades

*Já tive em frente a janella do meu quarto
Um jardim*

*Sempre alegre e florido como meu coração por alguém
Sempre bello como o coração de alguém por mim*

*Mas de um solavanco abrupto
Continuou alegre e bello
Somente o jardim*

*Depois, a mão que o tratava o abandonou
As flores murcharam
As hastes seccaram
E a herva bruta viuçou*

*Talvez de uma semente antiga
No meio daquelle mattagal perdida
Cresceu forte uma haste delicada
E no cimo floriu muito grande
Muito roxa — uma saudade*

Muito grande e muito roxa...

*Arranquei-a e ao coração a encostei
onde havia tambem muito grande
Uma saudade...*

*E assim juntas comparei
A saudade flôr que tinha na mão
A saudade dôr que tinha no coração*

*Depois... Lancei longe aquella flôr minuscule e des-
[botada...]*

ABEL MOSCHEN

Brindes aos assignantes do "Fon-Fon"

As grandes vantagens que A ECLECTICA offerce
em seu serviço de assignaturas

UMA COLLECCÃO DE VALIOSOS BRINDES

Correspondendo á preferencia com que o publico de todo o Brasil a tem distinguido, pela presteza e regularidade de seu serviço, A ECLECTICA organzou um novo plano ainda mais vantajoso, de accordo com o qual as pessoas que, por seu intermedio, tomarem assignaturas novas ou as mandarem reformar, terão direito a valiosos brindes, representados por objectos interessantes e uteis e por livros dos melhores autores nacionaes e estrangeiros e das materias mais diversas.

Esse plano foi organizado de maneira a satisfazer ás mais diversas tendencias dos assignantes, tendo em conta os mais diferentes gostos e preferencias, tanto quanto ao que se refere aos objectos como aos livros, permittindo que cada qual possa escolher o que melhor lhe convier.

Peça listas dos Brindes a A ECLECTICA
RIO — Avenida Rio Branco, 137 - 1.º Andar
S. PAULO — Rua S. Bento n.º 11

tias, as primas e a mãe de Mariazinha já estavam no alpendre em expectativa quando esta chegou acompanhada de Flavita, uma pequena graciosa e de lindos cachos louros, que ficou admirada e um pouco recelosa ao vêr todos á sua espera. Em seu intimo fez um rapido exame de consciencia a ver quaes das suas travessuras, que eram innumeradas, precisaria de um conselho de familia... Reanimou-a, entretanto, o sorriso que havia nos labios de Mariazinha e o olhar animador do Juquinha, que lhe fazia signaes incompreensíveis por detraz do pae.

— Flavita, disse o coronel João, quando a pequenita se aproximou, acabo de receber um pedido, que talvez não comprehendas. Quem o faz é, hoje, apenas a promessa de um bello futuro. No emtanto, vejamos. Gostas muito do teu primo Juca?

— Gosto, sim, papae. é tão bom para mim; dá-me sempre fructas e ovos de passarinhos, disse a menina, já animada e sorridente.

— E quando cresceres, queres casar-te com elle?

— Mas Juquinha não vae embora? Titio não disse que elle vae para o collegio?

— Sim, queridinha, mas elle voltará quando for rapaz. Por esse tempo já serás uma moça e então, se ainda quizeres, poderão casar-se.

— Pois eu quero, papae.

— Então, Mariazinha, você póde responder ao rapaz que a senhorita Flavita aceita e que póde considerar-se noivo.

— Muito bem. Vam-se, Juquinha, eis aqui a tua noiva. Dê-lhe um beijo! Ande!

E ali mesmo em frente aos paes, que olhavam entrecidos a scena, o Juquinha, muito sério, como se praticasse um rito, beijou carinhosamente a fronte da noivinha.

Casar-se-iam?

Somente o Futuro impenetravel o poderia dizer...

PESADELLO

(Conclusão)

Mas, apesar desse olhar todo maternal, desse olhar bondoso e santo de minha santa mãe, não voltei atrás. Estava decidido. Eu partiria mesmo.

Respondi, então, afirmativamente á pergunta de meu pae:

— Sim, vou me incorporar. Urge que eu me apresse...

— Se assim é — diz o velho, fingindo alegria, talvez para encorajar a sua dedicada esposa — urge, então, que nos apressemos... Ou julgas que nós outros, tua mãe e eu, vamos deixar de acompanhar-te á estação? Queremos ir ao bótá-fóra de nosso heróe.

Chamámos um *tari*. Dahi a minutos um "klaxon" insistente nos feria os ouvidos. Era o auto que já estava á porta. Tomámos-o, os trez.

* * *

Chegámos á *gare*. Dezenas e mais dezenas de quadros identicos ao que representavamos achavam-se nas pratefórmias. Como eu, muitos outros ali estavam, também acompanhados dos seus. A capa do disfarce era usada por toda aquella turba; corações dilacerados e olhos que não podiam, que não deviam chorar...

O primeiro silvo da machina fez-se ouvir.



Estava eu já no "wagon", debruçado numa de suas janelas, sorrindo ainda para meus progenitores, quando, de entre a multidão, surge um rosto de anjo... Oh! Era o de Jandyra! Sim, era o della. Era minha namorada, que, desejando vêr-me ainda uma vez, antes que eu partisse, fôra, também, á estação. Em seu olhar angustiado facilmente se percebia a avidez com que ella procurava distinguir alguém dentre os embarcados. Assim que me viu, procurou ella, em vão, chegar-se a mim. Impedia-a a massa de povo...

A locomotiva silvou pela segunda vez e, immediatamente, partiu o trem. Até certo ponto conseguí avistar, a se desfraldarem no ar, o seu e mais dois outro lenços.

* * *

Lorena. Desembarcámos, eu e varios companheiros. Dentro em poucos minutos nos achavamos incorporados.

A companhia a que eu pertencia recebêra ordens para retroceder e servir de reforço á tropa que atacava os rebeldes em Itararé, para onde partimos pela madrugada do dia seguinte ao de nossa incorporação. Não havia tempo a perder.

Após longa e exhaustiva viagem, vimo-nos, de repente, atacados por um tiroteio infernal. Entrincheirámo-nos, travando se, então, o mais reñido dos combates: fusilaria cerrada; bombardas e mais bombardas; cadáveres em profusão...

Subito, cessa o fogo. E' que a munição de ambos os lados se esgotára ao mesmo tempo, o que nos obrigou a fazer uso da arma branca. Agora são baionetas que se cruzam no ar. Mortos e feridos tombam por terra. Aqui e acolá tudo é sangue...

E o Destino carrasco ri a sua risada idióta.

Em dado momento, sou apanhado por uma baioneta inimiga. Como consequencia do ferimento, a lento e lento se me foi turvando a vista. Parecia que deante de meus olhos uma nuvem branca ia se condensando mais e mais, não me tornando, por isso, menos estimulado para a luta. Pelo contrario. Eu também queria sangrar...

Assim, manejo a arma com mais violencia e, com o corpo todo dolorido e estirado no soalho, sahi do pesadello em que me achava. A cama em completo desalinho. O travesseiro em farrapos. Seus enchimentos ainda pairavam no ar, formando a dita nuvem branca. Havia mais revolução em meu quarto do que no paiz.

Americo Brasiliense, outubro de 1930.

JOSÉ RUY BARBOSA MENDES



LEIAM os romances de "FON-FON", que se encontram á venda na Empresa Fon-Fon e Selecta S. A. á Rua Republica do Perú n.º 62, (Antiga da Assembléa) — Rio de Janeiro — Variadissimas collecções.

“QUERIDA AMIGA,
 “E’-me absolutamente indifferente que os jornaes tenham relatado de modo inexacto a minha aventura, mas me desagradaria ainda mais, que não soubesses a verdade, toda a verdade.

Elles, os jornalistas, falam com desembaraço, de um sequestro!

Eu te asseguro que não se roubam assim as moças bem educadas. Porque, emfim, esse cavalheiro que se apressaram em dar por pretendente ou noivo, eu nunca, o havia visto, e mesmo o que é mais decisivo, elle tambem não me conhecia.

Como queres que, em semelhantes condições, tivesse elle podido organizar um rapto em automovel, encontrar-se lá justamente á hora em que eu passava — eu, cuja existencia elle ignorava?

A menos que não se supponha — e o que seria monstruoso — que o sr. Lavillette não tenha sido atacado subitamente da mania furiosa do rapto, e que elle tenha raptado a primeira joven distincta — porque tu me podes bem conceder essa distincção, creio eu — que elle encontrasse no seu caminho, em uma tarde, desde então, tornada historica.

Ah, eu sei bem até que ponto a historia póde ser confrontada com a lenda.

Eis-me agora talvez em condições de não me poder casar. E eu me dou por feliz pelo facto de haverem os jornaes illustrados publicado judicialmente como minha a photographia de uma joven actriz das Variedades ou das *Folies-Mari-gny*, não me recorde bem.

Tudo isso é muito grave.

Mas conheces perfeitamente o meu caracter, para te admirares de que o meu bom humor pouco tenha soffrido com isso.

Innocente, eu não me sinto compromettida.

Só minha tia Laura é que me julga mais severamente, e prohibe as minhas primas de falarem commigo.

E ellas agem a esse respeito com a alegria de quem exerce uma vingança. Entretanto, duvido que algum dos meus *flirts* se incline para ellas.

A L E N D A

Pobres moças! Como ellas são modestas de physico e de espirito!

Si o meu “rapto” não me tivesse trazido se não decepções analogas, eu o encararia como um acontecimento providencial.

Faltava-me a tua carta, que me veio tirar da inercia estupefacta em que eu me detinha, deante da raiva dos reporteres e do desespero do papae e da mamãe.

Tudo soffri em silencio. Soffri mais do que tu, minha querida Estella, porque tu duvidaste da minha grande prudencia.

E’ muito.

Eu me revolto com isso e aproveito o ensejo para contar a minha simples e divertida aventura.

“Entre tantas manias menos louvaveis, sabes que levo até o escrúpulo o dever de responder ás cartas que me são endereçadas.

Uma noit — foi isso na semana passada — por volia de sete horas, eu tinha deante de mim uma carta prestes a partir para a Suissa, ou Lucia Cornaille, villegiatura, nessa occasião.

Ableige, onde eu passo o verão, é um burgo sem agencia postal. E’ necessario ir até Us, para encontrar ahi os differentes correios que partem daqui para todos os pontos da Europa.

Confesso, Estella, o diabo que me tentou e levou a ir tão longe, além do meu escrúpulo, foi o demonio da bicycleta.

Porque, com este vehiculo, eu causei um grande escandalo á minha tia e ás minhas primas.

Ora, quando se *finge* ou *si* é uma senhorita, é preciso arranjar pretextos. O melhor que sempre encontrei foi o correio, as cartas que desejo fazer partir, sempre a tempo.

Dessa vez, ainda logrei o que desejava.

Mamãe me havia permittido ir até Us, de bicycletta, mas ir e vir em vinte minutos.

Mas que são os minutos nas mãos do formidavel deus o — Acaso?

“Vesti a minha “jupeculotte”, nascida do casamento do pudor com a bicycletta, e o crepusculo viu minha graciosa silhueta sobre a costa por onde a gente de Ableige, para ganhar os campos.

O tempo era bom, para Estella, e todos os sonhos que habitam a alma das jovens se levantavam na majestade das grandes curvas estendidas até o horizonte.

Gosto dessa terra pela sua abundancia tranquillidade. Ahi, os crepusculos têm mais doçura do que na montanha.

Alguns jogos de luz modificam o solo nítida complexidade cheia de nuances delicadas. As villas, as arvores, as florestas, ora, sob os reflexos de um céu branco, ora, sob o ardente sol,

SEIOS

DESENVOLVIDOS, FORTIFICADOS E AFORMOSEADOS

com a

PASTA RUSSA

do DOUTOR G. RICABAL

O Unico Remedio que, em menos de dois mezes, assegura o Desenvolvimento e a Firmeza dos Seios sem causar damno algum á saúde da Mulher.

Encontra-se á venda nas principaes Pharmacias, Drogarias e Perfumarias do Brasil

AVISO — Preço de uma caixa 12\$000, pelo Correio registrado 15\$000. Pedidos ao Agente Geral J. de Carvalho Caixa Postal n. 1724 - Rio de Janeiro

De J. H. Rosny

da Academia Goncourt

opacos, sob chuvas sombrias, pontilhadas de claridade recortadas de perfis negros.

Quantas vezes encontrei o cavalheiro que colhe o amor das senhoritas "en passant" e immediatamente "se vae", como se diz na canção!

"Trazia no coração muito sol e muita luz no meu olhar, de modo que não ousava cõntar o caminho. Mas, em todo caso, vi surgir um automovel, o do sr. Lavillette. Vinha do lado da fazenda, á esquerda, e... e..."

Todas as minhas recordações ahi se detêm. O sr. Lavillette é o unico responsavel pela parte da narrativa que se segue...

Que todos os raios da tia Laura o fulminem, si elle se sahiu bem do papel admiravel de que agora se gaba...

Quando elle me viu estendida sobre a estrada, desde que fui apanhada pelo seu carro, o sr. Lavillette sentiu o seu coração apertar-se numa angustia mortal.

Elle freiou o carro, immediatamente.

Teria praticado um acto de heroismo? Não pude observalo com segurança, mas estou inclinada a crêr que sim...

Elle se curvou sobre mim e apoiou a mão no meu peito — ó tia Laura! — para ter a certeza de que eu vivia. E eu vivia. E, no entanto, para elle, eu não valia mais do que uma simples morta.

Lavillette, com effeito, chamado por telegrapha á cabeceira de seu pae enfermo, em Dieppe, se havia decidido, em face da ausencia dos trens rapidos, a correr, de automovel.

E eis que lhe cae nos braços uma joven desmaiada, que lhe ia fazer perder o seu precioso tempo.

"— Olhei — disse-me elle — a placa da sua bicycletta, e quando li um endereço parisiense, a cabeça se me desorientou... A senhorita respira. E' visível que a syncope provinha da emoção e não de uma ferida. Sem duvida, a senhorita ia voltar a si. O melhor serviço que eu lhe podia prestar, era conduzi-la á estação mais proxima, que se encontre á minha passagem. Essa solução, devo confessal-o, me parecia vantajosa para mim..."

"O pobre rapaz tremia, enquanto me dizia essas coisas.

Imagina que o pae delle estava á morte e, talvez...

Rapido, elle collocou a minha bicycletta sobre o seu automovel e, é necessario dizel-o, elle mesmo me carregou nos braços, com o maior carinho; eu não era senão um fardo leve e precioso!

Parece que Lavillette é de um natural encantador, porque, em caminho, elle se interessou pelo seu "fardo" precioso. Esse depois de um longo desmaio, se decidiu a abrir os olhos, e então se travou entre elle e eu, o dialogo que se encontra em todos os dramas de Ambiguo:

"— Onde estou eu?"

"— A senhorita esteve doente. Mas já está bõa.

"— Quem é o senhor?"

"...Lavillette havia parado o auto. Estavamos em pleno campo, não longe de Rouen, sob as primeiras estrellas.

O excellente rapaz me explicou a situação. Elle havia resolvido deixar-me na estação de Rouen. Mas elle não escondeu a verdade de que iria consumir com isso um tempo enorme em prejuizo do seu pae enfermo.

Elle me pediu que o deixasse levar-me até Dieppe.

Que terias feito no meu logar?

Eu asseguro que esse rapaz possui uma grande eloquencia. Cedi. Chegando a Dieppe, encontramos o pae delle, fóra de perigo. Dormi sob a protecção de mamãe Lavillette e, no dia seguinte, o sr. Lavillette me levava a Ableige, para junto dos meus paes.

Por minha desgraça, o celebre reporter Carabal estava em Ableige na tarde do accidente.

Elle induziu meus paes a telegrapharem ao prefeito de policia, e levou a noticia a grande numero de jornaes.

Tu sabes o resto, isto é, a lenda odiosa, estúpida inutil, a infame lenda, porque, enfim, que probabilidade havia no seculo em que estamos, que o millionario Lavillette fosse se apaixonar por uma simples camponeza?

"Conserva esse documento que pertencerá, certamente, no futuro, a Historia. E crê sempre na tua melhor amiga. — *Carolina Vitard*"

"P. S. — Cara amiga, recebi agora mesmo o aviso de que o sr. Lavillette acaba de pedir a minha mão. Eu acceitei, e acredito que, desta vez, a "lenda" não se tornará indestructivel."



ANEMIA
DEBILIDADE CONVALESCENÇA
os medicos os mais eminentes receitam
o VINHO e **DESCHIENS**
o KAROPE de Hemoglobine
PARIS

Approvedo pelo D.N.S.P. sob n. 315 e 317 em 30-7-1887.

DR. RAUL PAGNECO

Parteiro e gynecologista — Operações e tratamento dos tumores do ventre e selos, hernias, appendicitas, etc. Tratamento das disfunções sexuaes da mulher, (esterilidade, frigidez, etc.); plastica dos selos, ventre e orgãos genitaaes.

PRAÇA FLORIANO n.º 55 — Tel.: 2-6305

M I L A G R E

NO anno de 2412 da era dos Trez Corpos, no quarto dia depois do solstício do inverno, s. m. Baal Thezar, o Rei Negro, príncipe dos Astrónomos e protector da Africa, recebeu, no seu palacio astronomico de Khartum, a visita de ss. mm. Men Kio Hoang Ti, o Rei Amarello, príncipe dos Analystas e dos Philosophos, imperador da Asia, e Gaspar, o Rei Branco, príncipe dos Physicos, dictador da Europa. Com sete mezes de antecedencia os diplomatas haviam laboriosa e minuciosamente preparado esta entrevista dos trez augustos reis, os mais poderosos do planeta; entrevista em que todos os povos, amarellos, negros e brancos, fundavam grandes esperanças: pois se tratava de tornar para sempre indestructivel a paz ainda periclitante e provisoria de que o mundo gozava havia apenas uma vintena de seculos.

Ora, pois, sobre o mais alto terraco do palacio astronomico, á hora pomposa do cahir do sol, s. m. Baal Thazar, sob a purpura esplendorosa do cõo recamado de ouro, recebia solennemente seus convidados, e, segundo os ritos, lhes offercia primeiramente o pão, o sal e o vinho. Sobre o terraco mesmo em que os acolhia, uma mesa redonda havia sido preparada. E os trez reis ceiaram, emquanto o povo de Khartum, aglomerado á volta do palacio, observava de longe e se rejubilava, esperando a paz eterna.

Em breve a noite substituiu o dia. Uma noite de Africa, limpida e calida. A purpura dourada do crepusculo succederam as pedrarias estellares e o lapis nocturno, e a ceia real se rodeou de mysterio e de poesia.

Tendo então chegado a hora dos votos reciprocos, o Rei Negro levantou bem alto sua real taça de rubis e foi o primeiro a falar, em sua qualidade de amphitryão:

— Senhores, — disse — orgulhosamente me regosijo de ter reunido vossa majestade á volta desta mesa redonda. E a lembrança deste dia illustre viverá dez mil annos.

O Rei Amarello, que era um ancão, foi o segundo a falar:

— Senhores, — disse — docemente, me regosijo, imaginando a paz que, á volta desta mesa redonda, tentaremos conquistar. Possa essa paz durar dez mil annos.

O Rei Branco, que era um joven, falou em terceiro lugar:

— Senhores — disse, imperioso — essa paz durará dez mil annos. Poderia a guerra, no seculo actual, morta ha cem gerações, resurgir?

E discorreu, elogiando sem medidas a época presente, segundo o habito dos moços:

— Os sabios reis nossos antepassados fundaram, ha já 2412 annos, esta era dos Trez Corpos, que commemorava a solução definitiva do mais importante trabalho de analyse e de astronomia que jamais foi resolvido. E, assim, derrubaram as ultimas religiões, já desarrraigadas, e em seu lugar elegeram a sciencia. Não é justo dizer que neste dia prodigioso o mundo foi realmente fundado uma segunda vez? Que vossas majestades se dignem recordar o tempo barbaro e quasi bestial dos deuses, dos padres, dos demagogos e dos prophetas; o tempo das superstições, o

tempo das guerras, o tempo das democracias, o tempo dos comunismos, o tempo das anarchias e que meçam o abysmo que separa a nossa actualidade luminosa dessa detestavel obscuridade... A humanidade lamentavelmente se debatia nos dedalos da floresta traçoira dos preconceitos, das ignorancias, das chimeras e das falsas maravilhas. Mas os sabios reis nossos antepassados foram lenhadores formidaveis. Seus machados abateram a floresta, a vorpor arvore. Tragica e debastadora tarefa! A humanidade não quer ser libertada. Os povos recusavam a liberdade e se agarravam desesperadamente á mentira. Os papas abatidos, os tribunos lhes succederam. Depois do paraiso celeste, o paraiso terrestre precisava ser varrido das imaginações e delirio... Depois das utopias e esperança e da caridade, eram as utopias de igualdade e fraternidade de que era preciso desfazer... Mas a obra, emfim, foi terminada. E o mundo completamente reconstruido, sobre as solidas bases das hierarchias scientificas, reconstruiu logica e harmoniosamente, segundo as leis architecturaes dos precursores Darwin, Spencer, Kant, Tseu, recuperou a felicidade mediocre, que é o apanagio de todos os seres vivos. Senhores, a nossa pés as trezentas mil casas de Khartum scintillam illuminadas. Cinco milhões de homens nos contemplam, cinco milhões de homens libertos e resignados: libertos e crencas vãs, resignados á felicidade mediocre. Que seriamos nós reis e sabios, se esses homens obtivessem de nossa sciencia e nossa realza a paz eterna que clamam?

Enthusiasta, o Rei Negro ergueu sua real taça de esmeralda. O Rei Negro, sua real taça de rubis em mão, apoiou-o. Porém o Rei Amarello se desculpou de não beber pois era velho. E sua real taça de jade ficou cheia.

Ora, eis que uma estrella cadaveriscou o firmamento.

— Um bolido — disse o Rei Astronomico.

O astro errante, apparecendo zenith, abria lentamente passadouro por entre as constellações e desapparecia para o horizonte do norte.

L I T E R A T U R A F R A N C E Z A

Curso completo de Literatura Franceza

pelo Dr. Edgard Liger-Belair, — professor auxiliar de francez do Collegio Pedro II, — titular da cathedra de Literatura Franceza do Collegio Jacobina.

Aulas ás terças e sabbados, das 4h,15 ás 5h,15, exclusivamente em francez. Já foram iniciadas.

Informações pelo tel.: 6 - 3063

Dr. Francisco Guimarães

CIRURGIÃO

Trav. OUIDOR 36

PHONE: 3-5289

De Claude Farrère

— Aonde vae? — interrogou o Rei Physico.

— Para a terra, com que collidirá sem duvida.

O Rei Philosopho guardava silencio.

— E realizando-se essa collisão — observou o Rei Branco — não será de temer uma catastrophe.

— E' provavel — respondeu o Rei Negro.

A estrella desaparecera.

— Vossos astronomos — inquiriu o Rei Branco — sabem determinar o ponto do planeta com que se chocará o bolido?

— Elles o sabem

E com o dedo fez funcionar uma campainha.

— Os cinematographos do palacio devem ter photographado a curva luminosa do bolido. O calculo dessa curva será facil. Daqui a pouco a curiosidade de vossa majestade será satisfeita.

Nesse momento accorreram dois secretarios e, ajoelhando-se, apresentaram ao soberano, sobre uma bandeja de marfim, uma folha manuscrita, Baal Thezar pegou a folha e a passou ao dictador da Europa.

— O bolido — leu o dictador — cahiu a 31°40' de latitude norte e 2°18' de longitude este.

— Do meridiano de Khartum — completou o protector africano. — E', aproximadamente, a arca de Jerusalém, na Judéa.

Então o imperador da Asia falou:

— Senhores, disse — já que, segundo todas as apparencias, esse bolido cahiu sobre uma provincia habitada por muitos seres humanos, o nosso dever de reis nos obriga a soccorrer esses entes attingidos por um golpe imprevisito. Amanhã nossos ministros tomarão as medidas que a equidade dita. Mas por que não irmos nós, immediatamente, ao local sinistrado, levar as populações espavoridas o conforto de nossas reaes presenças?

— Se é do agrado de vossa majestade, o é tambem do meu — disse o protector da Africa.

— A distancia será vencida em alguns minutos — approvou a dictador Gaspar.

— Minhas aeronaves estão á disposiçao de vossa majestade — disse Men Kio Hoang Ti.

E mostrou por sobre o palacio, presa aos cabos de amarração, a frota aerea que o conduzia de sua capital chinesa.

Mas rapidas que um obuz despedido por um canhão, as aeronaves voaram em direcção ao Norte.

— Não iremos até Jerusalém — disse o Rei Amarello — Eis aqui os mappas da Asia Menor: o bolido cahiu sobre uma villa da Galliléa, mais meridional, denominada Bethlém...

Alguns minutos depois a esquadriha aterrissou.

O bolido incandescente ferira a terra com tal força, que nella penetrára profundamente. E a terra, violentamente perfurada, se fechára, sem mais transtornos, sobre o estranho projectil. De sorte que não havia nenhum vestigio do phenomeno, a não ser uma coloração escurificada do solo, no lugar em que se abatêra, dizia o povo, uma prodigiosa estrella. Antes, erguera-se lá uma habitação. Não se via mais nada, a não ser uma dependencia isolada, a estrebaria. E nessa estrebaria, uma familia de mendigos, pac, mãe e bebê recém-nascido, nada haviam soffrido com o cataclysmo.

Os trez reis chegaram á porta aberta. Camponezes e pastores ahí se agglomeravam com exclamações confusas, em que se intercalava a palavra milagre. Todos se afastaram deante dos reis, que se encaminhavam precedidos pelos guardas.

— Que clama essa gente? — inquiriu o Rei Gaspar.

— Admira-se de que a criança tenha sido poupada — traduziu o Rei Men Kio, que comprehendia todos os dialectos da Asia.

— Grande coisa, realmente! — zombou o Rei Baal Thezar. — O bolido, em vez de cahir sobre a estrebaria, cahiu sobre a casa. Não tinha o dom da ubiquidade!

Aproximou-se do recém-nascido, que dormia, nú, sobre os joelhos de sua mãe. Fóra, a neve cobria as montanhas da Galliléa. E a criança adormecida estremeceu.

— Faz frio — murmurou o Rei Branco.

— Vamo-nos — disse o Rei Negro.

Mas, antes de partirem, o Rei Amarello, compassivo, desabotoou o manto de arminho e o jogou sobre o bebê tritante...

Depois seguiu os companheiros. E sorria: pois se recordava das soberbas palavras do Rei Gaspar; e, em volta, ouvia o povo — o povo liberto e resignado — proclamar que os Trez Reis haviam trazido presentes para o Menino poupado pela Estrella, e que, portanto, esse Menino devia ser um Deus...

PRECISANDO
DEPURAR O SANGUE
TOME
ELIXIR DE NOGUEIRA
Combate a SYPHILIS,
RHEUMATISMO E
FERIDAS EM GERAL



Estes dois grandes remédios formulas do Ph. Ch.
— João da Silva Silveira
são o orguiho da Pharmacopéa Brasileira!!!

Fracos — Anemicos

TOMEM

VINHO CREOSOTADO

Combate as TOSSES,
BRONCHITES,
GRIPES, CATHARROS
DO PULMÃO



Prompto soccorro á
domicilio da Casa de
Saude Dr. Francisco
Guimarães.

PHONE: 2-8050

(Continuação do numero anterior)

A senhora Edelstein carregou a frente.
— Bem sabes, minha querida filha, disse ella, que eu não gosto de te deixar andar na companhia do marquez de Sarien, pois que não approvo o projecto de casamento de que tanto te occupas, de uma maneira que acho até singular. Suzana ficou contrariada.

Os seus scrolhos lindos e arqueados, franzi-ram-se sombriamente.

— E tu sabes, mãesinha, que, eu apesar do intimo amor que te consagro, não abandono este projecto.

— O marquez parece-me ser, justamente, o ho-

Musa

*Por ti, eu tenho a crispação dolorosa
das mãos humildes dos mineiros
procurando o ouro.*

*Por ti, padeço a agonia dos germens,
deslumbrados,*

*quando o ar, a luz, o sol
inundam os ambientes.*

*Por ti, soffro os anseios multiplos das cellulas,
quando o sangue roveja das arterias,
e a saudade da vida.*

quando as luzes começam a morrer.

*Por ti, sinto o desespero das montanhas,
abrindo-se em vulcões,*

*e a embriaguez dos espaços,
tontos de ether,*

*e o espasmo das arvores,
inebriadas de seiva,*

*e a angustia infinita dos mundos,
torturados pela distancia.*

RUY DE CASTRO

Drs. Heliodoro e Carlos OSBORNE RAIOS X

Radio diagnostico radiotherapia e exames
em residencia.

CURSOS PRATICOS DE RADIOLOGIA PARA
MEDICOS E ESTUDANTES

Edif. Odeon, 7.º and. - 2-6034

SALAS 718 e 719

Residencia:

RUA COPACABANA, 1052 — Tel.: 7-3866

A Resurreição

(SHERLOCK HOLMES)

— Vem cá, minha irmã, disse Ephraim, ao mes-
mo tempo que se levantava pegando na mão de
Suzana, tu sabes que nós temos sido sempre dois
bons amigos; responde, pois: amas o marquez?

— Amar? respondeu Suzana; oh, meu Deus, a
gente pode lá estar apaixonada por um homem
até a raiz dos cabellos? Isso é bom para as es-
tureiras — esse tempo já já vai para mim, ha-
 muito. Elle fez uma linda carreira, conseguiu do
governo uma alta collocação, é rico, muito ama-
vel, e mais od que tudo é um homem numa idade
já algum tanto madura; é justamente isto que me
agrada.

— Incompreensivel! exclamou Ephraim; eu
conheço muitissima gente, minha irmã, que chama
a esse marquez um ambicioso mediocre, uma ca-
beça óca.

— E, no que diz respeito á sua riqueza, ella é
posta em duvida; affirma-se até que elle só pensa
em arranjar um bom partido, para poder pagar
os seus credores.

— E este bom partido és tu minha irmã. Agon-
mem de que eu preciso para ser feliz, e depois
isto é um negocio que só eu resolverei.

dize francamente, não será pena, se vieres a per-
tencer a um homem que apenas te faz sua mu-
lher por causa do teu dinheiro?

— Ephraim, eu não te consinto esse tom em re-
lação ao marquez; não falles d'esse modo a ser
respeito.

— Eu já percebo; colligaram-se ambos hoje
contra mim.

— Mas eu declaro mais uma vez que nenhuma
força da Terra me pode separar do marquez, e
com isto fiquem sabendo, que muito breve esta-
remos noivos; já combinamos isto.

— Não, não, querida mãesinha, nem mais uma
palavra, tu bem sabes, a tua Suzana neste as-
sumpto, guia-se pela sua propria cabeça, e agora
agora vou-me embora... é já muito tarde.

Correu logo para a mãe, beijou-a, apertou a
mão ao irmão e sahio a toda a pressa.

A senhora Ethelka Edelstein não pôde conter
as lagrimas e disse soluçando:

— E dizer que luctei como uma heroína pela
minha filha, para nem um conselho me consentis-
no assumpto mais importante da sua vida; não
falar com ella se pode; ah, é realmente triste.

— A mesma vontade que vence os estranhos te-
de se submeter á vontade dos filhos.

— Consola-te minha mãe, atalhou Ephraim
abraçou ternamente a senhora de cabellos bran-
cos. Suzana ainda não é a esposa do marquez,
espero que nós achemos um meio de impedir
esse casamento.

— Ah! meu filho, não creio; Suzana é obsti-
nada, e quem... quem havia de convencer Su-
zana de que ella não pode ser feliz com o ma-
rquez?

— O sr. Holmes, de Londres, annunciou n'este
momento um creado que apparceu a uma porta
inteiramente aberta.

O annuncio do creado souo como uma resposta
á pergunta inquieta que agora mesmo acabava
de proferir, a tremer, os labios da senhora Ethel-
ka Edelstein.

do Judeu

— Por CONAN DOYLE

Holmes dirigiu-se para a senhora Ethelka Edelstein, pegou-lhe nas mãos e levou-as respeitosa-mente aos lábios.

Era uma cousa muito pouco vulgar no policia-amador, isto delle beijar a mão a uma senhora, e poucas se podiam gabar desta distincção.

O grande conhecedor dos homens admirava a senhora Ethelka Edelstein, os seus raros dotes de espirito e sobretudo a sua generosidade. Com estas qualidades costumava ella praticar as mais bellas e mais nobres obras da philantropia.

Depois apertou a mão a Ephraim e sentouse na cadeira que a senhora Ethelka Edelstein lhe offereceu em frente della.

— Primeiro que tudo meu amigo, começou Ephraim queira aceitar os nossos mais sinceros agradecimentos, pois por nossa causa teve de sofrer uma enorme fadiga.

— Não foi muito grande, respondeu Sherlock Holmes; para viajar através da linda Alsacia, não é preciso fazer grande esforço.

— Então, descobriu alguma cousa? Está satisfeito com o resultado da sua viagem? perguntou Ethelka, agitada.

— Podia afirmar que descobri tudo, respondeu Sherlock Holmes, e nada mais falta de facto, para mandar prender o assassino, pois conheço-o.

— Mas permitta-me, minha senhora, que desenrole em poucas palavras o quadro dos acontecimentos, que deram logar ao assassinato do seu querido marido.

— Ha cerca de trinta annos, começou Sherlock Holmes a contar, depois da dona da casa ter dado o seu assentimento com a cabeça, vivia em Varsovia um illustre cambista, chamado Edelstein.

— Elle tinha uma mulher a quem muito queria, e dois filhos ainda pequeninos, um rapaz, que poderia ter uns dois annos e uma menina de poucos mezes.

— Edelstein tinha uma numerosa clientela e não pertenciam a esta judeus apenas, mas ao contrario tambem russos distinctos e de grande cathegoria social, que tinham absoluta confiança no cambista, porque era considerado um homem da mais completa probidade.

— Edelstein tinha pouco a pouco chegado a ter relações directas com o governo russo, e um dia foi escolhido para um negocio que não só exigia um homem de grande coragem e de grande circumspecção, mas para a qual tambem era necessaria uma especial sagacidade.

— O governo russo soubera que se achava em poder de Napoleão III uma particula da cruz que era propriedade de um convento patriarchal protegido do governo.

— Edelstein foi então encarregado de ir a Paris, onde se podia apresentar absolutamente insuspeito junto dos seus correligionarios, enquanto tratasse de se apossar da preciosa reliquia.

— Chegou a Paris, e encaminhou a sua missão com tal circumspecção e habilidade, que conseguiu em pouco tempo realizar o seu desejo.

— Descobriu um homem, acerca do qual depressa adquiriu a convicção de que tudo faria por dinheiro. Aquelle homem trabalhava como secretario numa das repartições secretas, por onde passavam todas as cartas do imperador.

— O banqueiro Edelstein comprou então este secretario para roubar aquelle thesouro e lh'o entregar. Logo que se viu senhor delle, Edelstein partiu de Paris a toda a pressa, levando-o consigo.

— Elle sentia-se a principio bastante em segurança pois não podia conceber de que maneira, mesmo quando se dêsse por falta do objecto, poderia recahir sobre elle qualquer suspeita.

— Ainda assim viajava por terra, vestindo um grande caftan, como costumam uzar os judeus polacos, e fazia-se passar por um negociante que tivesse negccios em toda a parte.

— Não tomou cocheiro algum ao seu serviço, e apesar de se estar no mais rigoroso inverno, era elle proprio quem guiava o trenó.

— De repente Edelstein fez a descoberta grave de que era prseguido.

— Esteve quasi a ser apanhado pelos que o perseguiam, numa cidade da Alsacia, mas conseguiu já

(Continúa na pagina seguinte)

Paz

— *Faça o favor de não me acompanhar, pois não desejo mais tornar a vel-o. O senhor não me pôde interessar, E eu não attenderei ao seu appello!*

— *Mas, senhorita, vcmos conversar...*
— *Eu não desejo mais tornar a vel-o!*
— *Trez minutinhos para eu me explicar...*
— *O tempo é curto, e não convém perdê-lo.*

— *Por Deus, não seja máu, não me persiga.*
— *Acabemos, então, com essa briga.*
— *Eu não attenderei ao seu appello!*

— *Vem matar, queridinha, o meu desejo. Vem florir minha bocca com teu beijo...*
— *Canalha, vou vingar-me, vou mordê-lo!...*

HORACIO MENDES

E' UM METHODO ESSENCIALMENTE PRATICO

o de fazer uso de um depurativo para combater as consequencias da terrivel syphilis, a grande inimiga da humanidade! Um depurativo como o

LUESOL

por exemplo, além de offerecer todas as garantias, está sempre prompto a ser usado, sem exigir dieta ou regimen! E' um remedio pratico e efficaz, como se deseja hoje em dia.

A' venda nas principaes drogarias e pharmacias.

quasi no derradeiro momento, metter-se no seu trenó e escapar-se.

"Sahiu dali no meio da mais terrível tempestade do inverno, e felizmente alcançou um pequeno logar, Neudorf, que está situado muito proximo de Strasburgo.

"Daqui porém é que elle não foi mais para diante. O cavallo estava sem forças, estafado. Edelstein mesmo estava meio entorpecido; quizesse ou não, tinha de procurar abrigo numa hospedaria da pequena aldeia.

"Com effeito passou a noite de 23 para 24 de fevereiro, numa estalagem que tem não sei porque razão o nome do "Bom Anjo", pois que nenhum bom anjo velou por Edelstein.

"Pelo contrario, elle devia ter presentido, que naquella noite estava perdido.

"Mesmo que estivesse seguro na estalagem, tinha comtudo razão para receiar que na manhã seguinte os seus perseguidores o alcançassem.

"Elle presentia que o prenderiam.

"Mas neste caso teria sido para elle da mais grave consequencia a posse daquella preciosidade. Por isso arranjou Edelstein um meio de se ver livre daquelle thesouro sem todavia o destruir.

"No quarto onde pernoitava, levantou o papel da parede, escondeu por detraz delle o pequeno volume e tornou a collar de novo o papel com toda a firmeza.

"A uma determinada altura estava pendurado um quadro que encobria o logar.

"A's cinco horas da manhã seguinte poz-se Edelstein a caminho, mas infelizmente não foi longe; foi apanhado por aquelles que o perseguiam.

"Os archeiros estavam na floresta a espera delle e no seu encaço vinha o dono da estalagem onde passara á noite.

"O infeliz tinha imprevidentemente deixado ver um cinto cheio de dinheiro, e o estalajadeiro estava resolvido a assassinal-o para se apoderar do dinheiro.

"Mas não chegou a ter de carregar com um assassinato na sua consciencia.

"Antes de Pierre Ribodin, assim se chama o estalajadeiro, ter alcançado o infeliz, já elle era cadaver.

"Os archeiros haviam-no apanhado na floresta e tinham-no morto.

"Depois procuraram em vão no cadaver a particula da cruz. Não a encontraram, e assim derramaram sangue inutilmente.

Ephraim fez um signal ao recém-chegado para interromper por um momento a narração.

A senhora Ethelka tinha deixado cahir a cabeça sobre o peito e dos seus olhos brotavam duas grossas lagrimas.

"O resto sabe-o, madame Edelstein, continuou Holmes depois de uma curta pausa. Sabe que o cadaver do assassinado foi encontrado, sabe que um vadio chamado Gaspar Brand foi accusado e condemnado, e que o infeliz soffreu dez annos de trabalhos forçados, apesar de estar absolutamente innocente na morte do seu marido.

"O estalajadeiro está tambem innocente, só commetteu o crime de roubar o cinto com o dinheiro, do cadaver.

"E agora perguntar-me-á: quem teve realmente a culpa do attentado e morte de seu marido?

"A minha resposta é a seguinte: ninguém senão aquelle secretario que roubara a sagrada joia e a vendera a seu marido.

"Este homem era um patife de duas caras.

"Depois de ter feito o negocio com Edelstein e de ter recebido 15.000 francos da sua mão, obteve uma audiencia do imperador que tambem lhe foi proveitosa.

"Nesta audiencia participou elle a Napoleão III, que o seu collega, um empregado absolutamente honesto e integro, tinha vendido a reliquia a Edelstein e que o judeu polaco tinha fugido com ella.

"O imperador ficou encolerizado no mais alto gráo e mandou prender immediatamente o empregado que o canalha do secretario acusara, estando innocente de tudo.

"No carcere sobreveiu ao infeliz uma tal desesperação que se enforcou com uma toalha.

"Com esta acção inconsiderada confirmou, porém, a suspeita em que já andava envolvido.

"O secretario recebeu a incumbencia de, com quatro homens com cuja discipção se podia contar, perseguir o judeu polaco.

"Foi-lhe ordenado que o prendesse e lhe exigisse a preciosa joia.

"O secretario sahio-se ás mil maravilhas da sua missão.

"Matou Edelstein, visto que para elle era importante que o homem não podesse vir a comparecer perante um tribunal francez, aliás appareceria o patife do secretario como cúmplice.

"O secretario regressou á Paris e, recebeu pela lealdade que mostrara para com o imperador nada menos de 20.000 francos como presente imperial e um alto titulo.

"Foi elevado á cathogoria de nobre, usou dah em diante uma condecoração ao peito e desempenha na córte um papel nada insignificante.

"Aqui tambem se recompensa a patifaria á custa da innocencia, como tantas vezes acontece neste mundo.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.)	48\$000
Semestre (26 »)	25\$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.)	70\$000
Semestre (26 »)	36\$000

PARA O ESTRANGEIRO

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.)	78\$000
Semestre (26 »)	40\$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.)	116\$000
Semestre (26 »)	60\$000

As assignaturas terminam e comegam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Ilustrada
EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
Endereço teleg.: FON - FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
Comptoir International de Publicité Garçon & Levis
Rue Tronchet, 9 — France
— Paris VIII Ludgate Hill.
Londres.

Venda avulsa 1,000
Numero atrazado 1,200